



ESTUDO DE AVALIAÇÃO

Orquestra Geração

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS – IGOT (UNIVERSIDADE DE LISBOA)

2012

Equipa de Autores

Jorge Malheiros

Isabel André

João Reis

Vítor Costa

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Índice

Nota de abertura	5
1. Música para a inclusão social	9
1.1. As artes como instrumentos de inovação social em meios adversos	9
1.2. 'El Sistema' e o modelo inspirador	17
2. Nascimento e percurso da OG	21
2.1. A criação da OG e o desenvolvimento do projeto.....	21
2.2. Agentes e Apoios/Organização da iniciativa	26
2.3. Recursos e Investimentos.....	30
3. Onde Tocam as Orquestras	35
3.1. Os territórios das escolas das Orquestras Geração – dinâmicas demográficas e características sociais	35
3.2. As Escolas e os Agrupamentos Escolares	44
4. Quem faz tocar as orquestras	49
4.1. Quem são e o que dizem os professores, os coordenadores e os diretores das escolas	49
4.2. Quem são e o que dizem as Crianças	67
5. Os ecos das orquestras	81
5.1. Apresentações públicas.....	81
5.2. Famílias e Comunidades	86
6. As notas essenciais	101
6.1. Matriz SWOT	101
6.2. Síntese dos resultados	102
6.3. Recomendações e questões em aberto.....	105
Referências Bibliográficas	109
Índice de Figuras	111
Índice de quadros	112
ANEXOS	115

Nota de abertura

Ao clicar no Google ‘Orquestra Geração’ surgem 1 390 000 resultados (20 julho 2012). É muito? A Fundação Calouste Gulbenkian tem 2 560 000 e a Casa da Música do Porto 5 860 000. Estes valores (aproximados) evidenciam bem a visibilidade da OG.

Sendo a Orquestra Geração uma iniciativa muito reconhecida por diversos agentes e instituições ligados à música, ao ensino e ao desenvolvimento social, com uma dinâmica muito intensa no curto período de vida que tem, importa compreender até que ponto cumpre efetivamente os seus objectivos – associados à integração social de crianças e jovens que vivem em meios adversos – e que recursos mobiliza.

Este estudo de avaliação, que partiu de uma iniciativa conjunta das fundações que apoiam o projeto (Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação EDP e Fundação PT), da Área Metropolitana de Lisboa e da Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN) e foi elaborado por uma equipa do Centro de Estudos Geográficos do IGOT- Universidade de Lisboa, procura responder àquele desafio, incluindo os seguintes pontos principais:

- Retrato da iniciativa, identificando com rigor a estratégia seguida, os agentes envolvidos e os recursos mobilizados.
- Balanço dos resultados obtidos quer na óptica das crianças envolvidas quer no das suas famílias e comunidades escolares.
- Identificação das forças e fraquezas, bem como de recomendações para a continuação e desenvolvimento do projeto.

À semelhança do que está a acontecer em França e na Escócia, onde já se realizaram estudos de avaliação ¹ das iniciativas correspondentes à Orquestra Geração, este conjunto de informações e reflexões permite perceber melhor os impactos da OG em diferentes domínios (escolar, social, do ensino da música e da sua difusão...), efetuar algum balanço custos-benefícios, fundamentar a pertinência da iniciativa e ainda ampliar a sua visibilidade, tornando mais seguros e ajustados os passos futuros.

¹Adrian Hille (2010) ‘Etude d’impact des *Orchestres à l’Ecole*’. The Scottish Government (2011) ‘Evaluation of Big Noise, Sistema Scotland’, ambos disponíveis on-line.

O estudo de avaliação teve início com um *workshop* realizado a 28 de Outubro de 2011 na Fundação Calouste Gulbenkian. Participaram as entidades que apoiam a iniciativa, diretores das escolas, coordenadores das OG e professores, num total de 41 pessoas. Esta sessão de trabalho, muito participada, permitiu testar e ampliar as questões que conduzem o estudo de avaliação em conjunto com os pontos já enunciados. O vasto conjunto de tópicos sugeridos e debatidos no referido *workshop* está incluído nas entrevistas e nos inquéritos que integram o estudo de avaliação.

QUESTÕES E TÓPICOS DE ORIENTAÇÃO INICIAL- *WORKSHOP* DE 28 DE OUTUBRO

Questão 1 - O que deve ser avaliado?

Capacitação e motivação das crianças | Percursos das crianças | Sucesso educativo (atitudes, comportamentos, ...) | Resultados escolares | Projeto Educativo | Valorização cultural das crianças e das famílias | Participação das famílias | Impacto nas famílias e na comunidade | Integração social | Relações interpessoais.

Questão 2 – Quais os principais problemas?

Articulação da estrutura OG com as escolas | Articulação dos horários e dos espaços | Estrutura de gestão e coordenação global | Atitudes face aos alunos mais difíceis | Desempenho musical | Sustentabilidade financeira do projeto | Continuidade do projeto.

Questão 3 – Quais os aspetos mais positivos?

Contributo para a formação pessoal e social | Enriquecimento cultural dos alunos, das famílias e da comunidade | Ganhos de autoestima | Oportunidade e igualdade para todos | Promoção da inclusão social | Divulgação da música | Despertar de vocações.

Questão 4 – Outras sugestões....

Alargamento do projeto a mais alunos e escolas | Motivo da existência de listas de espera nas OG | Envolvimento dos alunos mais carenciados | Acompanhamento do percurso dos alunos | Articulação da OG com a Educação Musical | Inclusão da OG num programa educativo nacional | Criação de uma entidade/estrutura central com espaço físico próprio | Novos parceiros/patrocinadores | Relações da OG com a administração central e local.

Mantendo o princípio de participação que associamos ao estudo, este será concluído com uma sessão de validação do Relatório Final, em que será dada oportunidade aos vários agentes envolvidos no processo de, para além de apresentarem sugestões e efetuarem críticas ao documento, avançarem com ideias relativamente a recomendações que, no futuro, podem

contribuir para melhorar o projeto OG. Em termos de estrutura, o presente relatório final organiza-se em 6 capítulos.

No primeiro – *música para a inclusão social* - faz-se um enquadramento do projeto, apresentando uma breve discussão do tema, assim como os principais traços do contexto internacional (conceito e métodos). O segundo – *nascimento e percurso da OG* - foca a criação e expansão da Orquestra Geração em Portugal e analisa a organização atual da iniciativa (agentes e apoios), bem como os recursos mobilizados e a estrutura de custos. Estes dois primeiros capítulos baseiam-se na revisão bibliográfica e na pesquisa documental.

No terceiro capítulo – *onde tocam as orquestras* – traça-se o perfil atual das escolas com OG e dos territórios onde se localizam. O quarto – *quem faz tocar as orquestras* – detém-se nas características, opiniões e representações dos protagonistas principais: crianças e professores. O quinto – *os ecos das orquestras* – apresenta os resultados e impactos da atividade das orquestras, quer os imediatos, como os encontros e eventos, quer os mais diferidos no tempo, como os efeitos no percurso escolar das crianças ou nas suas famílias e comunidades locais. Estes três capítulos estão especialmente ancorados na recolha direta de uma grande quantidade e diversidade de informação, abrangendo três tipos de dados: estatísticas sobre as freguesias (INE- Censos), as escolas e os alunos (Ministério da Educação e Ciência), informação disponibilizada pela coordenação da OG, entrevistas a diretores de escolas e coordenadores locais das OG (10 entrevistas), inquérito aos professores (91 respostas válidas num universo de 94 docentes), inquérito aos alunos das OG (413 respostas válidas) e aos seus colegas que não frequentam a OG (242 respostas válidas) e inquérito às famílias dos alunos das OG (333 respostas válidas).

O último capítulo – *as notas essenciais* - evidencia os aspetos mais importantes da análise, apresenta um diagnóstico e avança um conjunto de recomendações.

1. Música para a inclusão social

1.1. As artes como instrumentos de inovação social em meios adversos

As expressões artísticas clássicas representam frequentemente traços de 'distinção' social associados às elites. É nesta óptica que ainda atualmente faz sentido a diferença entre cultura popular e 'alta' cultura, bem nítida, por exemplo, no caso da música (pop, rock, jazz, sinfónica,...), do teatro (comédias populares, Shakespeare, Brecht, ...) ou da dança (folclórica, hip-hop, ballet clássico, ...). De facto, a música clássica ou o rock não têm o mesmo significado social, assim como o ballet clássico e a dança folclórica se associam a culturas socialmente distintas. Nesta diferenciação, interfere também a diversidade geográfica dos padrões culturais associados ou não a identidades étnicas.

A análise e a avaliação da Orquestra Geração (OG) não podem deixar de estar ancoradas no debate sobre o papel das artes na sociedade, sobretudo quando emergem e se desenvolvem fora do quadro sociocultural onde normalmente se expressam. Interessa compreender, em particular, até que ponto e de que forma as artes podem funcionar como veículos importantes de inclusão e de inovação social. Isto significa refletir sobre o papel das artes em meios socialmente adversos, nomeadamente no reforço de competências pessoais, sociais e técnicas, bem como na criação de novos recursos e na promoção da liberdade e da autonomia individuais e colectivas. Se tivermos em conta o carácter transgressivo e a natureza crítica das artes (Lacoste, 2010), devemos mesmo questionar-nos sobre a sua capacidade enquanto motores de transformação da organização social e das relações de poder.

Artes e mudança social

O nascimento da modernidade incluiu uma reorganização dos domínios do conhecimento baseada numa interpretação racionalista da realidade. No final do séc. XVIII, Immanuel Kant contribuiu decisivamente para a afirmação das ciências modernas com a sua obra *Critique of Pure Reason* publicada em 1781, justificando e fundamentando os vários campos do saber. As artes não ficaram à margem desta reflexão e, em 1790 (*Critique of Aesthetic Judgment*), Kant enuncia alguns dos princípios que estruturaram a definição moderna das artes e que, passados mais de 2 séculos, mantém ainda grande atualidade, nomeadamente: (i) a arte contribui para o avanço da cultura por ser um importante veículo de comunicação; (ii) o que distingue a arte do artesanato não são as

capacidades mas sim os talentos, é a diferenciação entre imaginação e imitação; (iii) a arte produz ideias, através das representações da imaginação, enquanto a ciência produz conceitos construídos com base na razão (iv) ambos – ideias e conceitos – são os pilares que organizam o pensamento. (Schaeffer, 1992).

Atualmente, as artes são especialmente valorizadas não só no domínio da cultura mas também na esfera da economia e no campo social. Surgem recorrentemente como uma atividade capaz de 'distinguir' e nobilitar as pessoas, as organizações e os lugares e de promover o seu estatuto a níveis mais elevados (Roy-Valex, 2010). Esta convicção tornou-se particularmente importante para as novas elites que rapidamente dominam a economia e as estruturas políticas mas que dificilmente adquirem, com a mesma celeridade, o capital cultural, adquirido ao longo de gerações e entendido como património familiar, que caracterizava as velhas elites. Mas, o papel das artes na inovação social não é um fenómeno recente, da pós-modernidade. Esse contributo foi bastante nítido ao longo do século XX, especialmente até aos anos 70.

A relação dos artistas com a sociedade muda radicalmente nos séculos XVIII e XIX – de 'entertainers' da aristocracia a quem proporcionavam prazer e divertimento, passam a *freelancers* ou empresários que vendem as suas obras no mercado, a uma burguesia que tenta adquirir alguns dos padrões culturais da nobreza, especialmente no que diz respeito ao luxo e ao lazer. Ao mesmo tempo, a industrialização e as migrações destroem as atividades artesanais tradicionais, muito ligadas ao mundo rural. Neste novo contexto, marcado pela cultura urbana e industrial, pelo crescimento económico e por ritmos de mudança progressivamente acelerados "the idea of art itself has been invoked as representing, among many other things, an ideal of personal liberty, a utopian condition to which society might aspire, or a common right to participate in the creation of everyday culture" (Bradley, 2007:11).

Os movimentos revolucionários que marcaram o final do século XIX e o início do XX na Europa, transformaram radicalmente o entendimento da arte que passou a ser vista como um instrumento, uma tecnologia ao serviço da Revolução. O movimento Bauhaus, fundado em Berlim por Walter Gropius em 1919, é um interessante exemplo desta transformação. No início, defendeu a estetização da vida quotidiana, aderindo numa segunda fase ao funcionalismo industrial ao serviço do progresso político e económico (Bradley, 2007). A arte associada às ideologias anticapitalistas expande-se no século XX, com movimentos como o dadaísmo ou o surrealismo. Ambos contestam o racionalismo que comanda o desenvolvimento capitalista, quer mostrando a fragilidade do pensamento racional, quer salientando o papel do inconsciente e dos sentidos. Embora fortemente

reprimidas durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos 60 estas concepções da arte reemergem e assumem grande importância nas mudanças sociais, especialmente pela crítica que dirigem à sociedade burguesa e ao consumo.

Nos anos 60 e 70 do séc. XX, as artes associam-se também, por outras vias, à mudança e à inovação social. As lutas pelos direitos civis, especialmente importantes nos EUA, e as lutas anti-imperialistas em África e na América do Sul usaram a arte como um veículo privilegiado dos movimentos de libertação. A música de Bob Dylan ou de Joan Baez, nos EUA, a pintura de Malangatana, em Moçambique, ou as canções de Zeca Afonso, em Portugal, são exemplos expressivos desse papel crítico e libertador assumido pelas artes.

A génese da OG enquadra-se precisamente neste quadro. El Sistema começou por ser uma rede da sociedade civil venezuelana que desencadeou, a partir de 1975, uma mudança social profunda através da introdução da música orquestral na educação das crianças dos bairros mais pobres. Na realidade, após um longo percurso aqui muito brevemente resumido, a apropriação das artes 'eruditas' pela população, enquanto expressão cultural, só se dá realmente nos últimos 50 anos. Apesar do avanço social que corresponde à democratização dessas artes, a expansão do neoliberalismo a partir dos anos 80 representou 'um passo atrás', fazendo da criação artística uma mercadoria altamente valorizada nos mercados, ou seja, incorporando-a inteiramente na lógica da produção capitalista. Com algumas exceções (como a *rave-music* no UK), as artes, em geral, e as artes visuais, em particular, tornaram-se um negócio altamente lucrativo. No âmbito do território, a arte-mercadoria tornou-se um instrumento primordial da valorização dos lugares, quer através da arquitetura quer por via dos museus, das galerias de arte, das grandes salas de espetáculos, etc.. A estetização do espaço e dos equipamentos urbanos é atualmente um dos factores que mais contribui para a valorização das cidades ou de áreas urbanas específicas (e.g. bairros culturais).

As empresas seguem o mesmo percurso, fazendo da criatividade um factor crítico de sucesso. "Artists found a new role in the so-called new economy as consultants and experts consumers who could be called upon to address social needs through creative thinking" (Bradley, 2007: 21). Existe, contudo, uma outra 'face da moeda'. O crescente acesso aos bens culturais e também a novos modos de produção artística, nomeadamente através dos meios digitais e da internet, permitem reforçar a democracia política através da democracia cultural, condição de emancipação individual e colectiva. A cultura deixa de ser entendida como um substrato social e passa a ser um recurso (Crevoisier and Kebir, 2007, citados por Roy-Valex, 2010), especialmente importante em contextos multiculturais, onde a arte surge, cada vez mais, como um veículo de afirmação e de celebração.

Só que esta transformação – a democratização cultural – corresponde, de certa forma, a uma dissociação entre estatuto social e ‘substrato cultural’. Ou seja, parece que a cultura e as artes não são mais veículos de promoção social. E porquê? “A passagem da sociedade industrial à chamada sociedade da informação, bem como a abertura crescente à circulação de bens, ideias e informação mudaram as condições de produção e de difusão da arte. Desde logo, o tempo curto da produção artística e da sua difusão deixou de estar em sincronia com o tempo longo dos comportamentos culturais. Esta *decaláge* contribui para a dissolução dos laços entre organização social e cultura.” (Caune, 2006: 28)

Entendendo a cultura como o “conjunto de relações simbólicas que originam o sentimento de pertença ao colectivo, na sua história e no seu destino” (Caune, 2006:29), a profusão da produção artística e a mudança rápida dos critérios que avaliam o seu valor estético fazem com que seja difícil ancorar nas artes as relações simbólicas associadas à identidade colectiva. Esta é uma questão em aberto: será que, no campo das relações sociais, a cultura e as artes seguem atualmente caminhos distintos? Desta questão decorre inevitavelmente uma outra: qual o papel das artes nas sociedades contemporâneas? Sabemos que valorizam os territórios e as organizações, sabemos também que facilitam a comunicação e o diálogo. Mas, promovem efetivamente a mudança social? Ou as elites sociais passaram a assegurar a sua hegemonia por outras vias e deixaram apenas a ilusão que a cultura associada às artes é um marcador de estatuto social?

A este estudo de avaliação interessa precisamente compreender o papel das artes, em particular da música clássica, enquanto agentes de transformação social em territórios socialmente adversos, ou seja, em lugares que combinam diferentes tipos de desvantagens e privações (sociais, económicas, físico-ambientais). A figura 1.1 sintetiza esse *rationale*.

Figura 1.1 – Inovação social através das artes



Em contextos locais de privação, as expressões artísticas podem constituir uma mais-valia importante. Permitem (re)construir a identidade local, muitas vezes em espaços de encontro e confronto de diferentes culturas étnicas. Contribuem para engendrar um sentido colectivo fortalecendo a coesão da comunidade em torno de objectivos comuns. Desenvolvem a criatividade, o pensamento crítico e podem incentivar a participação cívica. Para além destes contributos, as artes facilitam, como já se referiu anteriormente, a comunicação, juntando à linguagem verbal outras formas de expressão através das quais é mais fácil transmitir emoções, tensões ou sentimentos (André e Carmo 2010). Estas mais valias podem contrariar a reprodução das adversidades nas comunidades mais desfavorecidas, promovendo a autoestima e o orgulho, a emancipação social e política e possibilitando assim a eliminação de estigmas através do reconhecimento social por parte de outras comunidades e da sociedade em geral (André e Abreu, 2009). No essencial, podem ser veículos importantes de transformação e de inovação social.

A OG ilustra bem o que acabou de ser referido, uma vez que na sua génese está a preocupação de inclusão social através da participação numa comunidade artística que expressa os seus problemas e inquietações através da música. Por outro lado, alguns núcleos específicos, como os do concelho de Loures, resultam precisamente de contratos locais de segurança, o que evidencia a sensibilidade que

já vem sendo demonstrada pelo poder local e pelas autoridades governamentais responsáveis pela segurança interna.

Inovação social através das artes

As artes são frequentemente promotoras do pensamento e da atitude crítica e facilitadoras da comunicação, mobilizando as dimensões sensíveis da existência humana. Nesta medida, pode-se estimular a inovação social em quatro domínios principais: pedagogia, identidade (valor simbólico da comunidade e do lugar), desenvolvimento social e cidadania.

A inovação social corresponde a novas respostas dirigidas à satisfação das necessidades básicas, à transformação das relações sociais no sentido da equidade e da justiça e ao empowerment dos actores e agentes mais frágeis.

(Moulaert et al. 2005; Andre e Abreu, 2009).

Na óptica da pedagogia, é importante salientar os impactos positivos das competências e recursos desenvolvidos através da prática artística. Atualmente as competências escolares são decisivas para evitar a exclusão social (Machado *et al.*, 2003). São praticamente a única forma de contrariar as barreiras sociais ligadas ao meio familiar e ao seu capital social e cultural (Bourdieu, 1984).

A experiência artística permite complementar as competências escolares convencionais, muito ligadas às ciências e ao racionalismo. Os meios e as dinâmicas das aprendizagens artísticas são bem diferentes dos da sala de aula convencional, mobilizando frequentemente um conjunto de princípios e de práticas que valorizam a cooperação e o trabalho colectivo em vez da competição. Por outro lado, estimulam o pensamento crítico e a criatividade, competências essenciais para a inclusão social (André e Reis, 2009). Pela sua dimensão estética e devido ao reconhecimento social que lhes tem sido conferido, as artes surgem como importantes meios de combate à estigmatização das pessoas e das comunidades locais. Nos lugares de múltiplas privações, o risco de dissolução do 'sentido de comunidade' e o consequente desenraizamento das pessoas, sobretudo das crianças e dos jovens, é muito elevado.

Várias experiências têm revelado a grande capacidade das artes no combate à estigmatização individual ou colectiva através da reconstrução das identidades e dos significados simbólicos em que radica. Este processo desenvolve-se quer através dos indivíduos que participam em atividades artísticas e que disseminam a sua experiência na comunidade, quer por via das apresentações públicas (exposições, concertos, espetáculos de dança ou de teatro,...) que promovem a difusão cultural e, por outro lado, facilitam o reconhecimento social na comunidade e no exterior (André,

Henriques e Malheiros, 2009). As artes podem ser também alavancas importantes do desenvolvimento social, e.g. da qualificação do capital social (Bourdieu, 1986; Putnam, 1995) ou, por outras palavras, a estruturação, alargamento e densificação das redes sociais através das quais os indivíduos e os colectivos fortalecem a sua participação na sociedade (Porter, 1998; Horta e Malheiros, 2006). As expressões artísticas podem reforçar o capital social a diferentes escalas: na escala local dinamizando o processo de produção-disseminação-consumo e fazendo emergir os traços distintivos que levam ao reconhecimento da comunidade; na escala nacional e internacional, as parcerias e as redes são facilitadas pela partilha de linguagens comuns que fazem ultrapassar as barreiras linguísticas.

Finalmente, no campo da cidadania, as artes estimulam a intervenção pública na medida em que desenvolvem o pensamento crítico e a cooperação. Como assinala Martin (2006: 12), 'art compels us to seek in ourselves the authority by which we are obliged to one another in the fleeting, discretionary occasions for publics to gather together'. Acresce ainda que as artes podem dar um contributo decisivo para inovação social na medida em que permitem que as pessoas e os grupos expressem melhor as suas emoções, sentimentos e pensamentos que frequentemente são dificilmente comunicáveis através da linguagem comum. Através da comunicação, as artes contribuem certamente para preservar, negociar e reinventar as identidades em condições de adversidade.

Os concertos da OG em espaços de referência (Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Aula Magna da Universidade de Lisboa) são um bom exemplo do reconhecimento público e contribuem certamente para reforçar a autoestima das crianças e das famílias, bem como para atenuar os estigmas associados às comunidades locais de origem.

A visibilidade da iniciativa tem sido tão intensa que tem atraído o interesse dos principais canais de televisão e jornais e suscitou mesmo a atenção de outros criativos, nomeadamente a produção do documentário 'Orquestra Geração' de Filipa Reis e João Miller Guerra (Figura 1.2), estreado no DocLisboa 2011.

Figura 1.2 – Cartaz da exibição comercial do filme 'orquestra geração'



Retomando os aspectos cruciais da ligação entre as artes e a inovação social acima enunciados (Competências, identidade, desenvolvimento social e cidadania), a OG parece, à partida, criar condições favoráveis nos quatro domínios:

- *Competências* – a OG facilita a comunicação através de meios pouco habituais na escola, encoraja o trabalho em equipa e o desenvolvimento de sentido coletivo. Além disso, exige disciplina e esforço individual para o cumprimento de objectivos comuns.
- *Identidade* – a OG promove novas experiências relacionais e, sobretudo, reforça a autoestima das crianças, dos jovens, das famílias e até dos profissionais da educação.
- *Desenvolvimento social* – a OG cria (e nalguns casos concretiza) expectativas de futuro e desperta para projetos de vida improváveis nos contextos sociais de origem dos alunos.
- *Cidadania* – a OG incentiva a responsabilidade pessoal e colectiva inerente ao modo de funcionamento de uma orquestra o que facilita a transposição para outras situações.

Ao longo do estudo, a análise será conduzida de modo a validar (ou não) estas ideias baseadas em pesquisas exploratórias.

1.2. 'El Sistema' e o modelo inspirador

A génese de El Sistema situa-se em 1975 na cidade de Caracas e deve-se à iniciativa de José António Abreu, engenheiro, músico e político com fortes preocupações sociais, dentro da doutrina católica, e um carácter visionário e persistente. Nesse ano cria e dirige a Orquestra Nacional Juvenil 'Juan José Landaeta' que mais tarde adopta a designação de Orquestra Sinfónica Juvenil Simão de Bolívar.

“Ao idealizar a criação da orquestra, José António Abreu pensou sobretudo na dramática situação dos estudantes de música no nosso país. O que faz um jovem quando chega ao 6º ou 7º ano de estudos musicais? Geralmente deserta. Deixa a música e regressa a outros estudos, porque sabe que ao graduar-se como músico não terá onde trabalhar. Outros, mais afortunados, vão para o estrangeiro onde fazem carreira – por vezes uma carreira brilhante – o que contribui para uma lamentável fuga de talentos. De tal maneira, que uma orquestra destinada a acolher esses numerosos estudantes era logicamente a única solução adequada. A orquestra é assim o ponto intermédio entre a escola e a profissionalização.

El Nacional (Venezuela), 2 fevereiro de 1976

Depois de se debater com sérios problemas de sobrevivência, a Orquestra acaba por beneficiar do rápido crescimento da economia venezuelana associado ao petróleo acabando por dar origem à Fundação do Estado para a Orquestra Nacional Juvenil da Venezuela (fundada em Fevereiro de 1979) que define como objectivos a capacitação de recursos humanos altamente qualificados na área da música.

Nos anos 80, o contexto volta a ser de crise, mas, apesar das dificuldades, a Fundação sobreviveu e em 1993 recebe o Prémio Internacional de Música da UNESCO, o que torna o maestro e El Sistema referências internacionais incontornáveis. É neste contexto, facilitado também pela presença de José António Abreu no governo venezuelano enquanto ministro da cultura, que se consolida El Sistema com a criação em 1996 da Fundação do Estado para o Sistema Nacional das Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela (FESNOJIV). Mas, não mudam apenas as designações. Na década de 90, os objectivos principais passam a incidir explicitamente na inclusão social e as competências musicais são sobretudo entendidas como um meio para atingir esse fim.

[Uma orquestra é] “una comunidad que tiene por característica esencial y exclusiva, ella sola tiene esa característica, de que es la única comunidad que se constituye con el objetivo esencial de *concertarse* entre sí. Por tanto el que hace práctica orquestal empieza a vivir la práctica de la concertación. ¿Y qué significa en otras palabras la práctica de la concertación?: la práctica del equipo, la práctica del equipo que se reconoce a sí mismo como interdependiente, donde cada uno es responsable por los demás y los demás responsables por uno”

José António Abreu, documentário “Tocar y Luchar”

A ‘utopia realizada’ de José António Abreu abrange 3 campos complementares mas distintos:

Pessoal e social – O desenvolvimento integral da personalidade através da conjugação entre benefícios emocionais e intelectuais, incluindo o sentido de comprometimento, de responsabilidade, de generosidade e dedicação aos outros, bem como a capacidade de liderança. Salienta a importância do contributo individual para alcançar objectivos colectivos, processo que, na sua opinião, leva ao desenvolvimento da autoestima e da confiança (‘sentir-se alguém’).

Familiar – Em numerosos casos, sobretudo nas situações mais problemáticas, a criança passa a ser um modelo para a sua família (responsabilidade, perseverança e pontualidade, entre outras competências). Quando a criança percebe que é importante para a sua família começa a ter outras expectativas de futuro para si e para os seus famílias, o que leva a uma dinâmica social ascendente, desencadeada por novos sonhos e objectivos mais ambiciosos.

Comunitário – A dinâmica social das famílias repercute-se muito na comunidade local. Mas, para além disso, as orquestras são espaços culturais criativos, ‘fontes de trocas e novos significados’ (Abreu, entrevista TED, 2009).

Ainda nas palavras de José António Abreu, “mais do que estruturas artísticas, (as orquestras) são escolas de vida social porque tocar e cantar juntos significa conviver intimamente buscando a

perfeição e a excelência, seguindo uma disciplina rígida de organização e coordenação para buscar a interdependência harmônica de vozes e instrumentos.”

“Rodrigo Guerrero, the director of FESNOJIV’s Office of International Relations best describes the miracle of social service vs. musical goals. He says that the students are so excited by and dedicated to the musical fun and creation, they don’t realize until they leave El Sistema that it is really a social development program more than a musical one. The music is a means to change lives. And the means is so fully engaging, that the participants are don’t even notice how it is changing the trajectory of their lives.”

Booth (2009), p75-84.

Atualmente, existem 180 núcleos espalhados pelas várias províncias da Venezuela que integram 350 000 crianças e jovens. El Sistema foi relativamente imune à governamentalização da cultura empreendida pelos governos de Hugo Chavez e tornou-se mesmo uma bandeira do novo regime que estabeleceu metas muito ambiciosas, tais como atingir 1 milhão de crianças e jovens em 2019.

O conceito essencial de El Sistema é dar um sentido coerente a uma comunidade de aprendizagem através da música promovendo assim o desenvolvimento comunitário inclusivo.

“La música en sí misma es inclusiva, pues aglutina dimensiones intelectuales, sociales y afectivas, lo que la convierte en una herramienta ideal para el modelo de transformación social y educativo propuesto. En los casos de comunidades de aprendizaje se intenta implicar a todos los agentes en el trabajo conjunto, todos crean significados y todos participan emocionalmente en el proyecto.”

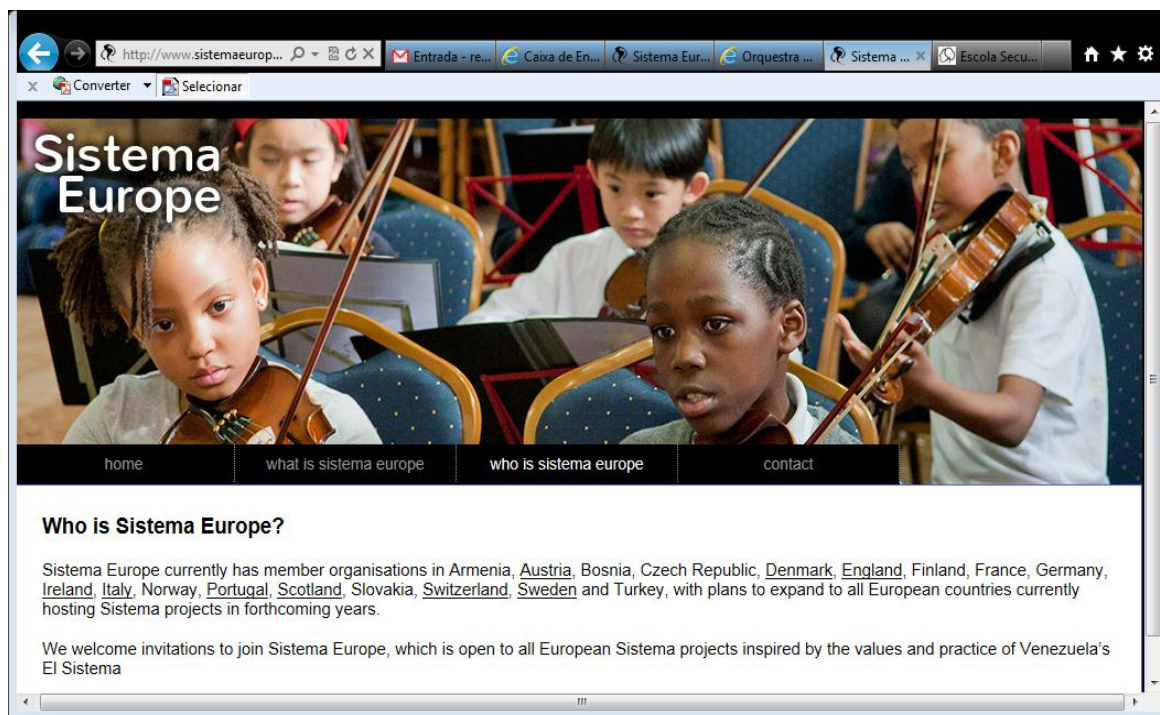
Marta Fernández-Carrión Quero (2011)

O método de aprendizagem é o mimetismo – as crianças aprendem a tocar música tal como aprendem a falar, imitando os outros. Baseia-se no funcionamento colectivo – a orquestra – guiado pelo interesse comum de interpretar uma peça musical. A colaboração é muito mais importante que a competitividade. O trabalho exige assiduidade, disciplina e esforço individual.

O trabalho musical adapta-se às idades. Os mais pequenos, a partir dos 3 ou 4 anos, praticam expressão corporal, canto e ritmo, a seguir passam para a flauta e para a percussão para aos 7 anos escolherem um instrumento. O instrumento é um aspecto muito importante na medida em que implica responsabilidade e responsabilização. Cada criança tem de cuidar do seu instrumento em permanência e só pode trocar de instrumento por razões muito fundamentadas, o que implica persistência e previne a instabilidade.

O sucesso de 'El sistema' está patente nos vários projectos que têm sido erguidos em várias latitudes que recolhem a inspiração e a metodologia no exemplo venezuelano. A figura 1.3 pretende ilustrar a criação, em fevereiro de 2012, de uma plataforma que reúne os projectos congéneres que estão em desenvolvimento em diversos países europeus.

Figura 1.3 – Sistema Europe – plataforma europeia do 'El sistema'



www.sistemaeurope.org/who.html(acedido em 10/11/12)

2. Nascimento e percurso da OG

2.1. A criação da OG e o desenvolvimento do projeto

O Projeto Geração tem início em 2005 apoiado pela Iniciativa EQUAL e desenvolvido em parceria pela Câmara Municipal da Amadora, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Trata-se de um projeto de desenvolvimento social que visa especificamente o combate ao abandono e insucesso escolares no Casal da Boba (Amadora). O Geração promoveu diversas atividades - ateliers, desporto, dança, música, ... - que convergiram na ambição de aumentar as competências das crianças e dos jovens do bairro e sobretudo de reforçar a sua confiança e autoestima, levando-as a construir um projeto de vida. Entre as várias ações deste projeto, destacou-se a Orquestra Geração (OG) que surge em 2007 e ganha rapidamente uma dimensão e visibilidade inesperadas, impactos que justificaram a sua continuação muito para além do Projeto Geração.

O arranque da OG contou com uma parceria mais vasta que a do Projeto Geração, incluindo a Escola de Música do Conservatório Nacional e vários agentes locais, como a Junta de Freguesia de S. Brás e a Escola Miguel Torga. Tratou-se de uma ação-piloto inspirada por El Sistema. É o resultado de uma conjugação de vontades colectivas e individuais. As reflexões conjuntas de António Wagner Diniz (Escola de Música do Conservatório Nacional), Jorge Miranda (Câmara Municipal da Amadora) e Luísa Valle (Fundação Calouste Gulbenkian) bem como os apoios das respectivas instituições permitiram esta inédita experiência piloto. O professor Wagner Diniz conhece bem o projeto venezuelano e acredita nas suas potencialidades, tendo percebido, desde logo, que teria boa aplicação em Portugal, sobretudo em contextos suburbanos desfavorecidos, onde o futuro das crianças é gravemente comprometido por percursos escolares de insucesso. Atualmente, as OG contam com mais de 800 crianças e jovens organizados em 16 núcleos ancorados em escolas e agrupamentos escolares, 12 na Área Metropolitana de Lisboa e 4 fora desta, em Coimbra, Amarante, Mirandela e Murça.

Com base nos documentos fornecidos pela coordenação executiva da OG (Professora Helena Lima) sobre a evolução do projeto, complementados com a informação recolhida nas entrevistas às escolas, apresenta-se a seguir uma síntese do trajeto das OG desde 2007 até à atualidade.

O primeiro núcleo da OG foi desenvolvido na Escola Miguel Torga na Amadora em setembro de 2007, integrando no início 15 alunos do 5º, 6º e 7º ano de escolaridade e terminando o ano escolar com 35 alunos. A organização e a responsabilidade pedagógica ficaram a cargo da Escola de Música do Conservatório Nacional.

Nesta fase inicial, a OG contava com 4 professores de música, selecionados entre os que realizaram formação com professores do El Sistema que se deslocaram a Portugal em Setembro de 2007. Estes primeiros professores não faziam parte do corpo docente da EMCN e leccionavam 30 horas semanais (instrumento, naipes, orquestra e formação musical). Este primeiro núcleo teve o apoio financeiro da Iniciativa Comunitária EQUAL, da Câmara Municipal da Amadora e da Fundação Calouste Gulbenkian. A primeira apresentação pública ocorreu na Escola Miguel Torga em Dezembro de 2007.

Começou com o processo de integração e dinamização social no Bairro Social da Boba, existindo no início um conjunto de projetos/atividades como o “para ti se não faltares” ou o “Geração/Oportunidade”, aproveitando o Fundo Social Europeu. Ainda existe na escola um curso CEF nível II de cabeleireiro, que teve o seu início nessa altura.

(João Pereira, diretor da escola Miguel Torga)

O segundo núcleo a integrar o projeto, em novembro de 2007, foi o Agrupamento de Escolas de Vialonga. Integrou crianças do 1º ciclo, seguindo um modelo pedagógico distinto – ensino integrado da música - organizado pela Direção do Agrupamento com a orientação pedagógica da EMCN. A ação deu continuidade a um projeto anterior (violino, 2005/2006) e começou com um núcleo de cordas composto por 66 alunos acompanhados por 7 professores, sendo 6 de instrumento e 1 de formação musical. O financiamento foi assegurado pela Central de Cervejas e pela Fundação Calouste Gulbenkian, na aquisição dos instrumentos, e pelo Ministério da Educação - através do programa TEIP (Território Educativos de Intervenção Prioritária) - nos salários dos professores.

As aulas são dadas no Centro Comunitário, que fica na “Banda 14”, um sítio considerado perigoso, que com a movimentação dos alunos da OG passou a ser mais seguro

(Jonatas Ferreira, Coordenador da OG Vialonga)

No final do ano lectivo de 2007/08, a OG contava com 101 crianças. Realizaram o 1º estágio de Verão que culminou com o concerto final no anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 2008/2009, o projeto continuou o seu percurso no núcleo da Escola Miguel Torga, que contou com o apoio adicional da Fundação EDP para aquisição de novos instrumentos. Contando com 68

alunos, desenvolve-se o núcleo de cordas e tem início o de sopros (naípe das madeiras e dos metais). O número de professores da OG passou para 14, sendo 12 de instrumento e 2 de formação musical. O núcleo de Vialonga ampliou o núcleo de cordas e deu início ao núcleo de sopros e percussão, contando com 118 alunos (para além do 1º ciclo passa também a integrar crianças do 2º ciclo) e com 11 professores pagos pelo Ministério da Educação através do programa TEIP (Territórios Escolares de Intervenção Prioritária).

Ainda no decorrer do ano 2008/09 foi criado o núcleo do Casal da Mira, na sequência de uma proposta da Associação Unidos de Cabo Verde (AUCV) e da Câmara Municipal da Amadora com apoio financeiro integral do grupo Chamartín. A EMCN garantiu o suporte pedagógico e a componente administrativa ficou a cargo da AUCV, em cujas instalações funcionaram as aulas da OG. O programa deste núcleo foi dirigido aos alunos do 1º e 2º ciclo que frequentavam a associação para ATL. Integrou também as crianças do jardim-de-infância (que já funcionava na AUCV), desenvolvendo com elas as componentes de expressão dramática e de iniciação musical. Este núcleo contou inicialmente com 7 professores e com 58 crianças (28 do 1º e 2º ciclos e 30 do jardim-de-infância). Este núcleo foi desativado, no âmbito da OG, em 2011/2012, tendo alguns alunos transitado para o núcleo da Escola Miguel Torga e os professores para o núcleo da Escola Pedro d'Orey. No final do ano lectivo 2008/09 a OG contava já com 216 alunos dos 6 aos 16 anos que realizaram o 2º Estágio de Verão em Julho, com o concerto final novamente no anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Julho de 2009 foi criada, com o apoio da Câmara Municipal de Loures, a Orquestra Geração/Bora Nessa, um projeto integrado no âmbito do Contrato Local de Segurança de Loures, incluindo os Agrupamentos de Camarate e Sacavém que se juntava a Escola da Apelação para as apresentações públicas. Este núcleo contou, até 2009/10, com o financiamento do Ministério da Administração Interna através do Governo Civil de Lisboa. É também apoiado pela Universidade de Lisboa e pela Fundação PT. No ano lectivo de 2009/2010 a OG expande-se para além das fronteiras da Área Metropolitana de Lisboa, sendo criado o núcleo do Centro Cultural de Amarante, que tem como principal apoio financeiro a Fundação EDP.

No mesmo ano na Amadora é também criado o núcleo da Escola do Zambujal, no Município de Oeiras, o núcleo da Escola Sophia de Mello Breyner, no Município de Sintra, o núcleo da Escola Mestre Domingos Saraiva e no Município de Sesimbra, o núcleo da Escola da Boa Água na Quinta do Conde. Estes núcleos surgiram como candidatura conjunta da Área Metropolitana de Lisboa ao POR Lisboa, financiada por fundos comunitários FEDER (40%) e maioritariamente municipais.

Ainda em 2009/2010 tem início o núcleo da Expoarte no Município de Mirandela também com o apoio financeiro da Fundação EDP, aparecendo já no ano lectivo 2011/2012 os núcleos da Escola de Música do Conservatório de Coimbra e da Escola Básica e Secundária de Murça. No concelho de Lisboa são criados, em 2010/2011, 2 núcleos nas escolas básicas do 1º ciclo do Alto da Ajuda e da Boavista, ambos apoiados pela Câmara Municipal de Lisboa. Também nesse ano surge o núcleo da Escola Pedro d'Orey no concelho da Amadora.

No início do ano lectivo de 2011/12 estavam incluídas no projeto aproximadamente 817² crianças e jovens essencialmente do 1º ciclo, mas também algumas do 2º e 3º ciclos. De salientar, que na sua generalidade estas crianças e jovens são oriundos de contextos sociais menos favorecidos e que dificilmente teriam acesso ao ensino da música e da prática em contexto orquestral se não fosse a sua participação ativa na OG.

O programa pedagógico aplicado em todos os núcleos é elaborado pela EMCN através da metodologia El Sistema com o apoio de dois músicos venezuelanos a trabalhar em Portugal: a violinista Ana Beatriz Manzanilla (Orquestra Gulbenkian) e o violonista Pedro Saglimbeni Muñoz (Orquestra Sinfónica Portuguesa). O repertório da OG é elaborado tendo em atenção a necessária adequação aos contextos locais com a inclusão de música tradicional portuguesa, de músicas dos PALOP, de jazz, pop, etc.. e ainda com o desenvolvimento de uma vertente coral.

ESPECIFICIDADES DO MODELO

O modelo em que se baseiam as orquestras escolares, que é o seguido pelas orquestras do El Sistema venezuelano, distingue-se de outros por uma filosofia e pedagogia próprias. Quando posto em acção, esse modelo desencadeia uma série de sinergias que, não divergindo na totalidade do tipo de trabalho mais convencional seguido pelos Conservatórios e Escolas de Música, se distingue deles por finalidades e processos específicos. É um trabalho que começa por ir ao encontro da população no seu meio escolar, que envolve múltiplos intervenientes (escola, famílias, autarquias, empresas), que estabelece uma relação muito próxima com todos eles na consecução dos objectivos, que envolve o conjunto dos professores num trabalho colectivo em todas as fases do processo, particularmente com os alunos nos momentos de actuação, que fomenta nos estudantes a ajuda interpares, que junta diferentes comunidades nas várias etapas do trabalho, levando os alunos a partilharem as suas experiências musicais. Relativamente ao ensino vocacional, o modelo distingue-se assim deste por não estar sujeito a um programa curricular fixo nem à avaliação formal que lhe é inerente.

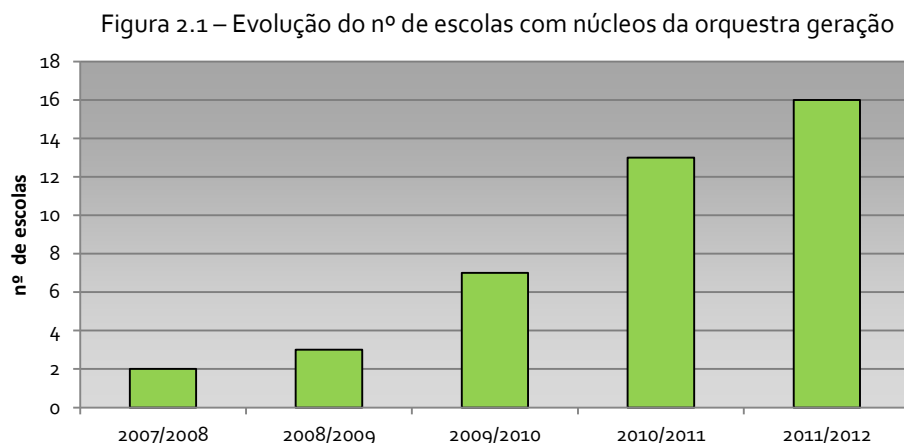
² No final de Abril de 2012, o número de crianças envolvidas no projeto já se situava em 879, contabilizando-se aqui, para além de novos alunos que entram na OG com o ano lectivo já em curso, todos os envolvidos no núcleo de Murça que iniciou as suas atividades apenas no início de 2012.

No que respeita às Actividades de Enriquecimento Curricular, as orquestras escolares distinguem-se destas por terem como objectivo primeiro a iniciação da criança a um instrumento e, simultaneamente, a sua integração numa orquestra e ao repertório que lhe é próprio, mas também pelo carácter necessariamente paradigmático da sua aplicação, dado que as exigências desta em termos da convergência de parceiros nacionais e locais, de recursos humanos especializados, e do próprio custo dos equipamentos envolvidos muito dificilmente permitiriam a replicação do modelo à escala da totalidade do sistema educativo.

Maria José Artiaga, António Wagner Diniz, Rui Vieira Nery (2011) *Programa de Orquestra Escolares*, Relatório do Grupo de Trabalho nomeado pelo Despacho n.º 7307/2010, de 27 de Abril da Ministra da Educação e do Ministro de Estado e das Finanças.

Segundo o relatório acima mencionado – Programa de Orquestras Escolares - apresentado em Janeiro de 2011, no futuro, até 2020, o projeto da OG pretende abranger todas as regiões de Portugal Continental: Norte Litoral – distritos de Viana do Castelo e Braga; Norte Interior – distritos de Vila Real e Bragança; Área Metropolitana do Porto; Centro Litoral – distritos de Aveiro e Viseu; Centro Interior – Distritos de Leiria, Coimbra e Guarda; Área Metropolitana de Lisboa; Raia – distritos de Castelo Branco, Portalegre e Santarém; Alentejo - distritos de Évora e Beja e o Algarve – distrito de Faro. Prevê-se que cada uma das regiões contemple 14 escolas e as Áreas Metropolitanas 28 com 50 alunos em cada escola, perfazendo um total de aproximadamente 154 escolas e 7700 alunos.

Neste momento, parece claro que a OG ainda se encontra numa fase inicial do processo de crescimento (as escolas com núcleo OG em 2011/2012 correspondem apenas a cerca de 10% daquelas que se preveem envolver no projeto, passando-se quase o mesmo com o número de alunos) e de difusão espacial: se na Área Metropolitana de Lisboa, com destaque para a Grande Lisboa, a percentagem de escolas com núcleos OG se situa em 43% do valor pensado, na Área Metropolitana do Porto não há qualquer núcleo OG e no resto do país os 4 núcleos existentes estão muito longe dos quase 100 que se entendem como desejáveis. Contudo, a trajetória tem sido muito positiva e pauta-se por um crescimento sustentado, como demonstra o aumento do número de alunos (101 em 2007/2008 e quase 9 vezes mais em 2011/2012 – 879) e de escolas envolvidas (Fig. 2.1). Note-se que a evolução do número de escolas e agrupamentos envolvidos não traduz apenas uma expressão quantitativa, notando-se também uma tendência, ainda que tímida, para o alargamento dos territórios abrangidos pelos núcleos OG, que se inicia na Área Metropolitana de Lisboa-Norte em 2007/2008, atinge a Península de Setúbal e o Norte do país em 2009/2010 e a Região Centro (núcleo de Coimbra) em 2011/2012.



2.2. Agentes e Apoios/Organização da iniciativa

O organograma das Orquestras Geração, em 2011/12, evidencia um quadro de trabalho em parceria e permite identificar três tipos de instituições fundamentais:

- i) Instituição com funções de definição de conteúdos de formação artística, coordenação pedagógica e articulação institucional: Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN);
- ii) Instituições financiadoras: Ministério da Educação e Ciência, câmaras municipais e, no caso da Região de Lisboa, a própria AML que recorre a financiamentos QREN geridos pelo Programa Operacional Regional de Lisboa (POR Lisboa);
- iii) Instituições patrocinadoras de primeiro nível, frequentemente conjugando financiamento, promoção e articulação institucional: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação EDP, Fundação PT e CentralCer;
- iv) Instituições patrocinadoras de segundo nível: incluem uma série de outros atores (Universidade de Lisboa, ISCTE e outros) que patrocinam orquestras específicas ou que apoiam, por vezes “em géneros”, as iniciativas das OG.
- v) Instituições com papel formativo e pedagógico: as escolas que acolhem OG.

Do ponto de vista dos conteúdos formativos e da organização da estrutura das OG, a EMCN desempenha um papel fundamental, estabelecendo uma articulação sistemática com as escolas, através de uma rede de coordenadores (Quadro 2.1). Note-se que o sucesso do projeto depende fortemente do modo com é implementado e desenvolvido em cada escola, sendo o envolvimento destas muito relevante, o que remete para a importância do papel dos coordenadores das Escolas na OG. A existência destes mecanismos de interação recíproca entre OG e escolas, que têm de

funcionar nos dois sentidos, garantem uma partilha de informação e de responsabilidades (com níveis diferentes, naturalmente), essencial para gerar uma lógica de comunidade de prática, capaz de resolver os desafios que se vão colocando.

Quadro 2.1 – Estrutura organizativa da OG

Responsabilidade Pedagógica - EMCN
Gestão Financeira – EMCN e AAEMCN
Responsáveis delegados pela Direção da EMCN
Adjunto da Direção da EMCN encarregado da Orquestra Geração: António Wagner Diniz
Assessora da Direção para a Orquestra Geração: Helena Lima
Coordenadores Nacionais: Pedro Muñoz Ana Manzanilla
Coordenadores Regionais: Juan Maggiorani, Rafael Montez
Coordenadores dos Sopros: Bruno Santos – madeiras; Eduardo Lala - metais
Coordenadores Musicais: Vialonga – Jonatas Ferreira , Camarate- Pedro Sampaio , Sacavém – Luís Azevedo, Apelação – António Barbosa, Pedro d’Orey /Miguel Torga – Sandra Martins, Zambujal/Boavista – Bruno Santos, Oeiras / Sintra – Matilde Caldas, Sesimbra – Vanessa Silveira
Produção: Matilde Caldas
Funcionamento:
Coordenador Nacional Pedro Muñoz e Ana Manzanilla – Responsáveis por acompanhar os trabalhos de todas as escolas do projeto e especificamente na zona de Lisboa as escolas: Camarate, Sacavém, Miguel Torga , Zambujal , Oeiras, Sintra, Ajuda e Boavista, Pedro d’Orey
Coordenador Regional Juan Maggioranni – Apelação, Vialonga e Sesimbra
Coordenador Regional Rafael Montez – Amarante, Mirandela e Murça
Para Coimbra – Coordenadores Nacionais (provisoriamente)
Reuniões Mensais: Com todos os Coordenadores de Escola, Coordenadores Nacionais, Coordenadores Regionais e Direção
Reuniões Trianuais: Reuniões Gerais com todos os professores, Coordenadores e Direção
http://www.orquestra.geracao.aml.pt/o-projecto (acedido em 15/10/12) – com ligeiras adaptações

Para além da organização da estrutura e da componente pedagógico-formativa, as OG necessitam de financiamento e de mecanismos de desbloqueamento e de visibilidade. No primeiro domínio, o Ministério da Educação desempenha um papel fundamental na medida em que assegura o pagamento do salário da quase totalidade dos professores (Figura 2.1). Outros organismos da administração central, com destaque para os fundos QREN gerido pelo POR Lisboa e, de forma complementar, o MAI³, têm uma função complementar de grande relevância, designadamente no que respeita às OG da Área Metropolitana de Lisboa, uma vez que asseguram financiamento para as componentes materiais do projeto⁴. Já as câmaras municipais (e, no caso da região de Lisboa, a própria AML) se revelam, na maioria dos casos, importantes parceiros, proporcionando algum financiamento direto, envolvendo-se em candidaturas para a obtenção de fundos e, também, estabelecendo contactos com parceiros que podem desbloquear verbas ou permitir ultrapassar dificuldades.

³ Numa fase mais recente do projeto, o MAI terá deixado de contribuir para este.

⁴ No caso do MAI, a sua contribuição para as OG do concelho e Loures também incluía o pagamento a professores (Figura 2.1).

Por último, as Fundações e a CentralCer não só atribuem algum financiamento às OG, com destaque para a Fundação EDP, como têm atuado enquanto facilitadores, quer no acesso a elementos materiais (e.g. espaços para a realização de espetáculos), quer na colocação à disposição da estrutura OG o seu significativo capital social, que permite aceder com mais facilidade a recursos e a outras entidades. Adicionalmente, têm desempenhado um importante papel na divulgação das OG e dos seus méritos, elemento essencial para o reconhecimento e a legitimação destas, o que aumenta a sua credibilidade e facilita o processo de obtenção de recursos.

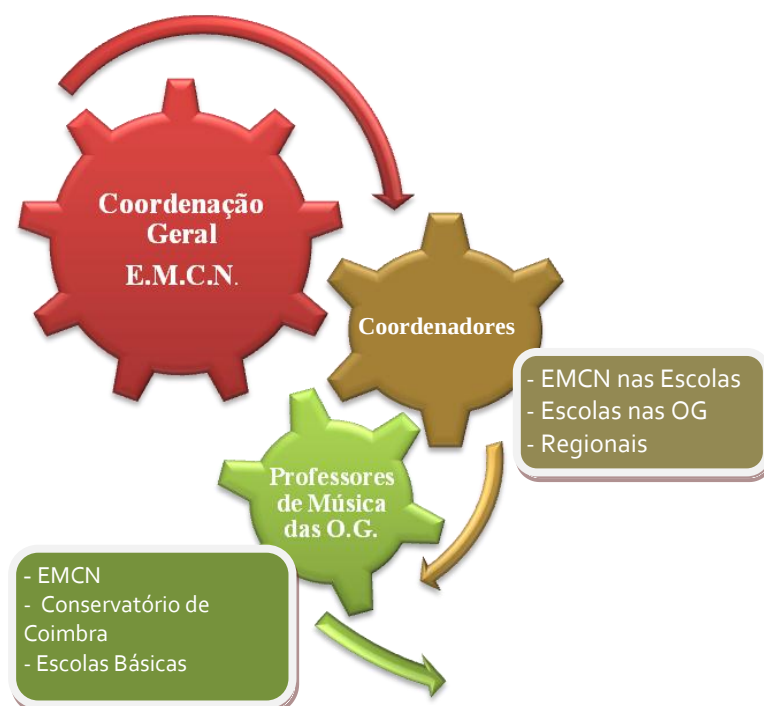
Precisamente no domínio da divulgação e da difusão de informação sobre o projeto, merece referência o sítio da OG na internet (<http://www.orquestra.geracao.aml.pt/>). Alojado na AML, o sítio disponibiliza o essencial da informação, não parecendo contudo explorar o potencial que o projeto sugere – e.g. 1 390 000 resultados no Google – e que é suscitado pela própria dinâmica das atividades. A visibilidade da OG nas redes sociais surge também relativamente diminuída face ao interesse que o projeto suscita nos diferentes media, a avaliar pelas peças noticiosas regularmente produzidas, e pelo impacto gerado pelas apresentações públicas. A página da OG no *facebook* (*non profitorganisation*) contava com pouco mais de 500 *likes* em dezembro de 2012, manifestamente pouco face à atual dimensão do projeto.

Enquanto síntese final e de um modo transversal, podemos afirmar, de modo preliminar, que o conjunto de atores envolvidos no processo OG configura parcerias com funcionalidade, capazes de obter resultados, demonstrando que diferentes níveis da administração pública em articulação com entidades privadas conseguem desenvolver iniciativas validas no domínio da promoção da inclusão social.

Adicionalmente, este projeto demonstra também que a adoção de estratégias plurifundos (a geometria dos financiamentos da OG apresenta bastantes variações – Figura 2.2) pode ser uma boa solução para iniciativas deste tipo, desde que seja possível ter um modelo de gestão conjunto. Infelizmente, a criação de uma estrutura profissional de gestão que emane do conjunto de parceiros e que seja capaz de definir, de forma precisa e faseada para o horizonte de médio prazo estabelecido no próprio Projeto das OG, as etapas de crescimento, os recursos associados a cada uma destas e os sucessivos objectivos a atingir, ainda não está materializada. Esta estrutura de gestão deveria também assegurar compromissos a médio prazo da parte dos parceiros e incorporar um quadro de valências de que se destacam a componente financeira, a logística, o quadro de recursos humanos e

o processo de divulgação, libertando a EMCN para as tarefas fundamentais de gestão pedagógica e de conteúdos e, também, de articulação e calendarização das atividades da rede de OG.

Figura 2.2– Estrutura da Orquestra Geração



	Financiadores e Promotores						
	M.E.C.	F. C.G.	F. EDP	F. PT	MAI	AML	CMs
	Financiamento						
EB 2,3 Miguel Torga, S. Brás		X	X				X
EB 1 Alto do Moinho, Buraca						X	X
EB Pedro d'Orey						X	X
EB Amélia V. Luís, Carnaxide						X	X
AE M. D. Saraiva (Algueirão)						X	X
EB Boa Água, Sesimbra						X	X
EB 1º 2º Ciclo da Apelação						X	X
EB Mário S.Carn. (Camarate)				X	X		X
EB Bartol. Dias (Sacavém)				X	X		X
EB1 A. Herculano (Ajuda)						X	X
EB 1 Arq. R. Telles (Boavista)						X	X
AE Vialonga		X				X	X
Coimbra - C. Música							
AE Amadeu S. Cardoso (Amarante)			X				
Expoarte Mirandela			X				
ES Murça			X				
<u>Tipologia do Financiamento:</u>		Professores	X	Instrumentos		X	

Refira-se que o nível de consolidação das OG na AML está bastante mais avançado, parecendo que quer a estrutura organizativa, quer o quadro de parceiros e financiamentos apresenta aqui uma maior solidez. De algum modo, isto pode funcionar como base para a criação de uma estrutura de gestão mais permanente e de nível nacional que, de resto, também deve tirar partido da experiência das OG do Norte, em que o envolvimento de um parceiro do 3º sector associado a uma empresa (Fundação EDP) é crucial para a sustentabilidade financeira, aqui menos dependente de fundos públicos do que no caso da AML. Note-se que as questões financeiras serão objeto de uma análise aprofundada e mais sustentada no ponto seguinte deste relatório.

2.3 Recursos e Investimentos

A determinação dos custos de funcionamento da Orquestra Geração apresenta algumas dificuldades relacionadas como facto de existirem diversos orçamentos (para os municípios da AML sem Lisboa; para Lisboa, para as Orquestras do Norte) e de estes não apresentarem estruturas por rubricas completamente equivalentes. Adicionalmente, não foi possível identificar com precisão os financiamentos oriundos de alguns parceiros (e.g. CentralCer, no caso de Vialonga, MAI no último ano lectivo por transição do ano anterior), uma vez que não foi possível obter essas informações. Assim, os cálculos efectuados funcionam como uma estimativa, que estará muito aproximada ao valor real, e que toma por referência o ano lectivo de 2011/2012⁵.

Relativamente à estrutura de custos por rubricas, os encargos com pessoal (coordenação e professores de música) constituem a parcela fundamental dos gastos, ascendendo a cerca de 54% do volume total. A outra grande componente diz respeito aos instrumentos que, não obstante a relevância dos gastos de manutenção e substituição, poderá eventualmente ser reduzida no futuro, uma vez que a fase de investimento inicial (nestas escolas) será ultrapassada (Quadro 2.2).

Quadro 2.2– Estimativa de custos por rubricas

Rúbricas	Euros	%
Instrumentos	328915.5	21.8
Coordenação Pedagógica e Artística	45930.41	3.0
Professores de Música	762987	50.6
Ações de integração c/comunidade	112605.5	7.5
Workshop Final/Outros workshops	122060	8.1
Ações de Divulgação	53550	3.5
Outras Despesas	82692.1	5.5
TOTAL	1508740	100.0

⁵ Os cálculos efectuados não incluem a OG de Coimbra por não dispormos de informação que permita a sua caracterização financeira.

A estrutura de financiamento por entidades (Quadro 2.3) revela a já citada lógica plurifundos e confirma o princípio de parceria inerente ao projeto, que associa diferentes níveis do sector público (Europeu comunitário, nacional e autárquico), empresas e entidades do 3ºsector, que incluem a Fundação Calouste Gulbenkian e outras fundações ligadas a empresas (EDP, Portugal Telecom). Apesar do carácter de parceria presente na estrutura de captação de fundos, que é inerente à lógica do projeto e que implica, por exemplo, complementaridades entre modelo organizacional, estratégia de captação de fundos, divulgação, concepção pedagógica e quadro logístico, há um claro desequilíbrio entre financiadores públicos e privados, excepto no caso das OG do Norte. Efetivamente, a componente pública assegura cerca de 80% dos custos totais, sendo aqui determinante o papel do Ministério da Educação, cujo pagamento aos professores representa mais de metade da verba pública investida. Note-se que a estrutura de custos por entidades esconde uma diferença regional, uma vez que no caso das OG do Norte se inverte a situação global (e, portanto, característica das OG da AML), cabendo ao 3ºsector (Fundação EDP, no caso) um contributo de quase 80% das verbas que possibilitam a concretização do projeto.

Face a esta estrutura de despesas e à forte retração do sector público nacional (e porventura comunitário), os riscos expressos por diversos entrevistados relativamente à sustentabilidade do projeto e à sua continuidade futura parecem ser fundamentados. Isto significa que é necessário procurar parceiros novos e alargar a parceria, atraindo novos mecenas e colaboradores ao projeto, designadamente exteriores ao sector público. Significa igualmente que o Projeto OG deve assumir a já citada estratégia a médio prazo, com etapas bem definidas e apoiada numa estrutura de gestão profissional.

Quadro 2.3 – Estimativa de custos segundo entidades financiadoras

Fontes financiamento	Euros	%
Compart. Comunitária (FEDER)	224814	14.9
Ministério da Educação	685600	45.4
Municípios AML	277221	18.4
Fundações e CentralCer	222500	14.7
Outros e não identificado	98605.5	6.5
TOTAL	1508740.46	100.0

Se fazer a contabilidade do projeto contém limitações, determinar os seus impactos em termos económicos globais revela-se muito difícil, na medida em que a informação de que dispomos não dá muitas indicações sobre os efeitos indiretos, quer porque se trata de uma iniciativa muito recente, quer porque se revela difícil atribuir um valor financeiro sólido a processos como o reforço da

confiança ou da autoestima, ou a melhoria do comportamento e o alargamento da rede de contactos.

De qualquer modo, o custo anual por aluno da OG situar-se-á em torno dos 1800 euros, sendo ligeiramente superior na AML (1815 euros) e um pouco mais reduzido no Norte (1706 euros). Esta redução do custo unitário das OG do Norte pode estar associado a um eventual custo da hora de trabalho dos docentes um pouco mais reduzido, até porque estas OG apresentam “custos de interioridade” acrescidos, uma vez que a realização de algumas deslocações de e para Lisboa (formação, workshops) incrementa os gastos. De resto, no quadro de integração territorial poderia ser útil o aparecimento de um pólo no Porto com valências de coordenação e podendo tirar partido de equipamentos como a Casa da Música.

Estes valores parecem ser muito ajustados, situando-se a um nível inferior aos gastos por alunos da Orquestra *BigNoise* de Edimburgo, por exemplo, estimados em 2300 euros por aluno/ano. Considerando que a OG contribui para manter as crianças na escola, provoca alterações positivas ao nível do comportamento e diminui os riscos de faltar regularmente e de desvio (no imediato e no futuro), verificam-se potenciais efeitos de poupança nos custos associados direta e indiretamente ao absentismo que, a partir dos estudos recolhidos no âmbito do Projeto de Avaliação da *BigNoise*, correspondem, em termos globais, a um valor médio de 4 400 euros para impedir este tipo de comportamento em cada criança/jovem que o pratica, a que se devem acrescentar mais 8 500 euros (também valor médio) resultantes da criminalidade praticada por cada um deles ao longo da vida⁶.

Numa outra perspetiva, se tomarmos por referência os gastos anuais por aluno no 1º ciclo do ensino básico (nível que frequenta a maioria das crianças OG) apurados pelo Tribunal de Contas para o ano letivo 2009/2010⁷ e que correspondem a aproximadamente 2 300 euros, o acréscimo de 1 800 euros anuais por criança devido à frequência da OG – uma vez que se trata de ensino supletivo, excepto no caso de Vialonga – vai dar um valor total de cerca de 4 100 euros ano/aluno, que podemos considerar relativamente favorável, uma vez que a incorporação de componentes artísticas tende a aumentar os custos unitários de formação. Efetivamente, de acordo com a EMCN, no ano letivo de 2009/2010 os custos por aluno do regime integral situavam-se nos 7 500 euros anuais e no regime supletivo em cerca de 4 700 euros por ano (a que se devem acrescentar os 2 300 da formação geral, o que perfaz

⁶ Mesmo que estes valores possam ser inferiores no caso português, estes elementos deixam, desde logo, indicações sobre um eventual potencial de poupança associado aos efeitos do projeto.

⁷Tribunal de Contas (2012), *Relatório do apuramento do custo médio por aluno nas escolas públicas*. Lisboa, Tribunal de Contas.

cerca de 7 000 euros), o que evidencia, tanto num caso como noutro, quantias superiores aos gastos anuais per capita associados às crianças envolvidas nas OG (2 300 euros + 1800 euros = 4 100 euros). Refira-se que este exercício tem um valor essencialmente indicativo do custo relativamente baixo associado à formação em contexto OG, não podendo as comparações de valores efetuadas ser assumidas de modo direto e taxativo. Por um lado, há alunos OG que não estão no 1º ciclo (o que significa que os custos gerais de formação sobem de 2 300 euros/ano para mais de 4 000, uma vez que é este o valor estimado para os 2º e 3º ciclos⁸), assim como muitos alunos da EMCN frequentam os 2º e 3º ciclos e, por outro, a intensidade e exigência do ensino da música no Conservatório é significativamente maior do que em contexto OG o que implica, necessariamente, mais custos.

Por último, deve frisar-se que a estratégia de afetação de recursos da OG parece também ser marcada pelo equilíbrio e pela sustentação ao longo do tempo, como atesta, por exemplo, o facto de o número médio de alunos por professor se manter estável – 9,2 alunos por professor no início (2007/2008) e 9,4 alunos por professor no ano letivo de 2011/2012.

⁸ Mesmo assim, continua a corresponder a valores mais reduzidos do que os apurados para os alunos da EMCN, tanto em regime integrado, como em regime supletivo.

3. Onde Tocam as Orquestras

3.1. Os territórios das escolas das Orquestras Geração – dinâmicas demográficas e características sociais

Justificação metodológica

Na medida em que o Projeto das Orquestras Geração tem objetivos de promoção da inclusão social através do ensino da música orquestral, destinando-se preferencialmente a escolas com uma população social e economicamente desfavorecida, é fundamental traçar uma breve caracterização socioeconómica dos territórios onde se localizam estes estabelecimentos de ensino. Este procedimento permite dar sustentação empírica mais objetiva ao processo que justificou a escolha destas escolas para a instalação do primeiro conjunto de orquestras, ao mesmo tempo que fornece um conjunto de indicações sobre os aspetos urbanísticos, familiares e de vizinhança que caracterizam o meio envolvente. Uma vez que a atividade e o “efeito Orquestra Geração” não se restringem nem se esgotam na escola, quer porque há elementos da prática que se prolongam fora das paredes desta – desde o facto de os alunos levarem os instrumentos para casa até aos momentos de aprendizagem coletiva que envolvem várias escolas ou os próprios concertos -, quer porque, por exemplo, o reforço da disciplina e da autoestima dos alunos se repercute nas famílias e, potencialmente, no quadro da unidade de vizinhança próxima, uma análise exclusivamente centrada nos dados das escolas ficaria, necessariamente, incompleta.

Contudo, e antes de se passar à caracterização dos territórios, deve chamar-se a atenção para as limitações que esta análise encerra. Em primeiro lugar, levanta-se uma questão de natureza territorial, uma vez que os designados *territórios educativos das escolas* têm abrangências distintas, consoante se está a analisar uma EB1, uma EB1-2 ou todo um Agrupamento Escolar. Adicionalmente, a larga maioria destes territórios educativos não correspondem a unidades administrativas (e.g. freguesias) para as quais existe alguma informação estatística de natureza urbanística, demográfica, social e económica. Por último, a principal fonte de informação estatística disponível ao nível da freguesia são os Censos da População, sendo que a realização recente do último (2011) possibilita a existência de dados bastante atuais mas, em simultâneo, limita esta informação a um conjunto relativamente reduzido de indicadores, uma vez que o só muito recentemente disponibilizou elementos sobre tipologias familiares ou características profissionais e socioeconómicas, por exemplo.

Perante a manutenção desta limitação até à fase final de elaboração deste relatório, optou-se por utilizar informação recente, dos Censos de 2011, à escala da freguesia, para sete indicadores básicos, três de caráter demográfico (taxa de variação da população 2001-2011; dimensão média da família e percentagem de população com menos de 15 anos) e quatro de natureza sócio-urbanística (número de pessoas por alojamento, percentagem de ocupantes proprietários; percentagem de alojamentos sem banho/duche e relação entre a população com ensino superior frequentado e a população com mais de 24 anos) (Anexo 2). Esta informação foi posteriormente sintetizada em dois indicadores-síntese (*Índice de Dinâmica Demográfica – IDD* - e *Índice de Qualidade de Vida - IQV*), que se baseiam na normalização, com recurso ao método dos valores máximo e mínimo, e posterior agregação e cálculo do valor médio⁹, dos indicadores *taxa de variação da população 2001-2011* e *percentagem de população com menos de 15 anos*, no caso do IDD, e *número de pessoas por alojamento*¹⁰, *percentagem de ocupantes proprietários*, *percentagem de alojamentos sem banho/duche* e *relação entre a população com ensino superior frequentado e a população com mais de 24 anos*, no que respeita ao IQV.

Relativamente às unidades de análise utilizadas, foram assumidos dois conceitos operativos em termos territoriais. Por um lado, caracterizou-se a *i) freguesia da sede da escola ou do agrupamento* onde está efetivamente instalada a Orquestra e, por outro, *ii) o conjunto constituído por esta freguesia e aquelas que lhe são contíguas*, desde que pertencentes ao mesmo município, designando esta unidade territorial mais alargada como *Área de Influência Potencial da Escola (AIPE)* (Anexo 3). Isto significa que se caracterizaram dois tipos de áreas territoriais para cada uma das 15 Escolas ou Agrupamentos de Escolas, considerando que nalguns casos as crianças são oriundas apenas de uma freguesia (ou até de parte desta) e noutros, sobretudo quando prevalece a lógica de agrupamento e o território das freguesias é reduzido, aquelas podem ser provenientes de um pequeno conjunto de freguesias próximas. Apesar desta opção prevenir dois tipos de situações, é insuficiente para caracterizar devidamente as Escolas que abrangem população vinda de bairros ou áreas que correspondem a partes específicas de uma freguesia, o que significa que os elementos de caracterização global desta podem não estar em sintonia com a realidade socioeconómica particular de cada uma das partes que a compõem. É por isto que se torna necessário complementar a análise efetuada neste subcapítulo com os elementos constantes na secção seguinte, que tomam como

⁹ Este tipo de indicador-síntese ou indicador composto é inspirado em indicadores de natureza idêntica utilizados em análises de caracterização e classificação socioeconómica de unidades territoriais, de que é exemplo o Índice de Desenvolvimento Humano do PNUD. A este propósito, ver, por exemplo, PNUD (2011), pp.184-185.

¹⁰ Este indicador foi incluído com um peso equivalente a metade dos outros três indicadores originais incorporados no IQV.

referência indicadores escolares e sociais referentes aos alunos dos Agrupamentos das Escolas da Orquestra Geração situadas na Área Metropolitana de Lisboa¹¹.

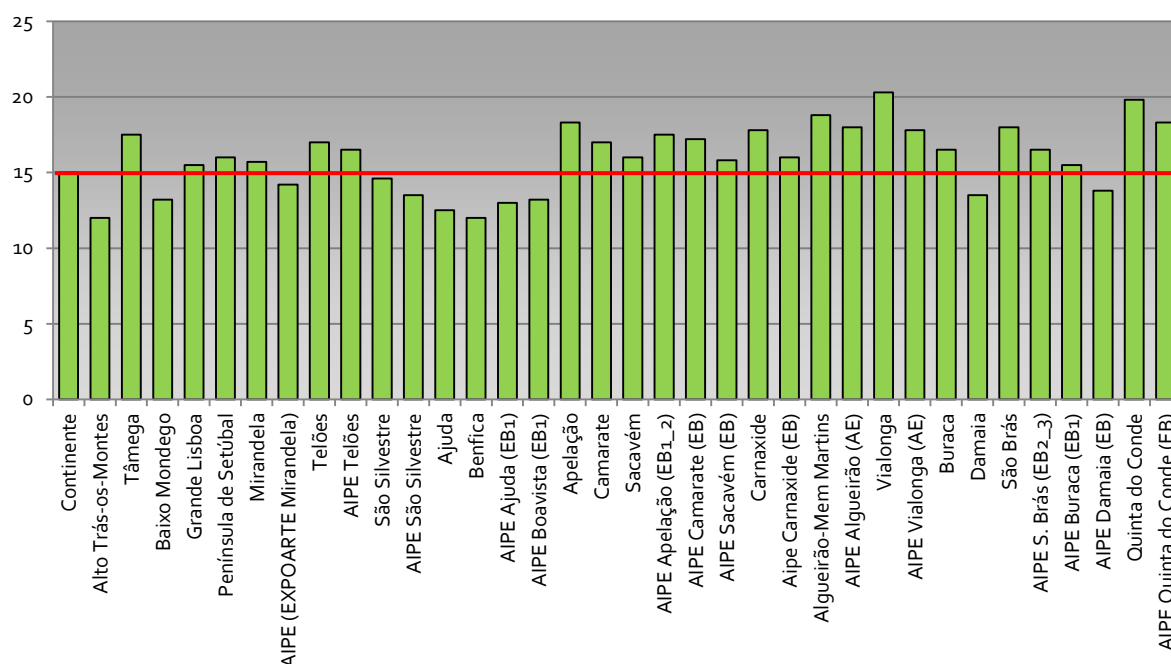
Caracterização demográfica e sócio-urbanística dos territórios das Escolas com Orquestras Geração

Do ponto de vista demográfico, os territórios onde se localizam as Escolas com Orquestras Geração são, com poucas exceções, caracterizados por níveis de juventude e dinâmica demográfica superiores tanto ao conjunto do Continente, como aos próprios municípios e NUT3 em que se inserem.

No caso da AML, apenas as freguesias e AIPE das escolas de Lisboa e da Damaia, registam, em simultâneo, taxas de variação demográfica negativas (a exceção é a freguesia da Damaia com um valor ligeiramente positivo – Anexo 4) e percentagens de jovens inferiores às da Grande Lisboa (Figura 3.1). Contudo, são vários os casos de territórios localizados na primeira coroa periférica da capital que apresentam taxas de variação de população inferiores ao valor global da NUT3 da Grande Lisboa (freguesia da Apelação, que apresenta uma variação negativa significativa, e todas as AIPE do concelho de Loures, freguesia e AIPE da Buraca), correspondendo estas, essencialmente, a espaços com uma imagem social muito negativa a que está associada, na maioria das situações, uma forte saturação urbanística. As freguesias e AIPE das escolas localizados na 2ª ou mesmo 3ª Coroa Periférica de Lisboa (Carnaxide, Algueirão, Vialonga, Sesimbra e mesmo S. Brás) revelam uma juventude e uma dinâmica demográfica bastante forte, o que se relaciona com o seu processo de urbanização mais recente. Adicionalmente, apresentam níveis de estigmatização social que, em termos médios, parecem um pouco mais reduzidos do que os observados nos supracitados territórios das escolas localizadas na 1ª Coroa Periférica.

¹¹ Não se incluíram dados referentes aos Agrupamentos de Escolas de Mirandela, Murça, Telões (Amarante) e São Silvestre (Coimbra) porque, apesar de insistências várias, os serviços de estatística do Ministério da Educação nunca disponibilizaram esta informação.

Figura 3.1-Percentagem de população com menos de 15 anos



Relativamente às freguesias e AIPE onde se localizam as 3 escolas com Orquestras Geração do Centro e Norte do país (Mirandela¹²; Telões-Amarante e São Silvestre-Coimbra), os níveis de juventude são, como seria de esperar, inferiores aos registados na maioria das freguesias e AIPE das escolas da AML, mas, ainda assim, na maioria dos casos, superiores aos valores globais nacionais e, também, dos respetivos municípios e NUT3. No que respeita às taxas de variação da população, detetam-se duas situações distintas, verificando-se que nas escolas localizadas em freguesias pertencentes a cidades médias (Coimbra e Mirandela), ocorre uma dinâmica demográfica positiva (sobretudo no segundo caso), enquanto em Telões-Amarante a tendência é para a regressão populacional (Anexo 4).

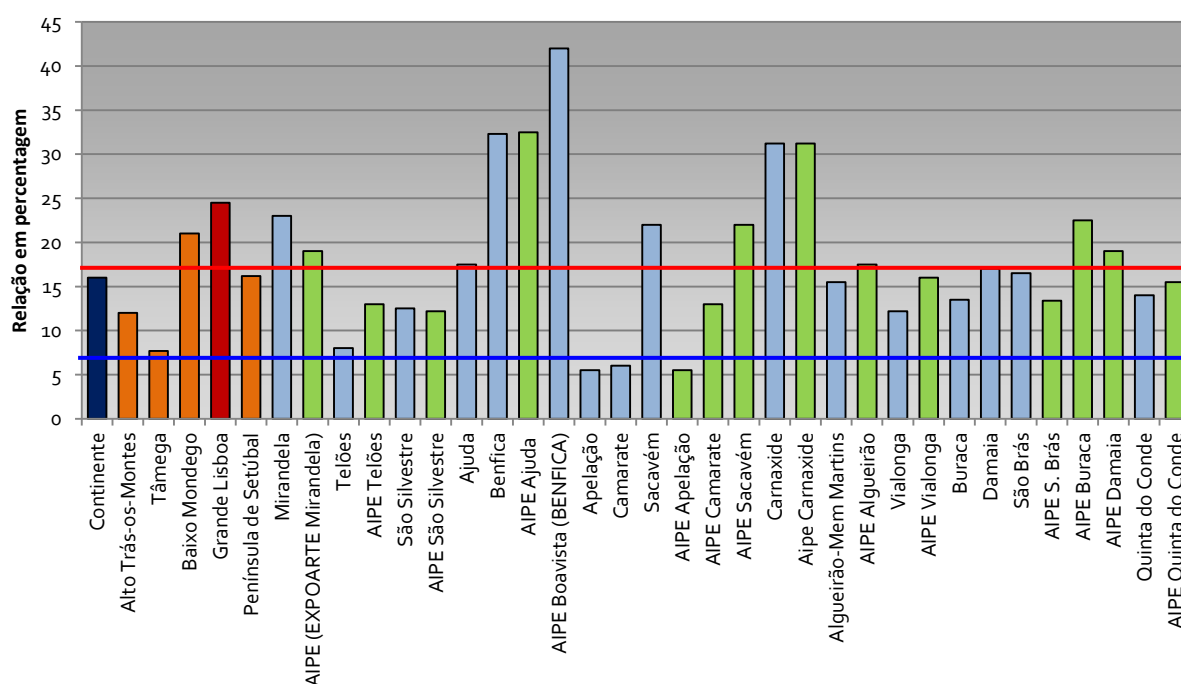
Em termos sócio-urbanísticos, as escolas com Orquestra Geração da AML que registam as situações mais desfavorecidas localizam-se, na sua maioria, em freguesias e/ou AIPE da 1ª Coroa Periférica, com destaque para Apelação, Camarate e Sacavém (essencialmente a AIPE), em Loures, Buraca e São Brás (sobretudo a AIPE) na Amadora, e Vialonga (destaque para a freguesia), em Vila Franca de Xira. Em todos estes casos, se detetam percentagens de ocupantes proprietários e, sobretudo, de população com ensino superior mais baixos do que os valores registados no continente e na NUT3 de enquadramento. A esta situação adiciona-se, em diversos casos, um subequipamento dos alojamentos, uma vez que as percentagens de alojamentos sem banho/duche, se bem que

¹² A Escola de Murça não foi incluída nesta análise porque o início do funcionamento desta OG apenas teve lugar em janeiro de 2012 e só 2 meses depois tivemos noção da sua existência. Ora neste momento, o conjunto de cálculos associado a este capítulo já se encontrava concluído.

apresentem sempre valores reduzidos, destacam-se, pela negativa, em relação aos dados de referência para o país e, especialmente, para a NUT3 da Grande Lisboa (Anexo 4). A este conjunto de territórios da periferia próxima de Lisboa há que adicionar a freguesia da Ajuda, caracterizada por uma importante presença de bairros sociais de diferentes gerações, que também é marcada por situações desfavoráveis nos indicadores relativos ao alojamento (% de ocupantes-proprietários inferior à do Continente e da Grande Lisboa; % de alojamentos sem banho/duche mais elevada do que no município de Lisboa e na NUT3 de enquadramento) e ao ensino da população (peso dos licenciados na população com mais de 24 anos relativamente reduzida face ao contexto municipal e da NUT3 de enquadramento).

Algumas freguesias e AIPE de urbanização mais recente das 2ª e 3ª Coroas periféricas da capital (Algueirão-Mem Martins, Quinta do Conde, Damaia e, sobretudo, Carnaxide – Anexo) apresentam situações mais favoráveis, designadamente nos indicadores urbanísticos – o que parcialmente se explica pela maior incidência de construção mais nova -, mas também no indicador referente ao peso da população com ensino superior (especialmente no último caso). Contudo, deve referir-se que apenas no caso da freguesia e da AIPE de Carnaxide ocorre uma situação melhor do que a verificada no contexto do Continente e da Grande Lisboa, uma vez que na Damaia os valores do indicador relativo à educação são inferiores aos verificados na NUT3 da Grande Lisboa, traduzindo, portanto, uma situação menos favorável (Anexo 4; Figura 3.2).

Figura 3.2 - Relação entre os indivíduos com curso superior e a população residente com mais de 24 anos – 2011



Ainda na AML, para além de Carnaxide, as situações mais favoráveis, que traduzem indicadores urbanísticos¹³ e de educação mais positivos do que os observados no continente e na NUT3 de enquadramento correspondem a Benfica e sobretudo à sua AIPE e, também, à AIPE da Ajuda que inclui um conjunto de freguesias que apresentam um nível socioeconómico elevado no contexto da cidade de Lisboa, como São Francisco Xavier e Santa Maria de Belém (Anexo 4; Quadro 3.1).

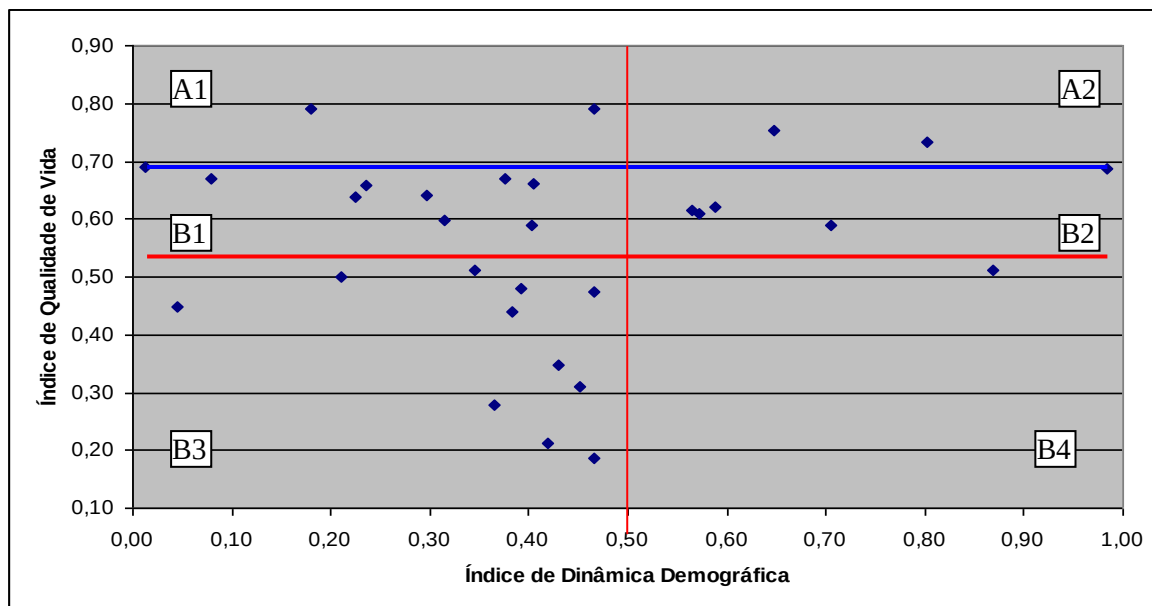
No que respeita aos territórios que acolhem Orquestras Geração fora da AML, a situação mais desfavorável é observada em Telões (Amarante), que regista índices particularmente negativos no que respeita ao subequipamento dos alojamentos (a maior percentagem de alojamentos sem banho/duche de todos os territórios regista-se nesta freguesia) e ao peso da população licenciada. Também no caso de Coimbra, a situação da freguesia e, sobretudo, da AIPE de São Silvestre (registra o número de residentes por alojamento mais elevado de todos os territórios – Anexo 4), indicia um quadro de desfavorecimento social. Já no que respeita a Mirandela, a situação detetada não parece traduzir um quadro de desvantagem sócio-urbanística no contexto nacional e regional da NUT3 do Alto Trás-os-Montes, embora a percentagem de ocupantes proprietários de alojamento seja um pouco mais reduzida do que a observada nas áreas de enquadramento geográfico supracitadas.

¹³ Excetua-se a percentagem de ocupantes proprietários que, tanto na AIPE da Ajuda, como na freguesia e AIPE de Benfica, são inferiores aos registados na NUT3 da Grande Lisboa e no Continente (Anexo 4).

Quadro 3.1 - Dinâmicas demográficas e situação social das freguesias e AIPE das escolas com Orquestras Geração – Ordenação e Classificação a partir de Índices Sintéticos

Área	Índice de Qualidade de Vida	Dinâmica Demográfica	Classe (Qualidade de Vida e Dinâmica Demográfica)
Camarate	0,19	0,47	B3
AIPE ESCOLA APELAÇÃO	0,21	0,42	B3
Telões	0,28	0,36	B3
Apelação	0,31	0,45	B3
AIPE CAMARATE	0,35	0,43	B3
AIPE TELÕES (AMARANTE)	0,44	0,38	B3
Ajuda	0,45	0,04	B3
AIPES.BRÁS	0,47	0,47	B3
Buraca	0,48	0,39	B3
AIPE S.Silvestre (Coimbra)	0,50	0,21	B3
AIPE SACAVÉM	0,51	0,35	B3
Vialonga	0,51	0,87	B4
São Brás	0,59	0,71	B2
Sacavém	0,59	0,40	B1
São Silvestre	0,60	0,31	B1
AIPE ALGUEIRÃO-MEM MARTINS	0,61	0,57	B2
Algueirão-Mem Martins	0,62	0,56	B2
AIPE VIALONGA	0,62	0,59	B2
ÁIPE DAMAIA	0,64	0,22	B1
AIPE EXPOARTE/MIRANDELA	0,64	0,30	B1
Damaia	0,66	0,24	B1
Mirandela	0,66	0,41	B1
AIPE BURACA	0,67	0,38	B1
AIPE AJUDA	0,67	0,08	B1
Quinta do Conde	0,69	0,98	B2
Benfica	0,69	0,01	B1
AIPE QUINTA CONDE	0,73	0,80	A2
Carnaxide	0,75	0,65	A1
AIPE BOAVISTA/BENFICA	0,79	0,18	A1
AIPE CARNAXIDE	0,79	0,47	A1

Figura 3.3 - Dinâmicas demográficas e situação social das freguesias e AIPE das escolas com orquestras geração – índices sintéticos



Quadro 3.2 - Classificação das freguesias e das AIPE com escolas que acolhem Orquestras Geração

A1- Qualidade de vida e dinamismo baixo/médio - AIPE Boavista (Benfica) - AIPE Carnaxide	A2- Qualidade de vida e forte dinamismo - AIPE Quinta do Conde - Carnaxide
B1- Privação e dinamismo baixo/médio - Damaia - AIPE Damaia - AIPE Buraca - Sacavém - AIPE Ajuda - Benfica - São Silvestre (Coimbra) - Mirandela - AIPE EXPOARTE/Mirandela	B2- Privação e forte dinamismo - Quinta do Conde - São Brás - AIPE Algueirão-Mem Martins - Algueirão-Mem Martins - AIPE Vialonga
B3- Forte privação e dinamismo baixo/médio - Ajuda - AIPE Sacavém - Camarate - AIPE Camarate - Apelação - AIPE Apelação - Buraca - AIPE São Brás - AIPE São Silvestre (Coimbra) - AIPE Telões (Amarante) - Telões (Amarante)	B4- Forte privação e forte dinamismo - Vialonga

Os quadros 3.1 e 3.2 e a figura 3.3 sintetizam a situação demográfica e sócio-urbanística dos territórios (freguesias e AIPE) com escolas que acolhem Orquestras Geração. Conjugando estes resultados com a interpretação mais específica dos indicadores que foi efetuada ao longo deste subcapítulo, destacam-se as seguintes ideias:

- Ainda que as freguesias e as AIPE das escolas associadas ao projeto Geração possam não corresponder exatamente às áreas de recrutamento específicas destas (aos seus *territórios educativos*, num sentido estrito), verifica-se que estas são caracterizadas, na sua maioria, por situações de desvantagem sócio-urbanística e privação social;
- Os territórios que evidenciam situações de maior privação social correspondem, essencialmente, a freguesias e AIPE da 1ª Coroa Periférica da cidade de Lisboa, com destaque para a Buraca e São Brás, na Amadora, Apelação, Camarate e Sacavém, em Loures e Vialonga, em Vila Franca Xira, sendo que este último caso tem uma componente de risco agravada devido ao seu forte crescimento demográfico (Quadro 3.1);
- Em Lisboa, a freguesia da Ajuda, com forte concentração de bairros sociais e de população com baixos níveis de escolaridade, sendo alguma pertencente a grupos étnicos não lusos, como o cigano, também evidencia níveis de privação significativos;
- Fora do contexto da AML, as situações de Telões (Amarante) e da AIPE de São Silvestre (Coimbra), que configuram quadros sócio-territoriais característicos de espaços de transição para o mundo rural ou de cidades médias, também evidenciam níveis de privação elevados;
- Os territórios em que as situações de privação são importantes, embora menos intensas do que nos três primeiros conjuntos referidos, incluem freguesias e AIPE das 2ª e 3ª Coroa periféricas de Lisboa, designadamente Algueirão-Mem Martins e Quinta do Conde e de Carnaxide). Trata-se de áreas marcadas por uma urbanização mais recente, índices urbanísticos mais favoráveis, maior crescimento demográfico, mas indicadores sociais inferiores aos valores de referência metropolitanos e, também, do Continente;
- As freguesias de Benfica e da Damaia, bem como esta última AIPE, evidenciam também uma situação de privação, que apesar de ter alguma importância, é menos desfavorável do que a verificada na freguesia da Ajuda (Lisboa) e nos outros territórios do concelho da Amadora, até porque a presença de bairros degradados e de realojamento nas áreas inicialmente referidas é menos significativa;
- A freguesia e a AIPE de Mirandela configuram a situação menos desfavorável dos territórios não metropolitanos, ocupando uma situação intermédia, de algum modo idêntica à dos dois últimos grupos que se acabaram de mencionar;
- A AIPE e a freguesia de Carnaxide e a AIPE da Boavista/Benfica correspondem aos territórios que não evidenciam um quadro de privação elevado ou mesmo intermédio. Contudo, como as escolas com Orquestras Geração aqui localizadas são, em ambos os casos EB1, e ficam em bairros desfavorecidos (Portela de Carnaxide e Bairro Social da Boavista, respetivamente), cujos indicadores socioeconómicos específicos traduzem quadros de privação, justifica-se, também aqui, a implementação de estratégias de inclusão específicas, como a protagonizada pela Orquestra Geração. Refira-se que é precisamente devido a situações como estas que a análise que aqui se conclui deve ser complementada com a leitura dos elementos referentes à caracterização dos agrupamentos e da sua população escolar.

3.2. As Escolas e os Agrupamentos Escolares¹⁴

Os agrupamentos escolares que acolhem as OG têm dimensões muito variáveis, abrangendo no total 12 244 alunos (Quadro 3.3). A diversidade do conjunto expressa-se quer em número de alunos – desde 245 nas Escolas Almeida Garrett na Buraca (Amadora) até 2215 nas Escolas de Vialonga – quer em níveis de escolaridade.

Quadro 3.3 – Dimensão dos agrupamentos escolares

Agrupamentos escolares	Alunos por agrupamento
Escolas Miguel Torga, São Brás, Amadora	772
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	245
Escolas da Damaia, Amadora	785
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	795
Escolas do Algueirão, Sintra	1529
Escolas Boa Água, Sesimbra	774
Escolas da Apelação, Loures	429
Escolas de Camarate, Loures	1029
Escolas de Sacavém e Prior Velho, Loures	659
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	1347
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	1665
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	2215
Total dos Agrupamentos	12244

Os resultados escolares são muito diferentes nos vários agrupamentos¹⁵ (Quadro 3.4), refletindo bem as diversas realidades sociais das áreas onde estão integrados. A taxa de transição varia entre mais de 80% (Escolas do Algueirão, Boa Água em Sesimbra, Francisco Arruda na Ajuda, em Lisboa, e Escolas de Vialonga) até menos de 50% (Escolas da Apelação, Loures). A maioria dos agrupamentos de escolas apresenta efetivamente situações preocupantes, traduzidas não só nas taxas de retenção mas também em elevadas taxas de abandono (p.e. 25% nas Escolas da Apelação e 18% nas Escolas de Sacavém e Prior Velho). Alguns dos agrupamentos evidenciam também um outro traço que pode ser prejudicial ao sucesso escolar que é a elevada percentagem de transferências para outras escolas (Escolas Pedro Santarém, Benfica, em Lisboa, Escolas de Carnide-Portela, Escolas da Damaia, os 3 agrupamentos com mais de 8% de alunos transferidos durante o ano letivo), o que dificulta, por certo, a adaptação e a integração das crianças.

¹⁴Esta análise foi efetuada apenas para os 12 núcleos da Área Metropolitana de Lisboa, uma vez que os dados relativos aos outros 4 agrupamentos não foram disponibilizados pelo MEC.

¹⁵No resto dos cálculos efetuados neste subcapítulo, os dados associados às duas unidades de análise de Lisboa e à unidade de análise de Oeiras referem-se exclusivamente à Escola com OG e não à totalidade do agrupamento. Embora se tenham solicitado os dados relativos a estes agrupamentos ao Ministério da Educação, tal desiderato nunca teve resposta.

Quadro 3.4 - Resultados escolares (%), por agrupamentos escolares

Agrupamentos escolares	Transitaram	Ficaram retidos	Abandonaram	Foram transferidos	Outras situações
Escolas Miguel Torga, São Brás, Amadora	67.5	14.9	9,3	7,1	1,2
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	73.9	16.3	6,0	3,8	0,0
Escolas da Damaia, Amadora	70.6	6.5	9,6	8,9	4,4
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	70.6	14.1	5,9	9,4	0,0
Escolas do Algueirão, Sintra	88.0	3.6	1,2	4,3	2,9
Escolas Boa Água, Sesimbra	87.3	4.4	1,3	7,0	0,0
Escolas da Apelação, Loures	46.9	4.9	25,2	5,4	17,6
Escolas de Camarate, Loures	64.1	9.6	10,9	2,2	13,2
Escolas de Sacavem e Prior Velho, Loures	62.1	15.0	18,1	4,9	0,0
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	87.5	5.0	0,0	7,5	0,0
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	65.7	13.9	11,1	9,3	0,0
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	80.8	2.3	4,5	3,8	8,6
Total dos Agrupamentos	74.9	6.9	7,5	5,1	5,6

A parcela de crianças nascidas no estrangeiro é relativamente elevada neste conjunto de escolas (Quadro 3.5) – 17,6% no total - o que revela a presença de imigrantes que chegaram há relativamente pouco tempo a Portugal, situação que pode acentuar as dificuldades de integração, especialmente no que respeita à língua e a práticas culturais distintas das que dominam nos lugares de acolhimento. Estas crianças vêm sobretudo dos PALOP, sendo a sua presença especialmente importante nas Escolas da Apelação (35%), de Sacavém e Prior Velho (28,5%) da Damaia (22%) e de Camarate (21,5%).

Quadro 3.5 - Naturalidade dos alunos (%)

Agrupamentos escolares	Portugal	Brasil	PALOP	Outros
Escolas Miguel Torga, S.Brás, Amadora	82.0	3.4	12.0	2.6
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	94.0	2.2	1.6	2.2
Escolas da Damaia, Amadora	72.6	2.7	22.0	2.7
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	95.3	0.6	4.1	0.0
Escolas do Algueirão, Sintra	87.6	3.5	6.7	2.2
Escolas Boa Água, Sesimbra	93.7	2.1	0.9	3.4
Escolas da Apelação, Loures	62.7	1.2	35.0	1.2
Escolas de Camarate, Loures	74.3	1.7	21.5	2.5
Escolas de Sacavem e Prior Velho, Loures	66.8	3.5	28.5	1.2
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	92.5	2.5	3.8	1.3
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	97.7	0.0	1.9	0.5
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	87.0	2.1	8.3	2.6
Total dos Agrupamentos	82.4	2.4	12.8	2.3

Os dados relativos ao grau de instrução das mães (Quadro 3.6) revelam, claramente, que estamos perante comunidades locais socialmente desfavorecidas onde a cultura escolar é incipiente. Apenas

20 % das mães ultrapassaram o ensino obrigatório (9º ano), o que, tratando-se maioritariamente de jovens mulheres entre os 30 e os 40 anos, corresponde a uma situação francamente desfavorável.

Quadro 3.6 - Instrução das mães dos alunos (%)

Agrupamentos escolares	Sem habilitação	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Superior	Formação desconhecida	Outras
Escolas Miguel Torga, São Brás, Amadora	2.8	16.7	19.2	24.0	14.4	4.4	18.5	0.0
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	3.8	38.6	14.1	14.7	4.3	2.7	18.5	3.3
Escolas da Damaia, Amadora	2.7	16.1	11.1	18.6	18.1	8.3	14.8	0.0
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	9.4	25.9	15.9	15.3	5.3	0.0	28.2	0.0
Escolas do Algueirão, Sintra	1.2	11.6	13.2	25.9	22.8	9.0	14.5	1.9
Escolas Boa Água, Sesimbra	0.4	3.6	7.2	16.8	16.8	7.8	46.3	1.2
Escolas da Apelação, Loures	7.9	19.1	14.0	7.5	4.2	0.2	18.9	2.8
Escolas de Camarate, Loures	2.2	20.5	13.6	14.7	8.4	2.0	17.5	1.0
Escolas de Sacavém e Prior Velho, Loures	4.1	14.9	17.3	16.7	10.3	1.5	22.0	0.2
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	5.0	16.3	18.8	18.8	23.8	11.3	6.3	0.0
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	9.3	33.8	18.1	7.4	1.9	0.0	28.2	1.4
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	1.8	7.8	11.5	15.8	16.8	6.1	32.5	0.6
Total dos Agrupamentos	2.7	13.8	13.2	17.9	14.9	5.4	23.9	1.0

O acesso pessoal a computadores e à Internet é, no geral, elevado (Quadro 3.7), mesmo nos agrupamentos onde as privações parecem ser maiores. Contudo, a situação é muito diferente de agrupamento para agrupamento: a percentagem dos alunos que tem computador varia entre valores superiores a 75% (Escolas Francisco Arruda na Ajuda, em Lisboa, e Miguel Torga, em São Brás, na Amadora) e valores inferiores a 12% (Escolas Pedro Santarém – Benfica - em Lisboa e Almeida Garrett – Buraca - na Amadora). O acesso à Internet segue, como é natural, um padrão idêntico. Esta situação globalmente positiva registada no campo das TIC estará certamente ligada aos programas de incentivo à utilização de computadores, designadamente o @-escolinha (Magalhães) e @-escola.

Quadro 3.7 - Acesso a TIC (%)

Agrupamentos escolares	Tem computador	Tem Internet
Escolas Miguel Torga, S.Brás, Amadora	78.1	66.3
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	10.9	8.7
Escolas da Damaia, Amadora	45.6	37.7
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	32.9	17.6
Escolas do Algueirão, Sintra	66.3	59.6
Escolas Boa Água, Sesimbra	49.2	44.2
Escolas da Apelação, Loures	34.3	10.0
Escolas de Camarate, Loures	52.5	38.9
Escolas de Sacavém e Prior Velho, Loures	37.5	27.9
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	88.8	68.8
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	7.4	5.1
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	34.1	22.2
Total dos Agrupamentos	47.6	37.2

4. Quem faz tocar as orquestras

4.1. Quem são e o que dizem os professores, os coordenadores e os diretores das escolas

Baseado no inquérito aos professores¹⁶, que obteve, como já foi referido, uma elevadíssima taxa de resposta, apresenta-se a seguir uma leitura sintética que permite traçar o perfil dos docentes e resumir a sua visão do projeto.

4.1.1. Quem são os professores das OG?

Analisando o sexo e a estrutura etária dos professores que lecionam na OG (Quadro 4.1) percebe-se que a repartição por sexo é relativamente equilibrada, sendo contudo, o número de mulheres superior ao dos homens. São professores muito jovens, essencialmente, jovens adultos, com idades compreendidas entre os 25 e 34 anos. De salientar, que apenas 17,6% dos professores que lecionam na OG apresentam mais de 34 anos.

Quadro 4.1 - Professores da OG: Género e Idade

	nº
Mulheres	51
Homens	40
Menos de 25 anos	13
25 a 34	62
35 a 49	14
50 ou mais	2

Uma grande parte nasceu em Portugal (75 em 91), sendo contudo expressiva a presença de estrangeiros - 17,6%. Dos professores com origem no estrangeiro 56,2% são originários de países da América Latina, e desses 37,5% são Venezuelanos, o que aponta para uma ligação forte às origens do próprio projeto que inspira as Orquestras Geração (Quadro 4.2).

¹⁶Questionário incluído como Anexo 2.

Quadro 4.2 - Professores da OG: Local de Nascimento

	nº
Venezuela	6
França	2
Suíça	3
Alemanha	1
Brasil	1
Cuba	1
Uruguai	1
Hungria	1

A juventude deste grupo de professores justifica que muitos sejam professores há pouco tempo, 46,2% têm 5 ou menos anos de serviço. No entanto, destaca-se um pequeno grupo de 11% que já possui mais de 12 anos de experiência na atividade docente (Quadro 4.3).

Quadro 4.3 - Professores da OG: Tempo de Serviço

	nº
Menos de 2 anos	6
2 a 5 anos	37
6 a 12 anos	38
mais de 12 anos	10

A principal entidade empregadora é a Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN) que “fornece” à OG 40,7% dos professores. Estão presentes em alguns núcleos professores oriundos das bandas militares onde têm o seu vínculo profissional e que aqui são contratados pela EMCN, em acumulação. Com 19,8% surgem professores das Escolas Básicas e das Associações com 13,2% cada uma (Quadro 4.4).

Quadro 4.4 - Professores da OG: Entidades Empregadoras

	nº
EMCN	38
EMCN - Profissionais de Bandas militares (em acumulação)	18
Escola EB	12
Conservatório Regional	3
Associação (Amarante)	12
Outros	9

Um pouco mais de metade dos professores (53,8%) trabalham em apenas uma escola, sendo que 20 estão ligados a 3 ou mais núcleos (Quadro 4.5). Isto parece confirmar, quer as limitações associadas ao número de horas de ensino atribuídas em cada escola, quer a vulnerabilidade laboral dos professores. Estas limitações e vulnerabilidades foram confirmadas nas entrevistas realizadas a alguns professores aquando das visitas às escolas, sendo, especialmente evidenciadas nas escolas

que se encontram fora da área metropolitana de Lisboa. Os professores de uma forma geral defendem a atribuição de um maior número de aulas a lecionar à OG e a padronização dos vencimentos a nível nacional, pois segundo eles existem grandes discrepâncias.

“O vencimento auferido pelos professores é muito baixo, é muito difícil motivar os professores com vencimentos tão baixos pois eles têm que despende muito de si para trabalhar na OG”
(Pedro Teixeira, professor em Mirandela)

Quadro 4.5 - Professores da OG: Número de escolas onde lecionam

	nº
1 escola	49
2 escolas	14
3 escolas	11
4 escolas	6
5 escolas	3
(em branco)	8

A vulnerabilidade que se mencionou acima é confirmada pelo carácter precário da maioria dos vínculos contratuais dos professores. Efetivamente, apenas 15,4% dos 91 professores têm um contrato sem termo, criando esta situação, segundo os professores, uma grande instabilidade profissional e pessoal (Quadro 4.6). Um outro problema identificado nas entrevistas, e referido com muito ênfase, mais uma vez nas escolas que não pertencem à Área Metropolitana de Lisboa, é o facto do tempo de serviço prestado pelos docentes não contar para efeitos do concurso nacional de docentes, em alguns dos núcleos.

Quadro 4.6 - Professores da OG: Tipo de Contrato

	nº
Contrato a termo certo	59
Contrato sem termo	14
Sem contrato	2
Estágio	1
Prestação de serviços	9
(em branco)	6

Refira-se que 61 dos 91 professores que responderam ao inquérito já conheciam El Sistema antes de iniciarem o seu trabalho na OG. O modo como estes tomaram conhecimento deste modelo assume formas diversas, ainda que as redes de informação informais (colegas e amigos) e virtuais (internet e órgãos de informação) assumam um claro lugar de destaque com 34,4% e 39,3%, respetivamente (Quadro 4.7).

Quadro 4.7 - Professores da OG: Forma de conhecimento do projeto OG

	nº
Media e internet	24
Colegas e amigos	21
Professores	7
No próprio El Sistema	6
No trabalho	1
Na Orchestre à l'Ecole	2

4.1.2 O que pensam os professores das OG?

Os resultados a seguir apresentados foram obtidos através de uma análise de conteúdo focada na contagem das palavras mencionadas nas respostas, na sua representação em 'nuvem', onde cada termo surge proporcional ao número de vezes que é referido e nas entrevistas realizadas a alguns professores durante as visitas às escolas.

Ao lado da 'nuvem' de palavras surge a resposta tipo a cada questão colocada aos professores e ainda algumas ideias e opiniões importantes que foram referidas durante as entrevistas realizadas nas diferentes escolas.

Figura 4.1- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Porque começou a trabalhar na OG?



"Iniciar um projeto como a OG foi um sonho que eu e o meu marido sempre tivemos (...) Para mim, é uma maneira de agradecer a Portugal, que é a Terra onde os meus filhos nasceram, e é a Terra onde estou há 16 anos e espero estar muitos mais. Por outro lado é um dever para com a Venezuela eu transmitir aquilo que aprendi e tudo o que me ofereceram".

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG)

Ao fim de 1 ano, nota evolução na atitude das crianças e jovens da OG? Qual?



"A missão fundamental da OG é social e depois se encontrarmos músicos tudo bem. A OG preocupa-se com que os alunos tenham regras e consigam viver em sociedade. Existem situações aqui muito complicadas, no início era muito difícil fazer ensaios porque as crianças não tinham regras ou respeito pelos outros. A maior parte destes alunos apresentam problemas que começam em casa, como é que se pode exigir regras às crianças se os próprios pais e a sociedade que os rodeia têm uma enorme carência de regras e civismo? Por exemplo numa reunião com os pais, enquanto falávamos quase ninguém nos ouvia e faziam barulho, com pais assim como pedir aos alunos que tenham regras. A OG tem dado a estes alunos, com concertos em Coimbra, na Bélgica ou CCB, um conjunto de experiências que já lhes permite saberem comportarem-se num palco ou em qualquer outra situação.

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG)

O trabalho com estas crianças que são oriundas de meios desfavorecidos tem-se revelado muito importante essencialmente na melhoria da concentração, disciplina, método de estudo, cumprimento das regras de sala de aula, e nos domínios do “saber ser” e “saber fazer”. A hierarquização própria da orquestra é vista como um elemento fundamental para educar e responsabilizar os alunos.

(Cristina Gomes, Psicóloga em Mirandela)

Quais são, na sua opinião, as 2 principais mais-valias da OG?



O ensino e a aprendizagem da música nas escolas contribui para: i) o melhor Desenvolvimento de competências sociais, como a motivação e a autoestima; ii) a criação de oportunidades de integração social e familiar.

O método e ensino na OG funciona de uma forma mais rápida e produtiva que os métodos mais tradicionais e tem apresentado bons resultados em todos os locais onde é implementado. Ao comparar a evolução dos meus filhos que estudam música no método tradicional com os alunos aqui da OG, percebo que estes evoluem muito mais rapidamente.

(José Alexandre, Diretor do AE de Murça)

(José Alexandre, Diretor do AE de Murça)

“Na OG o mais importante é o aspeto social, as regras e a oportunidade de estes alunos descobrirem um mundo completamente diferente. A OG proporciona a estes alunos um mediatismo e um conjunto de oportunidades que mais nenhuma escola proporciona em Portugal. O orgulho e a emoção que os pais destes alunos refletem nos concertos é outro aspeto muito importante. Podemos ainda descobrir alguns talentos com a OG, apesar de não ser esse o objetivo principal e com certeza que tiramos muitos alunos “de maus caminhos”

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG).

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG).

Figura 4.6- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Quais são, na sua opinião, os 2 principais problemas da OG?

[illegible]

Quando se compara a estrutura do El Sistema com a OG percebe-se que “os horários escolares na Venezuela são muito diferentes, os alunos têm apenas aulas no ensino regular apenas até às 13 horas ficando com todas as tardes livres para trabalharem e estudarem no El Sistema. Aqui os horários são muito limitados, uma criança em Portugal raramente está livre antes das 17 horas e por volta das 20 horas tem de regressar para jantar e fazer os trabalhos de casa, o que conduz ao abandono de muitos alunos”.

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG)

[illegible]

“Os professores aderem muito bem ao projeto dando muito de si e disponibilizam-se para realizar a formação necessária e a participar no projeto”.

(Manuel Rocha, Coordenador do núcleo de Coimbra)

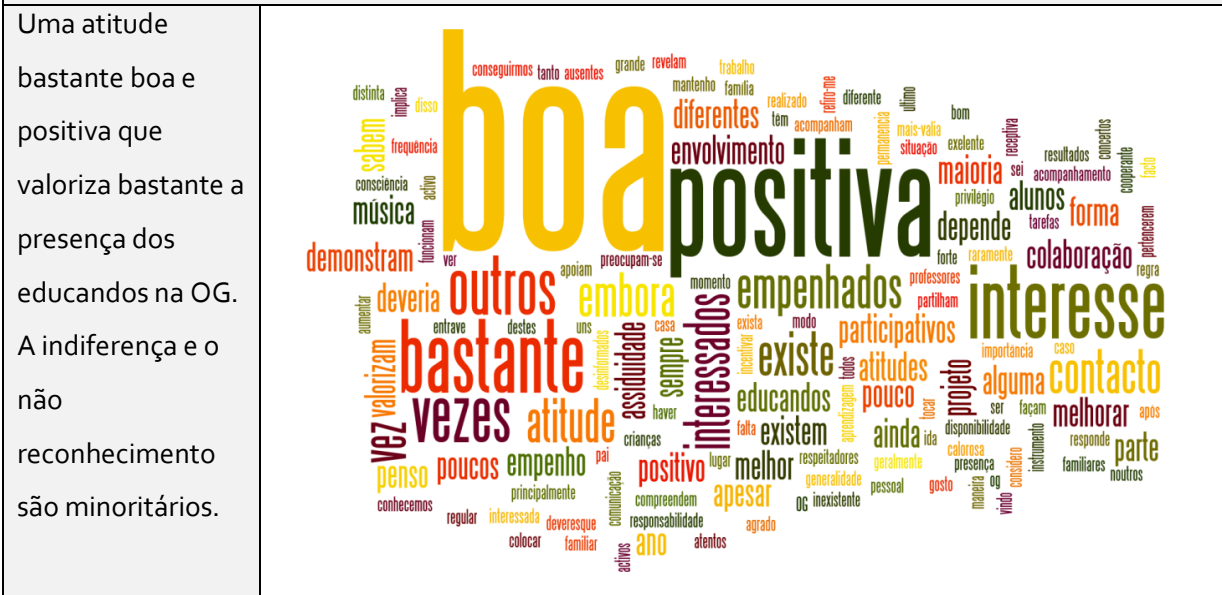
Figura 4.8- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos outros professores das escolas face ao projeto OG?

Como classifica a atitude dos outros professores das escolas face ao projeto OG?	
Em geral os professores demonstram boa receptividade ao projeto, evidenciando atitudes bastante positivas face ao trabalho da OG. As atitudes de indiferença são minoritárias.	

Figura 4.9- ‘Nuvem’ de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos funcionários (não docentes) das escolas face ao projeto OG?

[illegible]

Como classifica a atitude dos pais/familiares face ao projeto OG?



As famílias dão todo o apoio para os alunos continuarem na OG. Estes pais estão a ser educados pela OG, neste momento muitos deles dão mais importância à OG do que à religião ou ao futebol, o que há pouco tempo atrás era impensável, as atividades culturais e escolares ficavam sempre para o segundo plano.

(Cristina Gomes, psicóloga em Mirandela)

(Cristina Gomes, psicóloga em Mirandela)

Que tipo de relação se estabelece com as famílias dos alunos?



Relativamente às famílias a importância da OG é evidente, foi referido o exemplo de uma família a quem foram retirados os filhos e institucionalizados. “Após a entrada dos alunos para a OG estes pais acompanham de uma forma muito mais próxima os seus filhos e existe possibilidade de esta família voltar a existir enquanto família muito graças à intervenção da OG sobre os pais e as crianças.

(Cristina Gomes, psicóloga em Mirandela)

“As famílias através da OG começaram a acompanhar os seus filhos no seu percurso escolar. Desta forma é mais fácil trazer os pais à escola e fazer com que se responsabilizem mais pelos seus educandos. A psicóloga da escola e os professores da OG acabam por ajudar muito os pais e alunos pois existe um contacto muito próximo com estes. É muito fácil para o professor perceber se há alguma coisa que está a correr mal com o aluno em casa pois a proximidade da relação com estes alunos é muito próxima”.

(Artur Correia, Diretor do AE Amadeu Souza Cardozo)

Figura 4.12- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como perspectiva o futuro da OG na(s) escola(s) onde trabalha?



O futuro só poderá passar pelo crescimento e avanço do projeto. Se isto terminasse agora era uma desilusão para os alunos e para os pais, pois este projeto já faz parte das suas vidas.

(Sónia Vieira, professora no núcleo de Amarante)

que não são profissionais, existe apenas um concurso de “jovens talentos” mas isso não é suficiente, na Venezuela existem festivais, onde os melhores alunos podem atuar nos principais palcos. Esta falta de oportunidades para os alunos se mostrarem e evoluírem é também uma dificuldade, apesar de nos últimos anos a qualidade dos músicos portugueses ter aumentado muito. Tenho assistido a esta evolução nos últimos 16 anos e é sem dúvida muito positiva, temos uma gama de músicos de muito alto nível. A comprová-lo por exemplo está o facto de nos últimos 4 ou 5 anos terem entrado muitos músicos portugueses na Orquestra Gulbenkian, o que no passado era difícil, eram quase todos estrangeiros como eu. Os “limites” como os espaços, os horários ou os instrumentos, que estão sempre a ser impostos, são outros constrangimentos que deverão ser ultrapassados. Se não existem salas os alunos tocam na rua, na Venezuela chegamos a tocar muitas vezes na rua.”

(Ana Manzanilla, professora/coordenadora da OG)

Em síntese, pode afirmar-se que os professores se identificam com o projeto revelando um elevado grau de satisfação. Os resultados obtidos com as crianças contribuem para isso, merecendo também uma apreciação bastante positiva, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais, como a confiança, a autoestima, a responsabilidade e a assiduidade. A aprendizagem musical também é considerada positiva e rápida. As mais-valias que encontram na OG prendem-se sobretudo com os requisitos, individuais e coletivos, que garantem a inclusão social. O principal problema reside na conciliação de horários. Os outros atores escolares, quer organizacionais, quer profissionais – direções, outros professores e funcionários -, são globalmente vistos como tendo atitudes muito favoráveis. A atitude das famílias, marcada pela proximidade e reconhecimento, merece também uma boa apreciação, embora sejam mencionados casos pontuais de alheamento. A continuidade do projeto é muito desejada pelos professores, o que se deverá não só aos bons resultados obtidos mas também às perspetivas de trabalho que este projeto propicia. O alargamento a todo o território nacional e o aperfeiçoamento artístico são as principais expectativas dos professores.

4.1.3. As vozes dos diretores das escolas e dos coordenadores locais

As entrevistas realizadas aos diretores das escolas com núcleos OG e aos coordenadores locais permitem elencar um conjunto interessante de opiniões que configuram as principais potencialidades e constrangimentos do percurso da OG.

As potencialidades identificadas e que reúnem maior consenso entre os intervenientes no projeto são os ganhos de autoestima dos alunos, que contribuem para alargar as suas motivações e perspetivas de futuro. São já vários os exemplos de alunos da OG, que terminado o seu percurso no

ensino básico, seguiram estudos na Escola de Música do Conservatório Nacional ou na Orquestra Metropolitana de Lisboa. Foi também referido, a este propósito, que “a OG melhorou muito as atitudes dos alunos” (Emília Ribeiro, EB1 Alexandre Herculano, Ajuda-Lisboa). Nesse sentido, a OG parece estar a fazer a diferença em duas turmas de 6º ano (EB2,3 Apelação), pois em termos de comportamento e disciplina as diferenças são grandes, uma vez que os alunos na OG vão demonstrando mudanças significativas nas atitudes (Fátima Magueijo, coordenadora de OG). São também significativos exemplos como o do “João, (nome fictício) um aluno hiperativo que ‘desatinava’ com toda a gente e em qualquer lugar, melhorou muito o seu comportamento depois de entrar para a OG” (João Pereira, diretor EB2,3 Miguel Torga, S.Brás, Amadora). O alargamento das competências, tanto no domínio interpessoal (articulação com os colegas, trabalho conjunto na orquestra para produzir resultados, responsabilização), como no domínio instrumental (aprendizagem da música, pontualidade) é outra das potencialidades salientadas. Como refere Félix Bollanos (diretor da EB2,3 da Apelação), “o ensino da OG é mais próximo do aluno, o que beneficia a relação pedagógica e ajuda o desenvolvimento pessoal, uma proximidade que muitas vezes os pais não conseguem”. É referido ainda que “alguns alunos adquiriram maior rigor, maior controlo dos horários e maior responsabilidade, não é possível quantificar mas essa perceção é muito clara.

Muitos alunos sentem-se orgulhosos por serem capazes de tocar um instrumento, aumenta-lhes a autoestima” (Raquel Carvalho, diretora da EB2,3 Mário de Sá Carneiro, Camarate, Loures). “Os alunos estão muitas vezes sozinhos a ensaiar, nos corredores, nos jardins ou nas salas e entreajudam-se bastante, isto muda o ambiente da escola” (José Chambel, em representação do coordenador local da OG, EB2,3 Miguel Torga, S.Brás). O reforço do envolvimento das famílias no processo de aprendizagem dos alunos, com consequências ao nível do acompanhamento destes e da sua relação com a escola e valorização de outras formas de cultura, como a música clássica; é outra das potencialidades constantes no discurso dos intervenientes. “A atitude dos participantes nos concertos era complicada porque as pessoas não estavam habituadas a este tipo de espetáculos; alguns concertos eram um “pandemónio” com as atitudes dos alunos e dos espectadores. Com o tempo, os alunos comportam-se melhor nas audições e estão a ser os catalisadores de mudanças nas próprias famílias.” (Jonatas Ferreira, coordenador da OG, EB2,3 Vialonga) “Se a OG acabasse amanhã criava-se um vazio muito grande entre a escola e a comunidade, pois a OG veio aproximá-las, servindo de elo de ligação; os familiares vão assistir aos concertos dos filhos e isso é um sinal de aproximação”. (João Pereira, diretor EB2,3 Miguel Torga, S.Brás, Amadora) “Este projeto deu novas oportunidades e abriu novas portas não só aos alunos mas também a toda a comunidade” (idem). “A OG reforçou a ligação da Escola com os pais, a Escola ganhou outra dinâmica porque a OG participa em todas as atividades. A escola foi absorvida pela OG e os próprios pais vestiram a “camisola”;

muitos vão assistir aos concertos e vão buscar os filhos aos ensaios ou estúdios incentivando e apoiando assim a participação dos alunos”. (Maria Matos, diretora do Agrupamento de Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa).

O contributo para a igualdade de oportunidade, possibilitando que alunos de meios desfavorecidos tenham acesso a atividades que, tradicionalmente, lhes são distantes é outra das potencialidades mais identificadas e referida pelos responsáveis de todos os núcleos da OG. “A música é fundamental, e o objetivo é torná-la acessível a uma comunidade que de outra forma não teria acesso a este tipo de música”. (Armandina Soares, diretora do Agrupamento de Escolas de Vialonga) “A escola pegou nas crianças mais difíceis e mais pobres e foi trabalhando com elas fazendo com que as famílias fossem mudando e apercebendo-se da dimensão da OG.” (idem) “As famílias e a comunidade escolar têm demonstrado cada vez mais interesse na OG e valorizam a sua atividade”. (Jonatas Ferreira, coordenador da OG, EB2,3 Vialonga) “A OG é mais um projeto que se desenvolve com outras parcerias e projetos, provocando mudanças que já são conhecidas por todos os parceiros, quer pela câmara, quer pela polícia de segurança pública, levando à diminuição de assaltos e diminuição de violência” (Félix Bollanos, diretor da EB2,3 da Apelação). “Era tão improvável o estabelecimento de uma orquestra destas num local com as características sociais deste, que o seu sucesso ainda se torna maior” (João Pereira, diretor EB2,3 Miguel Torga, São Brás, Amadora). Para concluir a análise das potencialidades que as vozes destes agentes revelam, merece ser sublinhada a afirmação da professora Maria Matos, coordenadora na EB1 Alexandre Herculano, Ajuda, Lisboa: “a OG é um projeto para unir crianças e unir vontades e saberes e não para dividir, tudo o que fazemos e queremos fazer é para juntar”.

Relativamente aos principais constrangimentos, revelados pelas diferentes vozes, verifica-se que de uma forma geral são transversais a todos os núcleos e prendem-se essencialmente com a gestão dos horários de alunos e professores e o problema do espaço físico das Escolas. “A elaboração dos horários dos alunos, especialmente no primeiro ciclo, onde as turmas estão em desdobramento é muito complicada” (Armandina Soares, diretora do Agrupamento de Escolas de Vialonga). “Se as escolas tivessem autonomia para a gestão dos horários e dos currículos poderiam responder melhor às expectativas e necessidades dos alunos. Eu não consigo conceber uma escola moderna que funcione com blocos e salas de aula. Não é assim que funciona na vida real, há uns tempos atrás era mas agora já não é. As escolas deviam ter mais liberdade de gestão. Alguns alunos estão vocacionados para o insucesso porque a estrutura deles não está adaptada aquilo que é a escola” (Félix Bollanos, diretor da EB2,3 da Apelação). A falta de instalações, como um auditório ou sala própria, e maior envolvimento por parte dos pais, pois muitas vezes os alunos chegam tarde dos

concertos e muitos deles não têm os pais à espera, são sintoma de alheamento que é sempre problemático. Excetuando as aulas individuais, na OG as aulas são lecionadas maioritariamente após as 16 horas e aos sábados de manhã. 'Muitos alunos saem das aulas da OG por volta das 20 horas, por falta de salas de aula' (Raquel Carvalho, diretora da EB2,3 Mário de Sá Carneiro, Camarate, Loures).

Uma das questões que mais preocupa estes intervenientes no projeto relaciona-se com o financiamento. São vários os exemplos e receios referidos pelos diretores e coordenadores e que podem ser agravados pela conjuntura económica vivida pelo país atualmente. "A percussão, que era suposto, ter-se iniciado este ano não arrancou por motivos financeiros e falta de instrumentos (Félix Bollanos, diretor da EB2,3 da Apelação). "É necessário dinheiro e patrocínios para isto funcionar, especialmente para os ordenados dos professores (João Pereira, diretor EB2,3 Miguel Torga, S. Brás, Amadora).

A coordenação e articulação entre os diferentes "atores/gestores" do projeto é considerada fundamental por todos os intervenientes; contudo é unânime que neste aspeto ainda nem tudo está devidamente alinhado. "A direção gostaria que os diretores de turma tivessem alguma informação para fornecer aos pais, sendo, muitas vezes, a articulação entre os vários docentes difícil. Existe algum entusiasmo por parte dos outros professores, mas é difícil haver uma verdadeira relação entre todos; em termos metodológicos, as coisas seguem paralelamente (João Pereira, diretor EB2,3 Miguel Torga, S. Brás, Amadora).

Em alguns núcleos, é ainda constantemente referida, a falta de interesse e apoio de algumas famílias ao projeto. As escolas sentem que muitas das famílias não reconhecem a importância do projeto, não incentivam os respetivos educandos e não os acompanham. "Algumas famílias apoiam o projeto e estão presentes, contudo, muitas continuam indiferentes ao trabalho desenvolvido pela OG. (José Gomes, coordenador da OG, EB2,3 Mário de Sá Carneiro, Camarate). "Há um constrangimento quando aparecem as atitudes de alguns familiares pouco empenhados ou interessados no projeto e no significado que ele pode ter para os alunos (Jonatas Ferreira).

O possível "estrangulamento" do projeto no futuro, pela forma como este se encontra estruturado, é outra das preocupações dos intervenientes. Em grande parte dos núcleos foi estabelecido um número específico de alunos para a orquestra e, por este facto, a partir do momento que se atinge este limite não serão aceites mais alunos. Esta situação poderá no futuro implicar algumas dificuldades de gestão porque não existirão alunos "dentro do sistema" para substituir aqueles que seguem o seu percurso académico normalmente e continuam para ciclos de ensino superiores. "O

facto de não poderem entrar mais alunos todos os anos poderá ser um estrangulamento da OG, não há autorização para o alargamento pois não há professores, quando estes alunos chegarem ao fim de ciclo a continuidade será difícil pois não há um fluxo contínuo de alunos” (José Gomes, coordenador da OG, EB2,3 Mário de Sá Carneiro, Camarate).

O facto de não existir uma certificação do ensino e das competências desenvolvidas pela OG nos alunos é visto também como um constrangimento. Estes alunos desenvolvem um projeto e adquirem várias competências no seu percurso, contudo, não existe neste momento qualquer forma de “validar” essas competências e aprendizagens para que estes alunos as possam, no futuro, utilizar oficialmente. “Talvez se devesse oficializar o conceito de Orquestra Geração, por exemplo, através de um hipotético Curso de Educação Formação (CEF) de música para se certificar a formação musical que o projeto dá a estes alunos. Enfim é preciso estudar uma modalidade com base no ensino integrado ou articulado da música, que dê reconhecimento à formação adquirida neste projeto. Se esta formação não for certificada oficialmente, poder-se-á perder, pois se os alunos não seguirem um curso de música não existe nada que certifique estas capacidades a estes alunos, o que nos nossos dias é fundamental” (José Chambel, representante do coordenador da OG, EB2,3 Miguel Torga, São Brás).

Finalmente, na escola de Vialonga foi ainda referido, como dificuldade inicial, a contratação de professores de instrumento, pois os horários eram reduzidos o que não despertava o interesse dos professores, uma vez que precisam de correr várias escolas para completar horário. “A contratação de professores de instrumentos no início do projeto era difícil pois havia poucas horas para atribuir (Armandina Soares, diretora do Agrupamento de Escolas de Vialonga).

Em síntese, a generalidade dos diretores e coordenadores de escolas são unânimes em atribuir à OG um papel preponderante na formação pessoal, social e artística dos alunos que a frequentam. Apesar de serem referidos alguns constrangimentos importantes, essencialmente económicos e estruturais, a OG é vista por estes intervenientes como um projeto muito importante para os alunos, para a Escola e para a Comunidade Educativa pois, segundo eles a OG gera efeitos positivos transversais a todos estes grupos. A análise das entrevistas torna evidente que o projeto necessita de alguns ajustes e de se consolidar estruturalmente para poder funcionar melhor, contudo, é também evidente que se trata de um projeto fundamental as comunidades escolares onde está implantado e os bons resultados são amplamente reconhecidos pelos diferentes intervenientes. Relativamente ao futuro é consensual quer a continuação do projeto quer o seu crescimento pois, é fundamental para a dinâmica do projeto a entrada contínua de alunos.

4.2. Quem são e o que dizem as Crianças

4.2.1 Quadro Geral I - Quem são?

Através dos dados disponibilizados pelo Ministério da Educação e Ciência e pelas escolas, é possível cruzar o quadro macro de caracterização dos alunos das Escolas em que funciona a Orquestra Geração com a informação específica acerca dos alunos que a frequentam. No presente ano letivo, os 16 núcleos da OG são constituídos por 873 crianças e jovens que, na AML¹⁷, representam cerca de 6% do total de alunos dos agrupamentos escolares onde funcionam OG (Quadro 4.8). Embora se situe na maioria dos casos abaixo dos 6,5% dos alunos inscritos em cada agrupamento escolar, a parcela de alunos integrados nas OG apresenta algumas diferenças consoante a unidade de análise, variando entre 1,8% nas Escolas Pedro de Santarém (Benfica), em Lisboa e 26,1% nas Escolas Almeida Garrett (Buraca), Amadora.

Em termos absolutos, os maiores núcleos são os 2 mais antigos: Miguel Torga (São Brás, Amadora) com 94 alunos e Vialonga com 187. Os mais pequenos são núcleos recentes: Carnaxide-Portela que passou de 30 alunos em 2009/10 para 58 em 2011/12, Arq. Ribeiro Telles (Boavista/Benfica), com 30 alunos e Escola Básica e Secundária de Murça, com 35 alunos.

As raparigas são maioritárias no conjunto dos núcleos OG – por cada 10 raparigas há 6 rapazes (Quadro 4.9). Este desequilíbrio pode eventualmente relacionar-se com o facto de os rapazes estarem mais dispersos por várias atividades e sobretudo pelas práticas desportivas, o que lhes deixa menos tempo livre (e porventura menor motivação) para participarem na OG. O ratio rapazes/raparigas é, contudo, muito diferente consoante os agrupamentos, existindo mesmo 4 núcleos onde os rapazes estão em franca maioria: Arq. Ribeiro Telles/(Boavista/Benfica), Pedro d'Orey na Damaia, Boa Água em Sesimbra e Expoarte em Mirandela.

¹⁷A comparação entre os alunos que estão nas OG e os restantes alunos dos agrupamentos escolares só pode ser efetuada para os 12 núcleos da Área Metropolitana de Lisboa, uma vez que os dados relativos aos outros 4 agrupamentos não foram disponibilizados pelo MEC.

Quadro 4.8 - Agrupamentos e núcleos – número de alunos

Agrupamentos	Alunos por agrupamento	Peso % do núcleo no agrupamento	Alunos por núcleo	Núcleos OG
Escolas Miguel Torga, São Brás, Amadora	772	12.2	94	Miguel Torga, São Brás, Amadora
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	245	26.1	64	Alto do Moinho/Almeida Garrett, Amadora
Escolas da Damaia, Amadora	785	5.9	46	Pedro d'Orey/Damaia
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	795	3.8	30	Amélia Vieira Luís/Carnaxide-Portela
Escolas do Algueirão, Sintra	1529	3.1	47	Mestre Domingos Saraiva, Algueirão
Escolas Boa Água, Sesimbra	774	6.1	47	Boa Água, Sesimbra
Escolas da Apelação, Loures	429	11.0	47	Apelação
Escolas de Camarate, Loures	1029	4.0	41	Mário Sá Carneiro, Camarate
Escolas de Sacavém e Prior Velho, Loures	659	6.2	41	Bartolomeu Dias, Sacavém-Prior Velho
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	1347	3.4	46	Alexandre Herculano/Francisco Arruda, Lisboa (Ajuda)
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	1665	1.8	30	Arq. Ribeiro Telles/Pedro Santarém, Lisboa (Boavista/Benfica)
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	2215	8.4	187	Vialonga
---	---	---	41	S. Silvestre, Coimbra
---	---	---	38	Amadeo Sousa Cardoso, Telões, Amarante
---	---	---	39	Expoarte, Mirandela
			35	E. S. de Murça
Total dos Agrupamentos	12244	5.9 (*)	873	Todos os núcleos

(*) Refere-se apenas aos núcleos da AML (2009/10)

A idade média dos membros das OG é de 10,6 anos (Quadro 4.10). A idade média depende de 2 fatores: a antiguidade do núcleo e o tipo de escola/agrupamento onde está integrado. A conjugação destas 2 variáveis explica que a idade média mais elevada se registe no núcleo mais antigo (Miguel Torga, São Brás – 12,5 anos), num dos mais recentes (Telões, Amarante – 12,8 anos) e num intermédio (Camarate – 12,3 anos). A idade média mais baixa surge nos 2 núcleos do concelho de Lisboa, onde a OG abrange apenas crianças do nível EB1: Ajuda (8,6 anos) e Boavista/Benfica (8,8 anos).

Quadro 4.9 - Agrupamentos e núcleos – rapazes e raparigas

Agrupamentos	Sex-ratio nos agrupamentos (100 x M/F)	Sex-ratio nos núcleos (100 x M/F)	Núcleos OG
Escolas Miguel Torga, S.Brás, Amadora	105.3	40.3	Miguel Torga, S.Brás, Amadora
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	89.7	79.4	Alto do Moinho/Almeida Garrett, Amadora
Escolas da Damaia, Amadora	89.2	130.0	Pedro d'Orey/Damaia
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	80.9	50.0	Amélia Vieira Luís/Carnaxide-Portela
Escolas do Algueirão, Sintra	125.8	23.7	Mestre Domingos Saraiva, Algueirão
Escolas Boa Água, Sesimbra	130.4	119.0	Boa Água, Sesimbra
Escolas da Apelação, Loures	103.3	56.7	Apelação
Escolas de Camarate, Loures	94.5	41.4	Mário Sá Carneiro, Camarate
Escolas de Sacavem e Prior Velho, Loures	90.5	24.0	Bartolomeu Dias, Sacavém-Prior Velho
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	77.8	69.2	Alexandre Herculano/Francisco Arruda, Lisboa (Ajuda)
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	120.4	175.0	Arq. Ribeiro Telles/Pedro Santarém, Lisboa (Boavista/Benfica)
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	105.1	53.3	Vialonga
---	---	100.0	S. Silvestre, Coimbra
---	---	65.2	Amadeo Sousa Cardoso, Telões, Amarante
---	---	153.8	Expoarte, Mirandela
Total dos Agrupamentos	105.4	62.2	Todos os núcleos

Quadro 4.10 – Agrupamentos e núcleos – idade média

Agrupamentos	Idade média dos alunos	Idade média dos alunos	Núcleos OG
Escolas Miguel Torga, S.Brás, Amadora	13.0	12.5	Miguel Torga, S.Brás, Amadora
Escolas Almeida Garrett, Buraca, Amadora	8.7	9.2	Alto do Moinho/Almeida Garrett, Amadora
Escolas da Damaia, Amadora	12.3	---	Pedro d'Orey/Damaia
Escolas de Carnaxide-Portela, Oeiras	8.3	10.5	Amélia Vieira Luís/Carnaxide-Portela
Escolas do Algueirão, Sintra	10.7	9.2	Mestre Domingos Saraiva, Algueirão
Escolas Boa Água, Sesimbra	10.9	9.7	Boa Água, Sesimbra
Escolas da Apelação, Loures	12.6	11.3	Apelação
Escolas de Camarate, Loures	12.5	12.3	Mário Sá Carneiro, Camarate
Escolas de Sacavem e Prior Velho, Loures	12.6	11.9	Bartolomeu Dias, Sacavém-Prior Velho
Escolas Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa	7.7	8.6	Alexandre Herculano/Francisco Arruda, Lisboa (Ajuda)
Escolas Pedro Santarém, Benfica, Lisboa	8.7	8.8	Arq. Ribeiro Telles/Pedro Santarém, Lisboa (Boavista/Benfica)
Escolas de Vialonga, Vila Franca de Xira	10.6	10.3	Vialonga
---	---	---	S. Silvestre, Coimbra
---	---	12.8	Amadeo Sousa Cardoso, Telões, Amarante
---	---	10.6	Expoarte, Mirandela
Total dos Agrupamentos	11.3	10.6	Todos os núcleos

A idade média por ano de escolaridade (Quadro 4.11) permite fazer uma aproximação ao 'sucesso' escolar, dado que uma idade média mais alta significa, quase inteiramente, maior número de retenções. Assim sendo, verifica-se que os alunos OG mostram um perfil mais favorável (com a exceção dos que frequentam o 6º ano de escolaridade).

Quadro 4.11 – Idade média por ano de escolaridade nos agrupamentos de escolas e nos núcleos OG

Ano escolaridade	Agrupamentos	Núcleos
1º	6.3	6.0
2º	7.3	7.2
3º	8.9	8.6
4º	9.7	9.1
5º	10.8	10.3
6º	10.5	11.4
7º	12.8	12.5
8º	13.8	13.6
9º	12.9	14.5

Contudo a diferença entre os alunos OG e os restantes, não sendo muito pronunciada, indicia uma distinção relevante que pode estar associada aos efeitos da OG, estimulando competências que garantem um percurso escolar melhor sucedido. Há contudo outra hipótese de interpretação que não deve ser descartada: os alunos que se inscrevem na OG são eventualmente crianças e jovens mais motivados à partida, que têm, por isso, percursos escolares menos problemáticos.

4.2.2. Quadro Específico - Quem são II?

Foram efetuados 412 inquéritos válidos a crianças das OG, abrangendo todas as escolas incluídas no projeto OG, e 242 inquéritos aos colegas destas crianças – das mesmas escolas e idades que podem frequentar outras atividades aqui designadas por 'extra', atendendo ao seu carácter de complemento do currículo ou mesmo extraescolar (Anexo 5 - inquéritos aos 'alunos com OG' e aos 'alunos sem OG'). O grupo de crianças inquiridas que não pertencem à OG permite estabelecer alguns elementos de comparação entre o projeto OG e as outras atividades 'extra' que as crianças podem frequentar. Os inquéritos foram aplicados nas escolas em suporte digital com supervisão dos professores, nos meses de maio e junho de 2012.

No grupo de colegas das crianças da OG foram analisados os resultados dos inquéritos às crianças que frequentam uma atividade 'extra' ou seja uma atividade para além das aulas curriculares. Os

resultados revelam que 82,2% destas crianças têm uma atividade 'extra'. O conjunto de atividades 'extra' identificadas pelas crianças é muito diverso e embora as mais frequentes sejam a natação (43,4%) e o futebol (13,7%), surgem muitas outras que incluem vários desportos, atividades artísticas e catequese.

Perfil sócio-biográfico

No que diz respeito ao percurso escolar, os dados dos inquéritos revelam que as crianças das OG se encontram numa situação melhor:

- Têm um trajeto com muito menos retenções (17,3% vs. 32,6%)
- Menos crianças com notas negativas no período de referência (2º período 2011-12) (35,8 vs. 41,3%)

O perfil das crianças das OG também apresenta alguns traços de diferenciação:

- Existe uma nítida sobre-representação das raparigas (64,1% vs. 50,4%)
- Embora seja uma diferença pequena, nas crianças das OG é menos frequente a pertença a uma família imigrante (naturalidade estrangeira das mães – 18,4% vs. 22,2%). A origem cabo-verdiana está sobre-representada nas crianças das OG (10,9% vs. 6,6%).
- O estatuto profissional das mães é mais favorecido no grupo das crianças OG onde a percentagem de trabalhadoras classificadas genericamente como não qualificadas é bastante mais reduzida (13,4% vs. 38,4%). No mesmo sentido aponta a habilitação escolar, ligeiramente mais elevada no grupo OG.

E traços comuns:

- O tipo de família é idêntico – cerca de 60% das crianças vivem em famílias biparentais com ou sem irmãos, 16% em agregados monoparentais e um pouco mais de 20% em famílias não parentais.
- Em ambos os grupos, 89% das crianças nasceram em Portugal e 11% fora.

Os indicadores que traduzem a vida familiar revelam também pontos diferenciadores entre os 2 grupos de crianças (Quadro 4.12). Genericamente, as famílias das crianças das OG parecem ser mais estruturadas, o que se revela p.e. na maior percentagem de crianças que toma o pequeno almoço antes de ir para a escola, na maior presença dos familiares ao jantar e no acompanhamento escolar.

Quadro 4.12 - Indicadores da vida social das crianças

	Crianças OG(%)	Colegas (%)
Toma o pequeno almoço antes de ir para a escola	93,5	89,3
Janta com a mãe	91,0	92,2
Janta com o pai	68,0	64,5
É ajudada nos trabalhos de casa:		
• às vezes	57,3	53,3
• sempre	28,4	24,8

Embora, em termos gerais, estejamos perante crianças de grupos sociais bastante desfavorecidos (o que justifica a presença da OG nas suas escolas), as crianças das OG pertencem a estratos ligeiramente mais favorecidos o que se traduz em famílias com um perfil socioprofissional menos desqualificado e em vidas familiares mais organizadas.

Representações da escola

Quadro 4.13 - Representações da escola

A escola para ti é:	Pontuações	
	Crianças OG	Colegas
Aprender	0,35	0,23
Estudar	0,21	0,19
Trabalhar	0,13	0,17
Aborrecida	0,02	0,03
Divertida	0,10	0,12
Estar com amigos	0,14	0,15
Difícil	0,00	0,03
Perigosa	0,01	0,01
Brincar	0,03	0,07

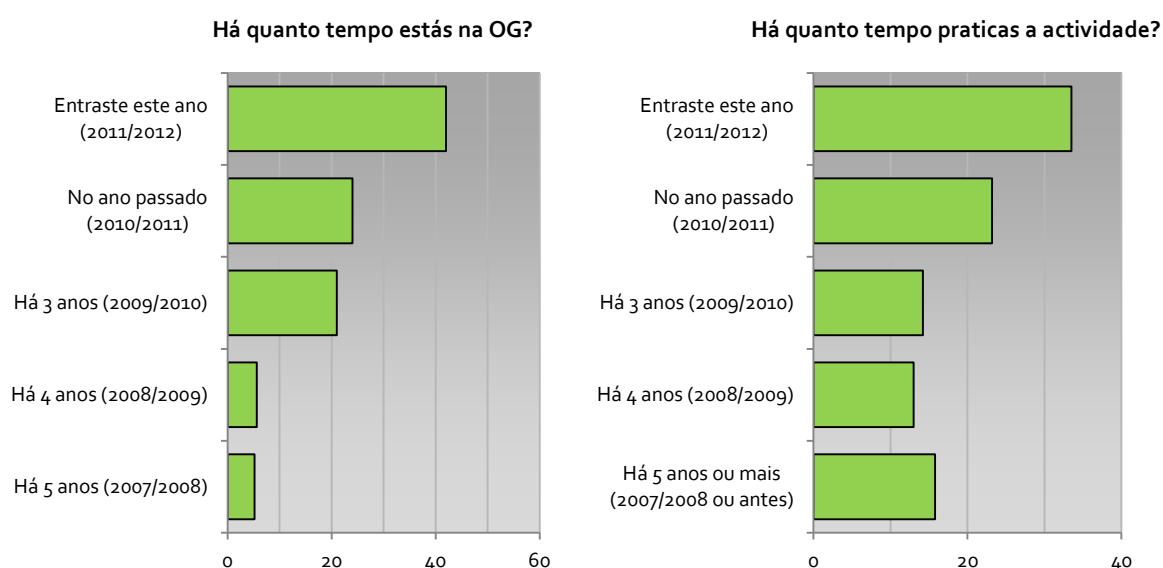
Tanto um grupo como o outro têm uma imagem da escola como espaço de aprendizagem, estudo e trabalho, esses são os aspectos que sobressaem numa valorização em que os aspectos lúdicos vêm em segundo plano e os aspectos negativos são muito pouco valorizados. Esta representação predominante, vem de algum modo contrariar o senso comum que muitas vezes atribui aos públicos escolares em meios desfavorecidos uma atitude pouco valorizadora do trabalho escolar e da aprendizagem e assume a escola como palco de atitudes disruptivas. Embora com menos nitidez, as

crianças das OG parecem valorizar menos do que os seus colegas a dimensão lúdica e convival da escola (Quadro 4.13).

Atividades das crianças

Mais de 2/3 das crianças estão na OG há menos de 1 ano o que reflete a expansão recente do projecto, iniciado em 2007. Embora nas actividades 'extra', os dados indiquem que as crianças mudam frequentemente, a estabilidade é maior, ou seja há mais crianças a frequentarem a mesma atividade há mais tempo (Figura 4.14).

Figura 4.14- Tempo de permanência na atividade



A principal razão que as crianças indicam para terem ido para a OG é a mesma que os seus colegas maioritariamente apontam para terem escolhido a actividade 'extra' em que participam: gostar de música, no caso da OG; gostar de futebol, natação, pintura, etc, nos outros casos. Em segundo lugar, ambos os grupos de crianças valorizam a possibilidade de experimentar uma 'coisa' nova como factor importante para a sua escolha. Ter amigos a praticar a mesma atividade não é tão relevante para as crianças das OG como para os seus colegas que valorizam bastante esse facto. Esta diferença pode ser em parte atribuível à implantação recente das OG. Com menos expressão surge o peso da opinião familiar bem como a ideia de fazer da atividade uma profissão no futuro. Finalmente, ocupar o tempo livre não é uma razão significativa para as crianças das OG, sendo relativamente importante para os seus colegas (Quadro 4.14).

Quadro 4.14 - Razões invocadas para a participação

Porque foste para a OG/atividade 'extra'	Pontuações	
	Crianças OG	Colegas
Tinha amigos lá	0,08	0,17
A família gosta	0,08	0,11
Gosta muito da atividade	0,32	0,33
Tem jeito para a música	0,06	--
Quer tocar um instrumento	0,18	--
Quer experimentar uma coisa nova	0,18	0,17
Ocupar o tempo livre	0,03	0,13
Fazer da atividade a profissão futura	0,07	0,08

A assiduidade apresenta níveis idênticos nos dois grupos de crianças: em ambos os grupos mais de 50% das crianças afirmam que nunca faltam.

Quadro 4.15 - Significado da participação

Estar na OG/atividade 'extra' é:	Pontuações	
	Crianças OG	Colegas
Responsabilidade	0,28	0,23
Festa	0,01	0,03
Bom	0,16	0,17
Brincadeira	0,02	0,07
Companhia	0,03	0,06
Uma Seca	0,00	0,01
Sonho	0,11	0,08
Liberdade	0,03	0,06
Amizade	0,07	0,10
Futuro	0,15	0,12
Espetáculo	0,12	0,05
Obrigação	0,01	0,03

Tal como no campo das razões que conduziram as crianças às atividades que praticam, a opinião/representação que expressam sobre as suas atividades é semelhante nos 2 grupos: em ambos os casos é uma atividade que implica responsabilidade, é boa e importante para o futuro. Os aspectos ligados às sociabilidades e ao caráter lúdico surgem ligeiramente mais valorizados no grupo dos 'colegas'. Talvez o traço mais distintivo do grupo de crianças das OG seja a importância da atividade enquanto espetáculo o que parece coerente com a dinâmica de apresentações públicas que caracteriza a OG (Quadro 4.15).

Figura 4.16- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas mais na actividade?'



Na análise das apreciações negativas, surge como primeira evidência a ausência de aspectos negativos, ou seja, uma parte significativa das crianças dos 2 grupos referem que não há pontos fracos, respondendo 'nada' ou 'gosto de tudo'.

As crianças das OG percebem negativamente as frequentes repreensões dos professores associando-as contudo a situações de indisciplina e sobretudo ao barulho e incumprimento de regras. Os horários são também referidos como ponto fraco.

Figura 4.17- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas menos na OG'



O grupo dos colegas salienta especialmente a inatividade ('estar sem fazer nada'), decorrente de castigos ou da própria dinâmica da atividade, como ponto negativo. Para além disto, as respostas

Quadro 4.17 - Percepção da evolução

Desde que começaste na OG/a praticar a atividade 'extra', como evoluíste?	%	
	OG	Colegas
Muitíssimo	34,5	28,5
Muito	59,7	56,2
Pouco	4,6	9,5
Quase nada	1,2	5,8

No grupo dos colegas, 92% sabem da existência da OG na sua escola e 42% das crianças gostariam de pertencer à OG. A 'nuvem' seguinte evidencia os diversos os motivos que justificam não pertencerem à OG, sendo o mais frequente a falta de tempo e incompatibilidade de horários. Muitos referem também que a mãe/família não autoriza (nalguns casos, por achar que isso poderia prejudicar o desempenho escolar). Embora não seja um grupo muito numeroso, surge um conjunto apreciável de crianças que refere já ter pertencido à OG e ter saído. Outra parcela, também significativa, diz que gostaria de pertencer à OG mas não foi selecionada ou nem sequer teve oportunidade de ir às audições.

Figura 4.19- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'porque não pertences à OG da tua escola'



No grupo das crianças OG, 54% têm ainda outras atividades extraescolares, sobretudo desporto e catequese. No total destas crianças, 68% dizem preferir a OG a qualquer das outras atividades.

Atividades e desempenho escolar

Uma parcela significativa das crianças em ambos os grupos considera que melhoraram os resultados escolares desde que estão na OG/atividade 'extra' (44,2% OG, 42,2 colegas). Essa melhoria ter-se-á verificado sobretudo na matemática e no português (talvez por serem essas as disciplinas que as crianças sentem como mais valorizadas). O grupo das crianças das OG apresenta duas especificidades neste ponto: é muito maior a parcela dos que referem que melhoram a todas as disciplinas desde que estão na OG (11,1% vs. 1,6%) e, como seria de esperar, é sobretudo muito expressiva a parcela dos que destacam a melhoria a música (21%).

No entendimento das crianças, as atividades extraescolares – quer a OG quer a atividade 'extra' – melhoram significativamente os comportamentos na escola. Este efeito é contudo mais notório no grupo das crianças das OG especialmente no que diz respeito à atenção nas aulas. O reconhecimento por parte dos professores também é claramente percebido pelas crianças (Quadro 4.18).

Quadro 4.18 - Comportamento escolar

	Crianças das OG (%)			Colegas (%)		
	Sim	Não	Igual	Sim	Não	Igual
Portas-te melhor na escola	54,9	2,9	41,7	46,2	2,5	50,4
Estás mais atento nas aulas	53,4	3,1	43,2	35,9	4,1	58,7
Os teus professores da escola ralham-te menos	39,8	11,2	47,3	36,0	16,5	46,7
Os teus professores da escola dão-te os parabéns mais vezes	45,9	15,0	38,4	37,6	15,7	44,6

Atividades e famílias

No conjunto das crianças inquiridas para este estudo, é muito apreciável o nível de interesse e de acompanhamento familiar, sobretudo se considerarmos que se tratam de famílias de grupos sociais desfavorecidos em que a conciliação das diversas atividades familiares, domésticas e profissionais é frequentemente muito difícil. Efetivamente, mais de 90% das crianças refere que a sua família considera a OG/atividade 'extra' importante ou muito importante (Quadro 4.19).

Quadro 4.19 - Percepção do interesse das famílias

A tua família acha que a tua participação na OG/atividade 'extra' é:	Crianças das OG (%)	Colegas (%)
Muito importante	62,9	47,9
Importante	36,1	47,9
Uma perda de tempo	1,0	2,9
Não responde	0,0	1,2

Também muito expressivo é o acompanhamento das crianças nas suas atividades extraescolares: 73% das crianças das OG indicam que as suas famílias as acompanham sempre ou quase sempre nas atividades OG. A percentagem é um pouco mais baixa no grupo dos colegas, mas também bastante elevada (62%) (Quadro 4.20).

Quadro 4.20 - Acompanhamento da família

A tua família acompanha as tuas atividades?	Crianças das OG (%)	Colegas (%)
Sempre	51,8	45,0
Quase sempre	21,9	16,9
Às vezes	16,8	19,8
Raramente	4,5	7,9
Nunca	4,9	9,5
Não responde	0,3	0,8

Em termos de comportamento em casa, as crianças inquiridas fazem uma apreciação bastante positiva. A maioria considera que os pais/familiares ralham menos desde que estão na OG/atividade 'extra' e que as felicitam com maior frequência. Uma vez mais, a apreciação das crianças da OG é ainda mais favorável do que a dos seus colegas (Quadro 4.21).

Quadro 4.21 - Atitudes da família

	Crianças das OG			Colegas		
	Sim	Não	Igual	Sim	Não	Igual
Os teus pais ralham-te menos	45,6	11,9	41,5	44,2	9,9	43,8
Os teus pais dão-te mais vezes os parabéns	67,7	7,7	23,8	57,0	8,7	33,0
Tens menos tempo para brincar	38,3	33,3	27,4	33,3	33,0	28,5

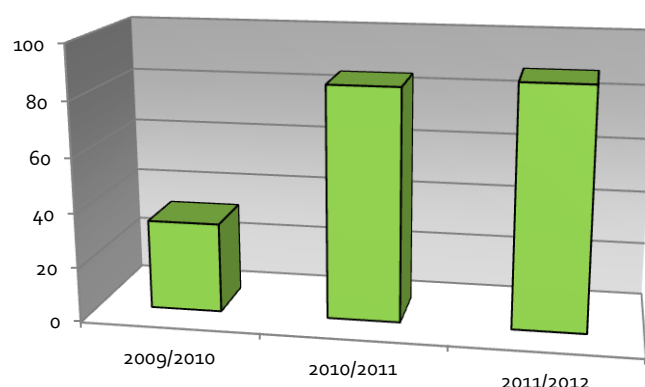
No que diz respeito ao tempo para brincar, tanto as crianças das OG como os seus colegas dividem muito as opiniões. Mas, apenas cerca de 1/3 considera que tem menos tempo para brincar desde que está na OG/atividade 'extra'.

5. Os ecos das orquestras

5.1. Apresentações públicas

As apresentações públicas são um dos mais importantes factores de sucesso da Orquestra Geração. Essas apresentações são a ponta do iceberg de toda a máquina montada nas escolas, com os professores, alunos e famílias destes e constituem o cerne dos planos de atividades dos núcleos OG nas escolas (Figura. 5.1).

Figura 5.1- Evolução do número de apresentações realizadas pelos núcleos da OG



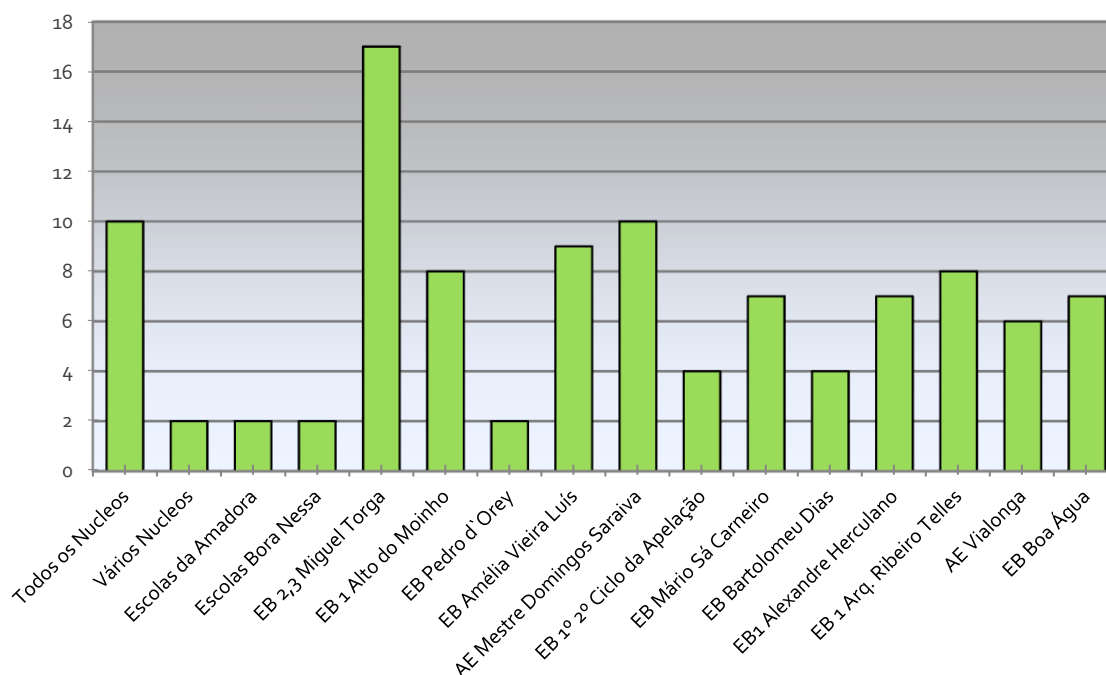
Para além da velocidade de aprendizagem necessária para conseguir uma tão grande frequência de apresentações públicas, esta prática de palco desenvolve nos alunos capacidade de gestão de stress e ansiedade próprias da performance. Os riscos do fenómeno “queda do cavalo” praticamente não existem. O incremento motivacional dado pela pertença a um grupo pode ser confirmado noutros contextos: as aulas de grupo de ‘health clubs’ ou o fenómeno do pelotão nas provas de atletismo e ciclismo.

A importância das apresentações no projecto OG

Desde o início que o projecto aposta em apresentações frequentes da Orquestra em concertos, cada núcleo separadamente ou em conjunto com outros núcleos e ainda reunindo todas as orquestras, como aconteceu no dia 16 de Maio da Aula Magna da Reitoria de Lisboa, ou nos concertos finais de estágio no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian ou no Teatro de S. Luiz, para dar alguns exemplos. Estas actuações, mesmo que breves (algumas realizam-se após três meses do início do desenvolvimento de um núcleo), são de grande importância na motivação dos alunos, reforçando igualmente as suas competências de sociabilização e permitindo-lhes um contacto enriquecedor com contextos a que normalmente têm pouco ou nenhum acesso. Os concertos têm tido lugar em várias localidades do país, desde colectividades a importantes salas de espectáculo, quer por iniciativa da direcção do projecto ou por convite de várias entidades. Em Outubro de 2009, houve lugar a uma apresentação na sede da Comunidade Europeia, em Bruxelas (com alunos das escolas Miguel Torga e Vialonga), por iniciativa da Comissão Coordenadora de Desenvolvimento Regional – Lisboa e Vale do Tejo.

<http://www.orquestra.geracao.aml.pt/o-projecto> (acedido em 5/09/12)

Figura 5.2- Número de apresentações realizadas em 2011/12 pelos núcleos da OG (Região de Lisboa)



As apresentações públicas tornam-se também motivo de orgulho para as famílias que seguem a Orquestra Geração para lugares onde antes nunca tinham ido: Fundação Calouste Gulbenkian, Aula Magna, Teatro S. Luís, Centro Cultural Olga Cadaval, entre outros. Deste envolvimento têm resultado mudanças comportamentais fruto de fenómenos de aculturação. Tal como o público dos concertos da Orquestra Gulbenkian ou da Orquestra Metropolitana de Lisboa apreende uma série de protocolos enraizados no meio (não aplaudir entre andamentos de obras, não falar durante a música), também no público da Orquestra Geração se tem verificado uma mudança comportamental reveladora de uma crescente tomada de consciência da importância da música na vida dos seus filhos.

As esporádicas visitas de estudo à Orquestra Gulbenkian, assistindo a ensaios e concertos, dão aos jovens e pais da Orquestra Geração contacto com uma nova realidade cultural, novas experiências, abrindo horizontes, criando até novos públicos. Não deixam de ser algo paternalistas os discursos oficiais e institucionais, que evocam e elogiam o projecto da Orquestra Geração, insistindo apenas na dimensão da inclusão social com estas visitas. São evidentes as vantagens de conhecer novos lugares, novas realidades, ter novas experiências. Mas não seria tão importante também, tão inclusivo socialmente, para o público habitual da Gulbenkian participar num qualquer evento cultural ou lúdico na Cova da Moura?

Efeitos colaterais de uma experiência de aprendizagem com sucesso

Muito se discute sobre os benefícios colaterais da aprendizagem da música na restante vida académica e social dos alunos. Surgem artigos de jornais, referências vagas a estudos que garantem ser a audição das sonatas de Mozart melhor para as sinapses ligadas às operações matemáticas do que a obra completa dos Megadeath. No entanto, não são definitivas as conclusões sobre a causa-efeito que a música faz nos ouvintes.

No projeto OG, parece-nos mais evidente relacionar como factor de modificação comportamental e de expectativas de vida a experiência bem sucedida de aprendizagem, a integração satisfatória num grupo que proporciona vivências várias, onde se criam laços de amizade fortes, onde a adrenalina dos concertos se torna viciante. Se os mentores de um projecto bem sucedido como a Orquestra Geração souberem passar a mensagem da necessidade de uma réplica comportamental noutros contextos, da necessidade de um bom desempenho escolar para um percurso linear, sem frustrações ou desilusões, é natural que as consequências colaterais benéficas se verifiquem. O mesmo seria num agrupamento de escuteiros, numa equipa de andebol, um grupo de hip hop.

Figura 5.3- Concerto na FCG – um exemplo de visita de estudo dos núcleos ao OG.



Orquestra Sinfónica Juvenil de Caracas
Domingo, 20 de Maio de 2012
19 h - Grande Auditório da FCG
Dietrich Paredes – maestro
Saint Saens – Sinfonia n.3
Shostakovitch – Sinfonia n.10

Neste concerto estiveram 273 alunos de 12 escolas do projeto OG (para um número previsto de 281 alunos); 8 encarregados de orquestra (provenientes das comunidades locais); 10 pais; 7 coordenadores musicais; 2 coordenadores de escola; 5 diretores de escola; 4 membros da direção da orquestra. Total de 336 bilhetes utilizados.

OG pode ser um projecto de ensino musical a longo prazo?

Apesar dos discursos oficiais valorizarem o carácter social do projecto em detrimento do musical, possivelmente por haver nos principais financiadores do projecto uma maior vocação em áreas de responsabilidade social, os testemunhos dos professores da Orquestra Geração que dão simultaneamente aulas em escolas com estrutura curricular tradicional referem amiúde ter na Orquestra Geração alunos com índices motivacionais superiores e melhores níveis de proficiência musical e instrumental. Naturalmente que estes elementos são relacionados como causa-efeito.

A experiência OG na voz de alunos que prosseguem estudos na área da música

"O melhor foi terem-nos dado os instrumentos e tocarmos em orquestra. Estando em orquestra precisamos de confiar uns nos outros e fora da orquestra ficamos muito amigos. A OG alarga a rede de amizades dos alunos de uma forma geral."

"Na orquestra aprendemos a confiar mais uns nos outros e melhoramos muito a concentração todos consideram que a OG ajuda a aumentar a confiança e os níveis de concentração dentro e fora da OG."

"Com a orquestra começamos a pensar e a trabalhar em grupo, mas também nos ajuda a melhorar individualmente porque há determinadas coisas na orquestra que temos que pensar eu, eu e eu, e há outras coisas que temos que pensar eu e tu. Na evolução do nosso instrumento temos de pensar eu, eu e eu."

"As oportunidades que nos foram dadas. Antes de estar na Metropolitana eu não me apercebia que na OG nós tocamos com vários mestres e com músicos da orquestra Gulbenkian. Eu não me apercebia do quão importante era apesar dos professores o dizerem 'este maestro é muito importante têm que tocar bem'. Já tocamos na 'orquestra A' da Miguel Torga e Vialonga com os chefes de naipe da Gulbenkian e foi uma experiência muito boa. São oportunidades que ninguém tem. É muito importante tocar com músicos profissionais para a nossa evolução. Há muita gente que anda em escolas de música e diz: 'como é que é possível, vocês terem essas coisas, nós não temos essas coisas, para termos essas coisas temos que pagar imenso', quando ouvem falar que o Dudamel já esteve connosco acham isso brutal."

"Nós somos muito privilegiados, outra coisa muito boa foi darem-nos os instrumentos, os nossos colegas que estão na metropolitana tiveram que pagar os instrumentos e as aulas e nós temos isso de mão beijada. No início eu tinha o instrumento e deixava em qualquer lugar, como não custou nada, não ligava, mas agora que cresci já me dou conta que o instrumento tem o valor."

Dessa forma, é realista pensar que, havendo condições económicas para a continuidade dos estudos musicais, a Orquestra Geração possa ser um berço pródigo para futuros estudantes das principais escolas superiores do país, ou do estrangeiro, que depois regressem a Portugal para integrar alguma

das principais orquestras - Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa ou Orquestra do Norte.

5.2 Famílias e Comunidades

Percepção do impacto sobre as crianças: globalmente forte e superior nas famílias mais vulneráveis

Uma apreciação geral dos resultados obtidos com a aplicação do questionário a uma amostra das famílias das crianças envolvidas na OG (anexo 6) mostra que os encarregados de educação avaliam de uma forma globalmente muito positiva o impacto da presença na OG sobre os seus educandos. Contudo, há aspectos em que este impacto é percebido de forma bem mais intensa, verificando-se também o seu contributo para uma escola mais inclusiva e capaz de contribuir para o processo de mitigação de desvantagens das crianças oriundas de famílias potencialmente mais complexas e oriundas de grupos sociais mais desfavorecidos.

Uma primeira observação relativa ao sentimento de felicidade dos filhos, à confiança destes e aos seus níveis de concentração revela que os pais atribuem à participação na OG impactos positivos significativos nas três componentes, ainda que um pouco mais mitigados na última (Quadros 5.1, 5.2 e 5.3). Estes resultados relativos à percepção de sentimentos e atitudes individuais das crianças estão em sintonia com a opinião expressa por estas e são mais evidentes nas famílias socialmente mais frágeis (com encarregados de educação com níveis de instrução mais reduzidos) e com composições potencialmente mais vulneráveis (sobretudo quando associadas a situações desvantagem social), ainda que neste último caso apenas a dimensão “melhoria da concentração” esteja sobrerepresentada.

Neste sentido, o espaço OG desempenha um papel de sociabilização complementar ao das famílias, contribuindo para melhorar comportamentos sociais e desempenhos socialmente valorizados (e.g. resultados escolares), que é mais forte nos casos dos agregados com desvantagens sociais.

Quadro 5.1 a) – Percepção da felicidade das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais feliz?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	91,6	8,4	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	80,9	19,1	0,0
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	74,0	24,0	2,1
Nível de escolaridade: - curso profissional	64,3	35,7	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	74,4	25,6	0,0
TOTAL	79,2	20,1	0,6

Quadro 5.1 b) – Percepção da felicidade das crianças segundo a tipologia familiar do agregado (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais feliz?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	79,1	20,4	0,4
Família com avós	76,5	17,6	5,9
Mãe só com filhos	81,5	18,5	0,0
Outros casos	82,1	17,9	0,0

Quadro 5.2 a) – Percepção da Confiança das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais confiante?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	79,5	20,5	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	76,5	22,1	1,5
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	71,9	27,1	1,0
Nível de escolaridade: - curso profissional	82,1	14,3	3,6
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	79,1	20,9	0,0
TOTAL	76,7	22,3	0,9

Quadro 5.2 b) – Percepção da Confiança das crianças segundo a tipologia familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais confiante?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	77,4	21,3	1,3
Família com avós	70,6	23,5	5,9
Mãe só com filhos	75,9	24,1	0,0
Outros casos	78,6	21,4	0,0

Quadro 5.3 a) – Percepção da Atenção/Concentração das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais atenta e concentrada ?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	55,4	43,4	1,2
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	64,7	32,4	2,9
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	57,3	38,5	4,2
Nível de escolaridade: - curso profissional	71,4	25,0	3,6
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	51,2	44,2	4,7
TOTAL	58,8	38,1	3,1

Quadro 5.3 b) – Percepção da Atenção/Concentração das crianças segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança está mais atenta e concentrada ?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	58,7	37,8	3,5
Família com avós	52,9	47,1	0,0
Mãe só com filhos	63,0	31,5	5,6
Outros casos	53,6	46,4	0,0

Considerando agora indicadores que remetem para impactos ao nível do desempenho das crianças em domínio externos à OG (comportamento em casa e resultados escolares), a leitura efetuada pelos pais continua a ser positiva, mas tem uma intensidade bastante menor, como evidencia o facto de a maioria declarar que as situações não se alteraram após a entrada das crianças na OG (Quadros 5.4 e 5.5). O menor impacto sobre estas componentes que, frise-se, continua a ser globalmente positivo uma vez quequase 1/3 dos encarregados de educação referem melhorias no comportamento em casa e mais de 40% uma situação idêntica no que concerne ao desempenho escolar, é claramente compreensível, uma vez que se a “sensação de felicidade” ou os “níveis de confiança” podem alterar-se, quase diretamente, em virtude do desempenho e da satisfação por estar na OG, já os comportamentos no espaço doméstico ou o sucesso escolar dependem muito de variáveis claramente externas à participação na Orquestra. Sublinhe-se que o impacto ao nível da melhoria dos resultados escolares, embora se situe num segundo nível de intensidade positiva, é bastante importante e revela uma forte sintonia entre as declarações das crianças e dos encarregados de educação (44% das primeiras declaram ter melhor desempenho desde que entraram para a OG, confirmado 42% dos encarregados de educação tal evolução), o que parece

evidenciar que a percepção corresponderá a resultados objectivos quantificáveis¹⁸. Contudo, no que respeita a estas duas dimensões, o elemento mais interessante corresponde ao facto de serem os representantes dos agregados familiares com menor capital escolar que afirmam detectar evoluções positivas mais fortes, sendo acompanhados pelas famílias potencialmente mais vulneráveis, compostas apenas por mãe e filhos (não no caso da melhoria dos resultados escolares) ou que integram avós.

Quadro 5.4 a) – Percepção de melhor comportamento da criança em casa, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança porta-se melhor em casa?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	39,8	54,2	6,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	30,9	64,7	4,4
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	28,1	64,6	7,3
Nível de escolaridade: - curso profissional	35,7	64,3	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	25,6	74,4	0,0
TOTAL	32,1	63,2	4,7

Quadro 5.4 b) – Percepção de melhor comportamento da criança em casa, Segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança porta-se melhor em casa?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	30,0	64,3	5,7
Família com avós	41,2	52,9	5,9
Mãe só com filhos	38,9	57,4	3,7
Outros casos	32,1	67,9	0,0

¹⁸Devido à necessidade de efetuar um trabalho extensivo, dificilmente compatível com uma recolha fina das notas efetivamente obtidas pelos alunos, para os diversos períodos, desde um momento anterior à OG até uma frequência mais consolidada desta – processo também dificultado pelo recente início da OG na maioria das escolas -, não foi possível incluir esta análise no presente trabalho. Adicionalmente, revelou-se também inexequível obter em tempo útil estes elementos relativos ao historial do desempenho escolar quantitativo de cada um dos alunos OG. Porque se trata de dados importantes, que complementam as apreciações subjetivas coincidentes de encarregados de educação e crianças, propõe-se que a sua recolha e posterior análise sejam incluídas no âmbito de estudos de monitorização dos alunos OG com carácter longitudinal e, portanto, muito mais compatíveis com estratégias de observação continuadas e evolutivas. Note-se que o presente relatório, embora incorpore leituras retrospectivas e comparações temporais, acaba de algum modo por assumir uma natureza de avaliação de tipo extensivo e sincrónico, centrado no ano lectivo de 2011/2012.

Quadro 5.5 a) – Percepção relativa aos resultados escolares da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem melhores resultados na escola	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	50,6	44,6	4,8
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	44,1	50,0	5,9
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	35,4	57,3	7,3
Nível de escolaridade: - curso profissional	39,3	53,6	7,1
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	39,5	55,8	4,7
TOTAL	42,1	51,9	6,0

Quadro 5.5 b) – Percepção relativa aos resultados escolares da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem melhores resultados na escola	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	41,3	53,0	5,7
Família com avós	52,9	35,3	11,8
Mãe só com filhos	37,0	55,6	7,4
Outros casos	50,0	46,4	3,6

No que respeita à projeção do futuro dos filhos e às competências relacionais destes (Quadros 5.6, 5.7 e 5.8), os progressos que os encarregados de educação mais detetam dizem respeito ao alargamento da rede de amizades (mais de 90% referem que os educandos efetuaram novas amizades), aparecendo num segundo nível bastante significativo as referências a uma melhoria nas perspectivas de futuro. Refira-se que também nestas dimensões, são as famílias com menor capital escolar e com estruturas distintas dos agregados mononucleares clássicos que mais destacam um alargamento dos projetos de futuro das crianças e, sobretudo, um quadro relacional mais marcado pelo respeito mútuo, questão fundamental para o desenvolvimento de cidadãos menos conflituosos e mais capazes de fazer valer as suas ideias e de negociar em situação de desacordo ou mesmo de conflito. Apenas no que respeita ao impacto mais detetado pelos encarregados de educação (alargamento da rede de amizades das crianças – Quadros 5.8), se destacam as opiniões dos progenitores com níveis de instrução mais elevados, o que pode, de resto, ser entendido como um elemento positivo, uma vez que aquelas tendem a estar mais protegidas e a ter menor nível de contato com miúdos de outras origens sociais. Parece assim detetar-se um contributo, ainda que muito ligeiro e precoce, para o fomento de relações futuras mais inter-classistas que constituem, também, mais uma pequena peça na construção de uma sociedade marcada pela coesão social.

Quadro 5.6 a) – Percepção da existência de mais projetos para o futuro da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem mais projetos para o futuro	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	75,9	20,5	3,6
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	64,7	29,4	5,9
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	57,3	38,5	4,2
Nível de escolaridade: - curso profissional	53,6	42,9	3,6
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	65,1	34,9	0,0
TOTAL	64,5	31,8	3,8

Quadro 5.6 b) – Percepção da existência de mais projetos para o futuro da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem mais projetos para o futuro	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	65,2	30,9	3,9
Família com avós	58,8	35,3	5,9
Mãe só com filhos	66,7	29,6	3,7
Outros casos	60,7	35,7	3,6

Quadro 5.7 a) – Percepção do respeito que a criança tem para com os outros, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem mais respeito pelos outros?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	60,2	39,8	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	44,1	54,4	1,5
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	46,9	52,1	1,0
Nível de escolaridade: - curso profissional	50,0	46,4	3,6
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	41,9	58,1	0,0
TOTAL	49,4	49,7	0,9

Quadro 5.7 b) – Percepção do respeito que a criança tem para com os outros, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança tem mais respeito pelos outros?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	45,7	53,0	1,3
Família com avós	58,8	41,2	0,0
Mãe só com filhos	59,3	38,9	1,9
Outros casos	53,6	46,4	0,0

Quadro 5.8 a) – Percepção relativa à construção de novas amizades por parte da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que participa na OG, a sua criança fez novos amigos?	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	91,6	8,4	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	88,2	10,3	1,5
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	90,6	8,3	1,0
Nível de escolaridade: - curso profissional	89,3	10,7	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	95,3	4,7	0,0
TOTAL	90,9	8,5	0,6

Quadro 5.8 b) – Percepção relativa à construção de novas amizades por parte da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que participa na OG, a sua criança fez novos amigos?	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	91,7	7,4	0,9
Família com avós	94,1	5,9	0,0
Mãe só com filhos	83,3	16,7	0,0
Outros casos	89,3	10,7	0,0

Percepção do impacto sobre as próprias famílias

No que diz respeito à confiança dos próprios encarregados de educação e “à sua esperança no futuro”, os impactos da OG são avaliados de forma bastante positiva, sobretudo no que diz respeito ao segundo aspeto (Quadros 5.9 e 5.10). Note-se que, nestas duas dimensões, se deteta, de modo bastante claro, uma maior sobrevalorização dos efeitos positivos por parte dos encarregados de educação menos instruídos e, sobretudo no que diz respeito, à confiança, por parte das mães solteiras.

De resto, estas também enfatizam mais explicitamente os impactos relativamente ao alargamento dos seus conhecimentos, que devem ser interpretados enquanto pessoas e competências (Quadros 5.11), ainda que neste domínio, tal como se verificou na avaliação que os encarregados de educação fazem sobre o crescimento da rede de amizades das crianças, os respondentes socialmente mais vulneráveis não declarem sentir efeitos mais positivos face aos restantes grupos. Refira-se ainda que este é o domínio em que a percentagem de respostas positivas é mais elevada.

Quadro 5.9 a) – Percepção relativa à confiança enquanto encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu sinto-me mais confiante	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	71,1	28,9	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	52,9	47,1	0,0
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	41,7	57,3	1,0
Nível de escolaridade: - curso profissional	46,4	53,6	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	27,9	72,1	0,0
TOTAL	50,3	49,4	0,3

Quadro 5.9 b) – Percepção relativa à confiança enquanto encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu sinto-me mais confiante	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	47,8	51,3	0,9
Família com avós	47,1	52,9	0,0
Mãe só com filhos	59,3	40,7	0,0
Outros casos	50,0	50,0	0,0

Quadro 5.10 a) – Opinião relativamente à “esperança no futuro” por parte do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu tenho mais esperança no futuro	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	80,7	16,9	2,4
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	73,5	23,5	2,9
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	55,2	39,6	5,2
Nível de escolaridade: - curso profissional	64,3	35,7	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	48,8	48,8	2,3
TOTAL	65,7	31,1	3,1

Quadro 5.10 b) – Opinião relativamente à “esperança no futuro” por parte do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu tenho mais esperança no futuro	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	66,5	30,4	3,0
Família com avós	76,5	23,5	0,0
Mãe só com filhos	63,0	31,5	5,6
Outros casos	64,3	32,1	3,6

Quadro 5.11 a) – Percepção relativa à ampliação de conhecimentos do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu fiz novos conhecimentos	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	71,1	26,5	2,4
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	82,4	13,2	4,4
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	80,2	17,7	2,1
Nível de escolaridade: - curso profissional	71,4	28,6	0,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	79,1	20,9	0,0
TOTAL	77,4	20,4	2,2

Quadro 5.11 b) – Percepção relativa à ampliação de conhecimentos do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu fiz novos conhecimentos	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	74,3	23,0	2,6
Família com avós	76,5	17,6	5,9
Mãe só com filhos	83,3	14,8	1,9
Outros casos	85,7	14,3	0,0

Embora a maioria dos encarregados de educação declare um incremento no envolvimento das atividades da escola após o ingresso da criança na OG (Quadros 5.12), o impacto situa-se, neste caso, num nível algo mais baixo do que o sentido a propósito da “confiança no futuro” ou do alargamento da rede de amizades, sendo semelhante ao que se regista na auto-avaliação da confiança como encarregado de educação (Quadros 5.9). De qualquer modo, o envolvimento das crianças na OG contribui para que muitos progenitores, com destaque para os que possuem capital escolar mais reduzido, participem mais na vida da escola, processo que se traduz num contributo claro para o efetivo desenvolvimento de comunidades escolares participadas.

Quadro 5.12 a) – Percepção relativa à participação em actividades da escola por parte do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu participo mais em actividades da escola	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	55,4	39,8	4,8
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	42,6	50,0	5,9
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	50,0	44,8	5,2
Nível de escolaridade: - curso profissional	35,7	53,6	10,7
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	48,8	48,8	2,3
TOTAL	48,4	45,9	5,3

Quadro 5.12 b) – Percepção relativa à participação em actividades da escola por parte do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu participo mais em actividades da escola	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	49,6	45,7	4,8
Família com avós	35,3	41,2	17,6
Mãe só com filhos	44,4	48,1	7,4
Outros casos	57,1	42,9	0,0

Como evidenciam os quadros 5.13a) e 5.13b), um dos efeitos mais destacados pelos encarregados de educação – apenas suplantado pela “ampliação dos conhecimentos” – diz respeito ao crescimento do interesse pela música. Embora isto seja relativamente transversal a todos os “grupos sociais” de respondentes, o impacto sentido parece ser, sem surpresa, um pouco mais forte entre os menos instruídos. Face a estes resultados, parece evidente o contributo da iniciativa, não só em termos de cativação de novos públicos para a música de orquestra, mas também ao nível de uma eventual democratização das audiências.

Quadro 5.13 a) – Opinião relativamente ao interesse pela música, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu interesse-me mais pela música	Sim	Igual	Não
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	78,3	21,7	0,0
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	70,6	27,9	1,5
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	74,0	26,0	0,0
Nível de escolaridade: - curso profissional	67,9	25,0	7,1
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	72,1	27,9	0,0
TOTAL	73,6	25,5	0,9

Quadro 5.13 b) – Opinião relativamente ao interesse pela música, segundo a tipologia do agregado familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG, eu interesse-me mais pela música	Sim	Igual	Não
Casal com filhos	74,3	23,9	1,7
Família com avós	64,7	35,3	0,0
Mãe só com filhos	64,8	35,2	0,0
Outros casos	82,1	17,9	0,0

Relativamente às práticas e situações relativas ao relacionamento entre membros dos agregados familiares, a avaliação efetuada pelos encarregados de educação é positiva, mas os efeitos são manifestamente mais fracos do que os registados nos outros domínios que analisámos (Quadros 5.14). Tal como aconteceu com os impactos sobre a melhoria dos resultados escolares das crianças ou o comportamento destas em casa, trata-se aqui de elementos essencialmente exógenos face ao

contexto OG, situados na esfera das relações familiares ou da disponibilidade dos encarregados de educação. No entanto, há que destacar claros efeitos positivos também neste domínio, não apenas no que respeita ao reforço das actividades conjuntas dos membros das famílias, mas também no que concerne à maior percentagem de respostas positivas que são dadas pelas mães responsáveis por famílias monoparentais. Pode assim deduzir-se que a participação das crianças nas OG contribui para acentuar processos de diálogo e partilha, centrados na actividade dos filhos, que envolvem membros de famílias separadas, em muitos casos com quadros relacionais fragmentados que, nalgumas situações, estão associados a maior risco de conflito.

Quadro 5.14 a) – Percepção do encarregado de educação relativamente a um conjunto de práticas/situações associadas ao quadro familiar (%)

Desde que a minha criança participa na OG...	Sim	Igual	Não
Nós fazemos mais actividades em conjunto	42,8	51,9	5,3
Os membros da família dão-se melhor	19,5	79,2	1,3
Eu estou mais tempo com a minha criança	28,9	59,7	11,3

Quadro 5.14 b) – Percepção do encarregado de educação das famílias monoparentais femininas relativamente a um conjunto de práticas/situações, (%)

Desde que a minha criança participa na OG...	Sim	Igual	Não
Nós fazemos mais actividades em conjunto	46,3	44,4	9,3
Os membros da família dão-se melhor	33,3	66,7	0,0
Eu estou mais tempo com a minha criança	35,2	53,7	11,1

Percepção do impacto na comunidade

A percepção do impacto da OG nas comunidades locais, embora assumida de modo bastante positivo, parece ficar um pouco aquém das potencialidades inerentes a um projeto desta natureza.

Quadro 5.15 – Prática do encarregado de educação relativamente ao transporte da criança para a OG e à ida de vizinhos aos concertos da OG, segundo o nível de instrução (%)

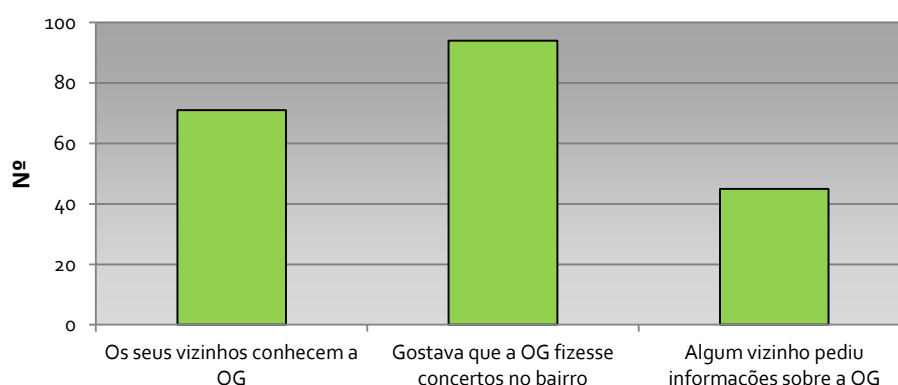
	Os vizinhos já foram a concerto OG	Transportam a criança à OG
Nível de escolaridade: - 1º e 2º ciclo	55,4	65,1
Nível de escolaridade: - 3º ciclo (9ºano)	54,4	70,6
Nível de escolaridade: - ensino secundário (12ºano)	49,0	79,2
Nível de escolaridade: - curso profissional	46,4	75,0
Nível de escolaridade: - curso superior (universidade)	46,5	88,4
TOTAL	51,3	74,5

É verdade que, segundo os respondentes, a OG trouxe música ao bairro e que isso se traduziu numa certa alegria e na ocupação (dos tempos livres dos jovens) (Figura 5.4). Deve também frisar-se que cerca de 70% dos inquiridos afirmam que os vizinhos conhecem a OG (mas menos de 50% terá solicitado informações acerca desta - Figura 5.5) e que aproximadamente 50% acham que estes já foram a concertos da Orquestra (Quadro 5.15). Não obstante este efeito positivo, os inquiridos não conseguem destacar, de modo explícito, um pequeno conjunto de vantagens para a vida do seu bairro (Figura 5.4), referindo mais de 90% que gostaria de escutar um concerto da OG naquele (Figura 5.5), o que pressupõe que tal desiderato ainda não tinha ocorrido no momento da inquirição. Perante estes dados, pode assumir-se que existe margem para reforçar a imbricação da OG nas comunidades locais, podendo, por exemplo, complementar-se o processo de levar a OG (com os familiares e os vizinhos das crianças) às grandes salas de Lisboa com mais espectáculos nos bairros, trazendo a estes algum do público que normalmente só frequenta essas grandes salas.

Figura 5.4-O que trouxe a OG ao Bairro



Figura 5.5 – Opiniões dos encarregados de educação relativamente a 3 práticas que envolvem o bairro e a vizinhança



Em síntese

Tal como as próprias crianças, os encarregados de educação, com destaque para os pertencentes a grupos sociais menos instruídos e a tipologias familiares potencialmente mais frágeis, designadamente porque associadas a estratos sociais mais desfavorecidos, fazem uma avaliação francamente positiva dos impactos da OG nos seus educandos, em si próprios e mesmo na comunidade. No entanto, a percepção destes impactes não é uniforme em todos os domínios. O alargamento dos conhecimentos dos respondentes e da rede de amigos das crianças emergem como os efeitos mais significativos, seguidos pelo reforço de sentimentos como a alegria das crianças, de valores como a confiança (de progenitores e crianças) e a perspectiva num futuro melhor e com mais oportunidades.

Os respondentes também identificam impactos positivos ao nível do comportamento das crianças no espaço doméstico e do quadro de relações familiares e de acompanhamento dos filhos, ainda que de forma menos significativa do que os mencionados a propósito do alargamento da rede relacional ou do reforço da confiança. Mesmo assim, é significativo que a frequência da OG seja percebida como algo positivo, mesmo nestas esferas exteriores ao espaço escolar, nomeadamente por parte das mães de famílias mononucleares.

Tal como acontece com as próprias crianças, também muitos encarregados de educação (42%) referem uma melhoria dos resultados escolares daqueles desde que frequentam a OG, processo que não pode ser dissociado da identificação de um reforço dos níveis de confiança, de um incremento na concentração e, também, de um maior envolvimento dos pais na vida escolar. Refira-se que este incremento da participação no quadro da comunidade escolar tem correspondência na identificação de impactos favoráveis na “vida de Bairro”, ainda que, em nosso entender, estes possam ser potenciados, até porque a larga maioria dos encarregados de educação gostaria de aí ver um concerto da OG.

Por último, é claro um reforço do interesse pela música, e concretamente pela música de orquestra - certamente associado ao alargamento de conhecimentos -, por parte dos encarregados de educação. Isto aponta para uma valorização social da música, contribuindo para a captação de um público mais vasto e mais diversificado.

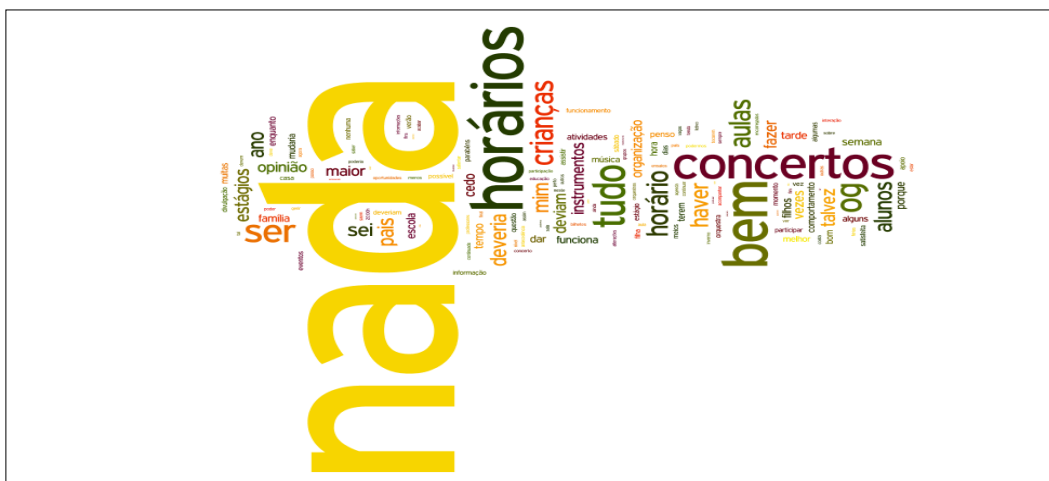
Figura 5.6- O que é mais importante na Orquestra Geração



Perante estes resultados, não é difícil compreender que os encarregados de educação considerem a “música” o aspeto mais importante da OG, podendo também considerar-se que esta aparece ancorada em dois pilares: a aprendizagem e o convívio (Figura 5.6).

A Orquestra Geração emerge, deste modo, como um espaço que proporciona a aquisição de competências diversas e que, para muitos, facilita a vida em família e em comunidade, designadamente escolar. Por isto, quando solicitados a sugerir alterações na OG, a maioria dos respondentes é perempória em afirmar “nada” ou “está tudo bem”. Apenas os horários e os concertos, porventura pela distância, pelo custo ou por não ocorrerem no bairro, suscitam algum reparo (Figura 5.7).

Figura 5.7 - O que deveria mudar na Orquestra Geração



6. As notas essenciais

6.1. Matriz SWOT

Forças:

- Capacitação e motivação das crianças
- Formação musical acrescida na escola
- Apresentações públicas das orquestras
- Ganhos de autoestima e confiança nas crianças
- Melhoria mitigada do desempenho escolar
- Melhoria mitigada das comportamentos das crianças e das relações familiares
- Importância do trabalho coletivo
- Valorização cultural das crianças e das famílias
- Alargamento das redes de contactos (capital social) das crianças e das famílias
- Aumento da confiança no futuro das crianças por parte das famílias
- Reforço da ligação das famílias à escola
- Efeitos positivos mais significativos nas famílias monoparentais femininas e com menor capital cultural
- Aumento do contacto e do interesse das famílias pela música de orquestra

Fraquezas:

- Incerteza sobre a continuidade do projeto
- Atrasos na disponibilização de instrumentos
- Articulação com o currículo escolar
- Articulação de horários e espaços
- Presença na web e nas redes sociais
- Relação pedagógica com alunos mais difíceis
- Dificil integração de crianças de etnia cigana e de outras crianças mais problemáticas
- Recrutamento e formação de professores (no quadro do método seguido)
- Pequena dimensão das orquestras impede a melhoria do desempenho
- Impacto ainda limitado na comunidade local

Oportunidades:

- Inovação social (resposta inovadora e original para a inclusão social através das artes)
- Criação de emprego (professores de música e futuros músicos profissionais)
- Formação de novos públicos para a música/democratização do acesso à música de orquestra
- Visibilidade do projeto (capital simbólico)
- Prestação de serviços e animação na comunidade local
- Recrutamento de alunos para as escolas de música
- Desenvolvimento de um projeto regionalmente articulado de âmbito nacional
- Reconhecimento internacional
- Atenuação dos estigmas que marcam os territórios e as comunidades locais

Ameaças:

- Corte de financiamento do MEC
- Sustentabilidade e gestão do crescimento
- Dificuldade em criar uma estrutura profissional de gestão de carácter permanente que envolva todos os parceiros
- Manutenção da qualidade e exigência do projeto nos vários núcleos
- Dificuldade de envolver novos parceiros/patrocinadores fora do sector público

6.2. Síntese dos resultados

Tendo em consideração a análise efetuada, a matriz SWOT incluída no ponto anterior e as hipóteses apresentadas no final do primeiro capítulo sobre o papel da OG na promoção de inovação social, as conclusões obtidas vão no sentido de destacar um conjunto de pontos fortes que a seguir se enunciam.

Reforço das Competências gerais das crianças/jovens | A OG facilita a comunicação através de meios pouco habituais na escola, encoraja o trabalho em equipa, o desenvolvimento de sentido coletivo e a capacidade de relacionar elementos. Além disso, ao exigir disciplina e esforço individual, permite avanços importantes na motivação, no interesse, no rigor, no cumprimento de horários e na autoestima de alunos provenientes de meios adversos e com origens sociais desfavorecidas. São de destacar os progressos no modo como as crianças se autovalorizam e, de algum modo, como perspectivam o seu futuro. Em termos de impacto nos resultados escolares, os resultados obtidos não permitem concluir que existe uma diferença significativa entre as crianças da OG e os seus colegas que têm outras atividades.

Reforço de Conhecimentos específicos das crianças/jovens | A OG reforça conhecimentos específicos ao nível da música e ajuda a colmatar um dos défices do sistema escolar português, que consiste numa oferta limitada e circunscrita a relativamente poucos anos, do ensino da música. Os professores e os diretores referem a existência de progressos significativos na aprendizagem musical, obtidos em períodos relativamente curtos. Para além disto, a OG contribui para abrir mais um campo de oportunidades, tanto ao nível da prossecução de estudos, como eventualmente profissional para alguns (poucos, naturalmente) alunos, alargando também o leque de conhecimentos específicos (no domínio do sistema de escalas, no reconhecimento dos sons...) que podem ser utilizados noutras áreas de aprendizagem.

Incremento da Identidade (crianças, famílias, comunidade) | A OG promove novas experiências relacionais e, sobretudo, reforça, não apenas a autoestima dos jovens, mas também a autoestima das famílias e até dos profissionais da educação, com destaque para os professores de música. Atendendo à deteção de um envolvimento de muitos encarregados de educação nas OG e ao orgulho que manifestam pela presença das crianças nesta estrutura, reforçam-se as ligações à escola e desenvolve-se a lógica da comunidade escolar participada e presente. Uma dimensão simbólica muito importante da OG é a celebração concretizada nas inúmeras apresentações

públicas. Efetivamente, a grande valorização dos espetáculos é um traço comum à grande maioria das crianças e das famílias.

Desenvolvimento social e inclusão | A OG cria (e nalguns casos concretiza) expectativas de futuro distintas e desperta para projetos de vida improváveis nos contextos sociais de origem dos alunos. Ao reforçar a proximidade das famílias às escolas e ao estimular o acompanhamento que estas fazem à atividade musical das crianças, oferece mais um elemento de motivação e coesão familiar. Em termos gerais, é uma iniciativa que contribui claramente para a inclusão e o *empowerment* de crianças desfavorecidas (e mesmo das suas famílias) e, também, para a mitigação de riscos de comportamento desviante, assumindo um carácter preventivo desde idades muito precoces (6/7 anos).

Cidadania | A OG incentiva a responsabilidade pessoal e coletiva inerente ao modo de funcionamento de uma orquestra o que facilita a transposição de princípios de trabalho coletivo e de respeito pelos colegas para outros contextos. Adicionalmente, coloca as crianças e, através destas, os próprios pais, em contacto com estilos musicais considerados eruditos, contribuindo para a difusão (com eventuais efeitos sobre o consumo) e a democratização da música de orquestra.

A relevância e aceitação das OG enquanto projeto de inclusão social, capaz de contribuir para gerar competências e conhecimentos que podem beneficiar os comportamentos sociais e o processo de aprendizagem dos alunos em vários domínios (bastante para além da música), está patente no processo de difusão do número de escolas e alunos envolvidos na OG (2 escolas e 101 crianças no final do ano letivo de 2007/2008; 3 escolas e 216 alunos no final do ano letivo seguinte e 16 escolas/agrupamentos e 879 crianças no presente ano letivo). Adicionalmente, nas opiniões recolhidas, os pontos fortes (indicados acima) são claramente destacados face a algumas fragilidades e estão em sintonia, apesar de algumas *nuances*, com estudos de avaliação de projetos OG efetuados noutros países, como a análise da Orquestra *Big Noise*, realizada pelo GEN, para o *Scottish Government Social Research* ou o estudo de Hille sobre o impacto das *Orchestres à l'Ecole*¹⁹, em França. Note-se que a mais-valia do projeto OG fica também patenteada no facto de ser um dos projetos nacionais relacionados com o desenvolvimento urbano e financiados pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional no período 2007-2013, que mereceu o estatuto preliminar de "Boa Prática".

¹⁹Hille, A. (2010), *Etude d'impact des Orchestres à l'Ecole*. Paris, Estágio de Investigação no âmbito do Master "Economics and Public Policy" realizado em Sciences Po Paris, l'Ecole Polytechnique et l'Ecole Nationale de la Statistique et de l'Administration Economique (ENSAE). (policopiado).

De resto, se, em termos financeiros, a análise custo-benefício não pode ser efetuada com o rigor desejável, quer porque há falhas na informação disponível, quer porque se trata de um projeto recente, quer ainda porque é difícil contabilizar benefícios indiretos que se manifestarão no futuro, as indicações obtidas apontam para uma situação bastante positiva, com um claro esforço de controlar os custos e de os ajustar estritamente às necessidades. Em termos concretos, a nossa estimativa indica custos anuais próximos dos 1800 euros por aluno o que, por exemplo, é inferior aos 2300 euros por aluno/ano mencionados no caso da Orquestra *BigNoise* da Escócia²⁰. Ainda no domínio financeiro, este Projeto parece ser um bom exemplo de um processo plurifundos, juntando, de modo positivo, fontes públicas de origens distintas (Ministério da Educação e Ciência, AML, MAI) e fontes privadas, com destaque para o domínio fundacional (Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação EDP, Fundação PT). Verificam-se, contudo, desequilíbrios nos contributos financeiros e no tipo de intervenção dos vários parceiros que deveriam ajustados futuramente, no quadro da desejável criação de uma estrutura profissional de gestão.

A par dos muitos e relevantes pontos fortes identificados neste estudo, também emergiram algumas fragilidades que necessitam de ser corrigidas. A incerteza sobre a continuidade do projeto tem sido uma preocupação constante de todos os participantes, desde os responsáveis pedagógicos e patrocinadores até às crianças e jovens que vêm com alguma apreensão a continuidade da sua formação. Um segundo ponto fraco é a dificuldade de integração das crianças mais problemáticas, por exemplo os mais indisciplinados ou as de etnia cigana. A presença na internet (site e redes sociais) apresenta também algumas deficiências tanto em termos de informação quanto no que respeita a atualização das notícias. Finalmente, detectam-se ainda fragilidades no âmbito da articulação com o currículo escolar, assim como da organização de horários e de espaços.

²⁰ Scottish Government Social Research/GEN (2011), *Evaluation of Big Noise, Sistema Scotland*. Edimburgo.

6.3. Recomendações e questões em aberto

Como demonstra este estudo, os elementos recolhidos apontam globalmente para um projeto com um elevado valor social e pedagógico, com impactos positivos relevantes nas crianças e nas famílias, e também nas comunidades locais. É importante realçar que se trata de um projeto que vem a suscitar um crescendo de adesões e reconhecimento, detectando-se um forte profissionalismo e empenhamento de todos os profissionais e promotores nele envolvidos, existindo uma perspectiva de desenvolvimento sustentado, estruturado e prudente das OG, que tem como objetivo estendê-las a todo o país. Cinco anos após a nascimento do projeto, perante um contexto de retracção do investimento público, é preciso repensar as condições que permitem continuar a assegurar o seu sucesso. O comprometimento e o diálogo entre parceiros é indispensável para salvaguardar o futuro. Nesse sentido, vão as recomendações e questões que em seguida se enunciam.

Estrutura de gestão | A perspectiva de crescimento do projeto deveria estar melhor ancorada num plano de desenvolvimento por etapas, porventura apoiado no programa de expansão e organização já definido, associado a uma estrutura de gestão reconhecida e aceite pelos diversos parceiros. A atual estrutura de gestão conseguiu erguer um projeto sólido e de enorme mais-valia social, sobretudo na AML, tornando-se agora necessário refletir acerca da próxima etapa, de molde a assegurar que a estrutura de gestão tenha todas as condições para sustentar o crescimento do projeto e dar-lhe um verdadeiro alcance nacional. A EMCN e a respetiva associação de amigos (AAEMCN), que assumem desde início a gestão pedagógica, organizativa e financeira do projeto, precisam de esclarecer, no contexto do diálogo entre parceiros, as condições técnicas e logísticas que possuem para assegurar o seu desenvolvimento a médio prazo. A incipiente presença da OG nas regiões centro e norte, sobretudo a inexistência de núcleos na AMP, deve ser objeto de atenção, justificando-se, porventura, a dinamização de uma (sub)unidade de gestão para a região norte.

Financiamento e prestação de contas | O alcance social do projeto justifica amplamente a manutenção do financiamento público, particularmente neste período de crise em que os riscos de fragmentação e exclusão social são mais intensos. Tal circunstância, não só não deve inibir a manutenção dos financiadores actuais, como justifica, aliás, o reforço da sua participação e a pesquisa de novos actores (como, de resto, tem vindo a ser feito pela atual estrutura de gestão) que, como até aqui, são indispensáveis a um crescimento sustentável. A geometria variável (em termos regionais, por exemplo) que tem caracterizado a estrutura dos financiamentos e a dificuldade de acesso a toda a informação financeira não facilita uma prestação de contas uniforme e inequívoca. A sistematização da informação financeira, designadamente junto do órgão central de gestão, é um

requisito que deve ser alcançado de forma a permitir uma apresentação de contas regular de leitura mais fácil e unificada . A análise financeira efetuada neste relatório justificaria um complemento, com recurso a mais informação e a projeções mais desenvolvidas sobre ganhos indiretos do projeto, que poderia assumir a forma de uma análise custo-benefício detalhada (valores associados a permanência no sistema escolar, diminuição da marginalidade, ganhos de auto-estima, ...).

Estratégia de comunicação e imagem | O impacto das apresentações públicas da OG permite pensar no enorme capital que a imagem do projeto dispõe e pode usar. Uma imagem forte, muito mais forte, pode ajudar o projeto a inscrever-se nas comunidades de pertença mas também facilitar a mobilização de novos parceiros, fundamentais para um crescimento sustentado. É por isso preciso definir uma estratégia de comunicação e imagem que deve ser endereçada a profissionais eficazes. A OG é um projeto que não concorre com as escolas de música mas oferece cultura musical a grupos sociais vulneráveis e desfavorecidos; uma comunicação eficaz ajudará a evitar equívocos e a vencer resistências. A OG deveria estar presente nos websites das escolas e agrupamentos escolares onde o projeto funciona, em consequência da inscrição do projeto nos planos de atividades, tal facto nem sempre acontece. A presença na web e nos media deve ser dinamizada de modo mais pro-ativo, bem como aspetos correlativos ao prestígio e consolidação do projeto (merchandising, crowdfunding, ...).

Ligação com o MEC e os municípios | A projeção nacional do projeto OG precisa do envolvimento do Ministério da Educação e Ciência e das Câmaras Municipais, não apenas porque são os seus principais financiadores mas também porque são as entidades com o poder e a legitimidade de o disseminar pelos territórios educativos mais adequados. Sendo um projeto escolar, a ligação às instituições tutelares terá de ser mantida senão reforçada, sem prejuízo do reforço de autonomia (sempre reclamado) das escolas e agrupamentos escolares. Declarações públicas recentes dos responsáveis da gestão do projeto apontam nesse sentido, ao preconizarem um Plano Nacional das Orquestras Geração que prevê, já em 2012-13, a criação das primeiras orquestras municipais.

Concertação dos parceiros | Um projeto de parcerias múltiplas necessita de concertação e de cooperação entre os parceiros que intervêm, a diferentes níveis e com vários graus de responsabilidade, no desenvolvimento e monitorização do projeto. Frequentes alterações organizacionais e/ou mudança das pessoas que se ocupam do dossiê OG e/ou a ausência de comunicação entre várias instituições não facilitam a partilha de informação. Todos produzem informação e possuem os seus métodos de monitorização, mas verifica-se um claro défice na partilhada dessa informação, que se mantém acantonada nos discos rígidos dos computadores das

várias instituições. Esta situação, que por si só é geradora de desperdício, terá de ser ultrapassada sob pena de se refletir na qualidade dum projeto que em larga medida depende da coerência metodológica e dos objetivos partilhados.

Relação com as famílias e as comunidades | Aprofundar a relação com as comunidades locais onde o projeto funciona é crucial para o seu êxito. Nesse sentido, os núcleos OG em articulação com as escolas devem estabelecer um programa de ação com os agentes locais. Estas iniciativas na comunidade são concomitantes do trabalho com as famílias em prol de uma maior implicação e reconhecimento. Iniciativas que levem a apresentações públicas das orquestras nas comunidades, não sendo inéditas, podem ganhar outro folego explorando a ligação a eventos e iniciativas locais.

Formação de professores | O reforço da formação de professores é indispensável para assegurar o sucesso das crianças e jovens. O trabalho dos professores da OG exige, para além da proficiência na metodologia do ensino e aprendizagem da música, competências de relação pedagógica com públicos escolares difíceis. É consensual a importância de reforçar programas de formação em áreas como as competências interculturais, a relação com públicos muito específicos (e.g. população cigana), a resolução de conflitos, a indisciplina e outras disrupções que atravessam o espaço escolar. A formação nestes domínios, que conta já com algumas experiências, deve ser reforçada e articulada com as escolas e os restantes professores para fazer face a problemas concretos. Na linha do que está já a ser experimentado nalguns núcleos OG é preciso estabelecer pontes com outras atividades e nalguns casos começar mais cedo o trabalho com as famílias e as crianças.

No final deste estudo de avaliação, ficam algumas **questões em aberto** que deveriam ser exploradas no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o projeto OG e de fundamentar as decisões e as ações que venham a ser implementadas. Destacam-se os seguintes tópicos e questões:

- Os impactos da OG no percurso escolar das crianças não se revelam substancialmente diferentes dos de outras atividades. Porquê? Para obter respostas mais fundamentadas, deveriam ser recolhidos dados adicionais (sobre os resultados escolares concretos e não apenas a sua percepção por parte dos envolvidos) e efetuados estudos longitudinais que permitam seguir os processos de evolução dos sujeitos no tempo e os desempenhos que lhes venham a ser associados.

- Os impactos nas famílias das crianças mostram-se bastante fortes, contudo não sabemos o que se passa com as outras famílias. Seria interessante comparar os resultados do inquérito às famílias das crianças e jovens das OG com os de outro inquérito às famílias dos que não estão na OG. Igualmente relevante é o aprofundamento da análise ao nível do bairro através da recolha de opiniões dos diversos agentes locais.
- Um número significativo de crianças já esteve na OG e saiu e outras queriam entrar mas não conseguiram. Porque saem crianças da OG? Quais os motivos? E como é feita a seleção para entrar na OG? Os impactos favoráveis são mais destacados pelas famílias com menores recursos e mais riscos de desestruturação, mas, em termos gerais, as crianças das OG parecem ser as menos problemáticas num contexto problemático. Isto deve-se a critérios restritivos de seleção ou simplesmente ao maior interesse das crianças melhor comportadas que aderem mais ao projeto? Será possível fazer chegar o projeto às crianças que integram os grupos com os níveis mais problemáticos de todos? Como se pode fazer isto?

Nos territórios que este estudo observou, muitas crianças e jovens vivem trajetos sem projeto; a implantação da OG pode alterar essa situação. É preciso que o projeto OG continue a juntar em vez de dividir, ajudando deste modo a definir, pela positiva, percursos pessoais e sociais improváveis. Por outras palavras, percursos pessoais gratificantes e socialmente inclusivos.

Referências Bibliográficas

- André, I. e Abreu, A. (2009) 'Social creativity and post-rural places: the case of Montemor-o-Novo, Portugal, *Canadian Journal of Regional Science/Revue Canadienne des Sciences Régionales*, Special issue on Social Innovation and Territorial Development, XXXII (1), 101-114.
- André, I. e Carmo, A. (2010) 'Régions et villes socialement créatives. Étude appliquée à la Péninsule Ibérique', *Innovations*, 33, 65-84.
- André, I., Henriques, E. e Malheiros, J. (2009) "Inclusive Places, Arts and Socially Creative Milieux", in MacCallum, D., Moulaert, F., Hillier, J. and Vicari, S. (eds.) *Social Innovation and Territorial Development*, Londres: Ashgate.
- André, I. e Reis, J. (2009) 'O circo chegou à cidade! Oportunidades de inovação sócio-territorial', *Finisterra*, XLIV, 88, 79-94.
- Booth, E. (2009) Thoughts on Seeing El Sistema, *Teaching Artist Journal*, v7 n2 p.75-84.
- Bourdieu, P. (1984) *Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Bourdieu, P. (1986) 'The forms of capital', in J. Richardson (ed.) *Handbook of Theory and Research in the Sociology of Education*, New York: Greenwood Press, 241-253.
- Bradley, W. (2007) 'Introduction', in W. Bradley and C. Esche (eds.) *Art and Social Change: A Critical Reader*, London: Tate Publishing, 1-24.
- Caune, J. (2006) *La démocratisation culturelle. Une médiation à bout de soufflé*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Fernández-Carrión Quero, M. (2011) Proyectos Musicales Inclusivos, *Tendencias Pedagógicas* N. 17, p.74-82. Fernandes, D. (coordenador), Jorge Ramos do Ó, Mário Boto Ferreira, Ana Marto, Ana Paz, Ana Travassos. *Estudo de avaliação do ensino artístico*. Relatório final, fevereiro de 2007 (policopiado).
- Hille, A. (2010), Etude d'impact des Orchestres à l'Ecole. Paris, Estágio de Investigação no âmbito do Master "Economics and Public Policy" realizado em Sciences Po Paris, l'Ecole Polytechnique et l'Ecole Nationale de la Statistique et de l'Administration Economique (ENSAE). (policopiado).
- Horta, M. J. and Malheiros, J. (2006) 'Social Capital and Migrant's Political Integration: The Case Study of Capeverdean Associations in the Greater Lisbon Area', *Finisterra*, XLI, 81, 143-170.
- Lacoste, J. (2010) *La Philosophie De L'Art*, 10^e Édition, Paris: PUF 'Que Sais-Je'.
- Machado, F. L., Costa, A. F., Mauritti, R., Martins, S., Casanova, J., Almeida, J. F. (2003) 'Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 45-80.
- Martinelli F, Moulaert F, Swyngedouw E, Ailenei O (2003) *Social innovation, governance and community building – Singocom – Scientific Periodic Progress Report Month 18*, edição electrónica

- Moulaert, F., Martinelli, F., Swyngedouw, E. and Gonzalez, S. (2005) "Towards Alternative Model(s) of Local Innovation", *Urban Studies*, 42 (11):1969–1990.
- PNUD (2011), *Informe sobre el Desarrollo Humano 2011*, PNUD-ONU.
- Portes, A. (1998) 'Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology', *Annual Review of Sociology*, 24, 1, 1-24.
- Putnam, R. (1995) 'Bowling Alone: America's Declining Social Capital', *Journal of Democracy*, 6, 1, 65-78.
- Roy-Valex, M. (2010) 'Arts, territoires et «nouvelle économie» : Quelles perspectives ouvertes par la théorie du capital créatif?', in Tremblay, R. and Tremblay, D.-G. (eds.) *La classe créative selon Richard Florida. Un paradigme urbain plausible?* Québec : Presses de l'Université du Québec et Presses Universitaires de Rennes, Collection Géographie contemporaine.
- Scottish Government Social Research/GEN (2011), *Evaluation of Big Noise, Sistema Scotland*. Edimburgo.
- Schaeffer, J-M. (1992) *L'art de l'âge moderne. L'esthétique et la philosophie de l'art du XVIIIe siècle à nos jours*, Paris: Gallimard.
- Tribunal de Contas (2012), *Relatório do apuramento do custo médio por aluno nas escolas públicas*. Lisboa, Tribunal de Contas.
- Tribunal de Contas (2012), *Relatório do apuramento do custo médio por aluno nas escolas públicas*. Lisboa, Tribunal de Contas.

Webgrafia

- El SistemaEurope, sítio oficial na internet:
www.sistemaeurope.org/who.html (acedido em 10/11/12)
- Orquestra Geração, sítio oficial na internet:
<http://www.orquestra.geracao.aml.pt/o-projecto> (acedido em 5/09/12)

Índice de Figuras

FIGURAS	Pág
Figura 1.1 – Inovação social através das artes	13
Figura 1.2 – Cartaz da exibição comercial do filme 'orquestra geração'	16
Figura 1.3 – Sistema europeu – plataforma europeia do 'el sistema'	20
Figura 2.1 – Evolução do nº de escolas com núcleos da Orquestra Geração	26
Figura 2.2 – Estrutura da orquestra geração	29
Figura 3.1 - Percentagem de população com menos de 15 anos	38
Figura 3.2 - Relação entre os indivíduos com curso superior e a população residente com mais de 24 anos – 2011	39
Figura 3.3 - Dinâmicas demográficas e situação social das freguesias e aje das escolas com orquestras geração – índices sintéticos	42
Figura 4.1- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: porque começou a trabalhar na og?	52
Figura 4.2- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: ao fim de 1 ano, nota evolução na atitude das crianças e jovens da OG? qual?	53
Figura 4.3- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: como o classifica – em 3 palavras – a atitude das crianças e jovens da OG?	54
Figura 4.4- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a aprendizagem musical das crianças e jovens da OG?	54
Figura 4.5- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Quais são, na sua opinião, as principais mais-valias da OG?	55
Figura 4.6- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Quais são, na sua opinião, os 2 principais problemas da OG?	56
Figura 4.7- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos órgãos de gestão das escolas face ao projeto OG	57
Figura 4.8- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos outros professores das escolas face ao projeto OG?	58
Figura 4.9- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos funcionários (não docentes) das escolas face ao projeto OG?	58
Figura 4.10- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como classifica a atitude dos pais/familiares face ao projeto OG?	59
Figura 4.11- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Que tipo de relação se estabelece com as famílias dos alunos?	59
Figura 4.12- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como perspectiva o futuro da OG na(s) escola(s) onde trabalha?	60
Figura 4.13- 'Nuvem' de palavras e resposta-tipo à pergunta: Como gostaria que o projeto OG se desenvolvesse? O que é preciso mudar?	61
Figura 4.14- Tempo de permanência na atividade	73
Figura 4.15- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas mais na OG?'	75
Figura 4.16- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas mais na actividade?'	76
Figura 4.17- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas menos na OG'	76
Figura 4.18- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'o que gostas menos na actividade'	77
Figura 4.19- Nuvem de palavras com base nas respostas à questão 'porque não pertences à OG da tua escola'	78
Figura 5.1- Evolução do número de apresentações realizadas pelos núcleos da OG	81
Figura 5.2- Número de apresentações realizadas em 2011/12 pelos núcleos da OG (Região de Lisboa)	82
Figura 5.3- Concerto na FCG – um exemplo de visita de estudo dos núcleos ao OG.	84
Figura 5.4 – O que trouxe a OG ao Bairro	97
Figura 5.5 – Opiniões dos encarregados de educação relativamente a 3 práticas que envolvem o bairro e a vizinhança	97
Figura 5.6- O que é mais importante na Orquestra Geração	99
Figura 5.7- O que deveria mudar na Orquestra Geração	99

Índice de quadros

QUADROS	Pág
Quadro 2.1 – Estrutura organizativa da OG	27
Quadro 2.2 – Estimativa de custos por rubricas	30
Quadro 2.3 – Estimativa de custos segundo entidades financiadoras	31
Quadro 3.1 - Dinâmicas demográficas e situação social das freguesias e AIPE das escolas com Orquestras Geração – Ordenação e Classificação a partir de Índices Sintéticos	41
Quadro 3.2 - Classificação das freguesias e das AIPE com escolas que acolhem Orquestras Geração	42
Quadro 3.3 – Dimensão dos agrupamentos escolares	44
Quadro 3.4 - Resultados escolares (%), por agrupamentos escolares	45
Quadro 3.5 - Naturalidade dos alunos (%)	45
Quadro 3.6- Instrução das mães dos alunos (%)	46
Quadro 3.7 - Acesso a TIC (%)	47
Quadro 4.1 - Professores da OG: Género e Idade	49
Quadro 4.2 - Professores da OG: Local de Nascimento	50
Quadro 4.3 - Professores da OG: Tempo de Serviço	50
Quadro 4.4 - Professores da OG: Entidades Empregadoras	50
Quadro 4.5 - Professores da OG: Número de escolas onde lecionam	51
Quadro 4.6 - Professores da OG: Tipo de Contrato	51
Quadro 4.7 - Professores da OG: Forma de conhecimento do projeto OG	52
Quadro 4.8 - Agrupamentos e núcleos – número de alunos	68
Quadro 4.9 - Agrupamentos e núcleos – rapazes e raparigas	69
Quadro 4.10 – Agrupamentos e núcleos – idade média	69
Quadro 4.11 – Idade média por ano de escolaridade nos agrupamentos de escolas e nos núcleos OG	70
Quadro 4.12 - Indicadores da vida social das crianças	72
Quadro 4.13 - Representações da escola	72
Quadro 4.14 - Razões invocadas para a participação	74
Quadro 4.15 - Significado da participação	74
Quadro 4.16 - Sentimentos resultantes da participação	77
Quadro 4.17 - Percepção da evolução	78
Quadro 4.18 - Comportamento escolar	79
Quadro 4.19 - Percepção do interesse das famílias	79
Quadro 4.20 - Acompanhamento da família	80
Quadro 4.21 - Atitudes da família	80
Quadro 5.1 a) – Percepção da felicidade das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	87
Quadro 5.1 b) – Percepção da felicidade das crianças segundo a tipologia familiar do agregado (%)	87

Quadro 5.2 a) – Percepção da Confiança das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	87
Quadro 5.2 b) – Percepção da Confiança das crianças segundo a tipologia familiar (%)	87
Quadro 5.3 a) – Percepção da Atenção/Concentração das crianças segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	88
Quadro 5.3 b) – Percepção da Atenção/Concentração das crianças segundo a tipologia do agregado familiar (%)	88
Quadro 5.4 a) – Percepção de melhor comportamento da criança em casa, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	89
Quadro 5.4 b) – Percepção de melhor comportamento da criança em casa, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	89
Quadro 5.5 a) – Percepção relativa aos resultados escolares da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	90
Quadro 5.5 b) – Percepção relativa aos resultados escolares da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	90
Quadro 5.6 a) – Percepção da existência de mais projetos para o futuro da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	91
Quadro 5.6 b) – Percepção da existência de mais projetos para o futuro da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	91
Quadro 5.7 a) – Percepção do respeito que a criança tem para com os outros, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	91
Quadro 5.7 b) – Percepção do respeito que a criança tem para com os outros, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	91
Quadro 5.8 a) – Percepção relativa à construção de novas amizades por parte da criança, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	92
Quadro 5.8 b) – Percepção relativa à construção de novas amizades por parte da criança, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	92
Quadro 5.9 a) – Percepção relativa à confiança enquanto encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)	93
Quadro 5.9 b) – Percepção relativa à confiança enquanto encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	93
Quadro 5.10 a) – Opinião relativamente à “esperança no futuro” por parte do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)	93
Quadro 5.10 b) – Opinião relativamente à “esperança no futuro” por parte do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	93
Quadro 5.11 a) – Percepção relativa à ampliação de conhecimento do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)	94
Quadro 5.11 b) – Percepção relativa à ampliação de conhecimento do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	94
Quadro 5.12 a) – Percepção relativa à participação em actividades da escola por parte do encarregado de educação, segundo o nível de instrução (%)	94
Quadro 5.12 b) – Percepção relativa à participação em actividades da escola por parte do encarregado de educação, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	95
Quadro 5.13 a) – Opinião relativamente ao interesse pela música, segundo o nível de instrução do encarregado de educação (%)	95
Quadro 5.13 b) – Opinião relativamente ao interesse pela música, segundo a tipologia do agregado familiar (%)	95
Quadro 5.14 a) – Percepção do encarregado de educação relativamente a um conjunto de práticas/situações associadas ao quadro familiar (%)	96
Quadro 5.14 b) – Percepção do encarregado de educação das famílias monoparentais femininas relativamente a um conjunto de práticas/situações, associadas ao quadro familiar (%)	96
Quadro 5.15 – Prática do encarregado de educação relativamente ao transporte da criança para a OG e à ida de vizinhos aos concertos da OG, segundo o nível de instrução (%)	96

ANEXOS

Anexo 1 - Metodologia

Anexo 2 - Inquérito aos professores OG

Anexo 3 -Freguesia Sede e Área de Influencia Potencial da Escola - AIPE

Anexo 4 -Quadro Síntese de Caracterização das Freguesias-sede das Escolas ou Agrupamentos e da Área de Influencia Potencial da Escola (AIPE)

Anexo 5 -Inquéritos aos 'alunos com OG' e aos 'alunos sem OG'

Anexo 6 -Inquéritos às famílias das crianças com OG

Anexo 7 – Os territórios da OG: fichas de caraterização das escolas

ANEXO 1 - Metodologia

O estudo baseia-se na combinação de 3 metodologias – levantamentos, entrevistas (individuais e de grupo) e inquéritos:

A) Levantamento da informação relativa a:

- Recursos mobilizados (materiais, espaços, financeiros)
- Professores e outros profissionais envolvidos
- Crianças incluídas nas OG (número e características – sexos, idades, níveis de ensino, resultados escolares)

B1) Entrevistas aos principais agentes (nacionais e regionais) da iniciativa, focando:

- Motivos do envolvimento
- Modos de envolvimento
- Expectativas iniciais e atuais
- Balanço do percurso das OG
- Intenções relativamente ao futuro desenvolvimento da iniciativa

B2) Entrevistas aos agentes locais (escolas), focando:

- Significado da OG no contexto da Escola
- Recursos e meios mobilizados
- Expectativas iniciais e atuais
- Balanço do funcionamento das OG
- Intenções relativamente ao futuro desenvolvimento da iniciativa

C1) Inquérito a 2 grupos de crianças (i) envolvidas na OG; ii) envolvidas noutras atividades extracurriculares, designadamente de carácter desportivo, focando:

- Motivações e importância do envolvimento (ou não) em atividades extracurriculares, designadamente na OG;
- Efeitos do envolvimento nestas atividades (em termos gerais e OG) em termos de disciplina, confiança e autoestima
- Identificação de eventuais relações entre participação em atividades extracurriculares (outras e OG) em termos de assiduidade e resultados escolares

C2) Inquéritos às famílias das crianças envolvidas na OG focando os pontos identificados em C1.

A opção pela aplicação do inquérito a 2 grupos de crianças prende-se com a necessidade de se efetuarem comparações entre grupos de alunos que se encontram em diferentes situações relativamente à frequência de atividades extracurriculares, de modo a compreender e a “medir” melhor o efeito OG.

Depois de recolhida, analisada e sistematizada a informação, foram realizadas 2 sessões de *focusgroup* para debater os resultados obtidos. Estas sessões permitiram ‘olhar’ para os resultados com diferentes pontos de vista e assim confrontar interpretações e perspectivas. Facilitam também a identificação de orientações para o futuro, combinando adequadamente ambição e realismo.

Após concluída a versão draft do Relatório Final é realizada uma sessão de validação com todos os protagonistas (promotores, coordenadores do projeto a diferentes níveis, professores), de modo a que estes façam críticas, apresentem sugestões e se pronunciem sobre o quadro de recomendações. Deste modo, dá-se continuidade à lógica participativa.

ANEXO 2 - Inquérito aos professores OG

1. Introdução

Este inquérito integra-se no Estudo de Avaliação das Orquestras Geração e pretende conhecer a opinião dos professores de música envolvidos no projeto.

Agradecemos que seja conciso/a nas suas respostas. No total, o preenchimento do inquérito levará entre 15 a 20 minutos. No final, click no botão 'submeter'.

A sua colaboração é fundamental para o estudo e para o desenvolvimento desta iniciativa. Agradecemos a sua participação!

2. Dados biográficos

1. Idade (menos de 25 anos, 25 a 34, 35 a 49, 50 ou mais)
2. Sexo (f/m)
3. Naturalidade (portuguesa, estrangeira - se nasceu no estrangeiro, indique em que país)
4. Formação académica
5. Formação musical
6. Há quantos anos é professor de música? (Menos de 2, 2 a 5 anos, 6 a 12 anos, mais de 12 anos)
7. Qual ou quais são as suas entidades empregadoras?
8. Que tipo de contrato de trabalho tem actualmente?
9. Qual é o seu horário de trabalho semanal (nº total de horas)

3. Trabalho na OG

10. Já conhecia El Sistema antes de estar envolvido no projecto Orquestra Geração (OG)? Se já conhecia, como soube de El Sistema?
11. Quando começou a trabalhar na OG?
12. Porque começou a trabalhar na OG?
13. Actualmente quantas horas semanais trabalha na OG?
14. As suas aulas na OG são de:
15. Em que escola(s) trabalha na OG?

4. Resultados da OG

as respostas devem basear-se na sua experiência pessoal

16. Como classifica a atitude das crianças e jovens da OG? Use apenas 3 palavras.
17. Ao fim de 1 ano, nota evolução na atitude das crianças e jovens da OG? Qual?
18. Como classifica a aprendizagem musical das crianças e jovens da OG?
19. Como classifica o impacto da participação na OG nos resultados escolares das crianças e jovens?

5. Apreciação do Projecto OG

(as respostas devem basear-se na sua experiência pessoal)

20. Quais são, na sua opinião, as 2 principais mais valias da OG?
21. Quais são, na sua opinião, os 2 principais problemas da OG?
22. Como classifica a atitude dos órgãos de gestão das escolas face ao projeto OG?
23. Como classifica a atitude dos outros professores das escolas face ao projeto OG?
24. Como classifica a atitude dos funcionários (não docentes) das escolas face ao projeto OG?
25. Como classifica a atitude dos pais/familiares face ao projeto OG?
26. Existem problemas com a gestão dos horários escolares relativamente ao funcionamento da OG? Quais?
27. Existem problemas com a gestão dos espaços relativamente ao funcionamento da OG? Quais?
28. Que tipo de relação se estabelece com as famílias dos alunos?
29. Como perspectiva o futuro da OG na(s) escola(s) onde trabalha?
30. Como gostaria que o projeto OG se desenvolvesse? O que é preciso mudar?

ANEXO 3 - Freguesia Sede e Área de Influência Potencial da Escola - AIPE

NUT III	Concelho	Núcleo	Freguesia (da escola ou sede do agrupamento)	Freguesias Limítrofes (apenas do mesmo concelho)
Grande Lisboa	Amadora	EB 2,3 Miguel Torga	São Brás	Mina
				Falagueira
				Brandoa
		EB 1 Alto do Moinho	Buraca	Damaia
				Alfragide
		EB Pedro D`Orey	Damaia	Buraca
				Alfragide
				Venteira
				Reboleira
				Venda Nova
	Oeiras	EB Amélia Vieira Luís	Carnaxide	Barcarena
				Queijas
				Linda-a-Velha
				Algés
	Sintra	AE Mestre Domingos Saraiva	Algueirão	Pêro Pinheiro
				Almargem do Bispo
				Belas
				Rio de Mouro
				S. Pedro de Penaferrim
				S. Maria e S. Miguel
	Loures	EB 1º 2º Ciclo da Apelação	Apelação	Frielas
				Unhos
				Camarate
		EB Mário Sá Carneiro	Camarate	Frielas
				Apelação
				Unhos
				Sacavém
				Prior Velho
		EB Bartolomeu Dias	Sacavém	Moscavide
				Portela
				Prior Velho
				Camarate
				Unhos
				Bobadela

NUT III	Concelho	Núcleo	Freguesia (da escola ou sede do agrupamento)	Freguesias Limítrofes (apenas do mesmo concelho) - AIPE
Grande Lisboa	Lisboa	EB1 Alexandre Herculano	Ajuda	Benfica
				Alcântara
				Santa Maria de Belém
				São Francisco Xavier
		EB 1 Arq. Ribeiro Telles (Boavista)	Benfica	São Domingos de Benfica
				Carnide
				Alcântara
				Ajuda
				São Francisco Xavier
				Campolide
	V.F.Xira	AE Vialonga	Vialonga	Póvoa de Santa Iria
				Forte da Casa
				Alverca
Península de Setúbal	Sesimbra	EB Boa Água	Quinta do Conde	Castelo
Baixo Mondego	Coimbra	Coimbra - C. Música	S. Silvestre	Lamarosa
				S. Martinho de Arvore
				Ameal
				Taveiro
				Ribeira de Frades
				S. João de Campos
Tâmega	Amarante	AE Amadeo Sousa Cardoso	Telões	Freixo de Cima
				Freixo de Baixo
				São Gonçalo
				Gatão
				Vila Garcia
				Aboim
Alto Trás-os-Montes	Mirandela	Expoarte Mirandela	Mirandela	Carvalhais
				Cedães
				São Salvador
				Marmelos
				Passos
				Suçães

ANEXO 4 - Quadro Síntese de Caracterização das Freguesias-sede das Escolas ou Agrupamentos e da Área de Influência Potencial da Escola (AIPE)

Zona Geográfica		Taxa Variação População 2001-2011 HM	Dimensão Média das Famílias 2011	Número de pessoas por alojamento 2011	% de Ocupantes Proprietários	% de Pop. Residente < 15 anos	Pop. com Ens. Superior/ Pop. Res. > 24 anos	% de Alojamentos sem Banho/Duche
Alto Trás-os-Montes		-8,28	2,49	1,36	86,1	11,2	12,0	2,7
0407	MIRANDELA	-7,38	2,52	1,61	81,5	12,1	13,6	2,4
	*AIPE (Expoarte/Mirandela	1,26	2,61	1,78	73,7	14,4	19,4	1,4
040721	- Mirandela	6,60	2,62	1,85	69,6	15,7	22,7	0,9
Tâmega		-0,09	3,01	2,22	73,0	17,3	7,7	4,0
1301	AMARANTE	-5,35	2,90	2,00	71,7	16,1	10,2	3,2
	*AIPE Telões (Amarante)	-1,09	2,86	2,03	68,2	16,4	12,8	2,3
130135	- Telões	-6,64	2,87	2,01	70,2	16,8	8,1	4,3
Baixo Mondego		-2,40	2,48	1,72	79,1	12,8	20,8	1,8
0603	COIMBRA	-3,63	2,34	1,80	71,4	12,4	30,9	1,3
	*AIPE São Silvestre	-3,72	2,80	2,32	83,1	13,6	12,0	1,9
060324	- São Silvestre	1,33	2,90	2,47	87,9	14,8	12,5	0,7
Grande Lisboa		4,65	2,42	1,91	64,9	15,4	24,9	0,8
1106	LISBOA	-3,44	2,22	1,69	52,2	12,9	35,4	1,0
	*AIPE Ajuda	-9,84	2,19	1,71	54,3	12,0	32,1	0,9
110601	- Ajuda	-13,23	2,23	1,76	46,3	11,8	17,5	1,5
	*AIPE Boavista (Benfica)	-1,06	2,25	1,73	60,1	12,6	41,3	0,7
110639	- Benfica	-11,65	2,17	1,97	59,0	11,0	32,0	0,3
1107	LOURES	3,27	2,53	2,08	64,3	15,6	17,7	1,2
	*AIPE Apelação	-2,53	2,65	2,18	45,1	17,2	5,9	2,3
110701	- Apelação	-8,01	2,81	2,34	47,6	18,6	5,8	0,7
	*AIPE Camarate	0,52	2,56	2,08	52,3	17,0	12,3	2,0
110703	- Camarate	5,98	2,63	2,15	42,4	16,9	5,9	2,5
	*AIPE Sacavém	0,11	2,45	2,02	58,9	15,5	21,6	1,5
110712	- Sacavém	4,98	2,39	1,92	61,5	15,9	21,5	0,9
1110	OEIRAS	6,13	2,40	1,99	71,1	15,4	35,0	0,4
	*AIPE Camaxide	11,00	2,44	2,06	73,3	16,2	35,9	0,4
111003	- Camaxide	21,55	2,57	2,21	71,4	18,1	35,9	0,3
1111	SINTRA	3,71	2,60	2,07	73,8	17,6	16,0	0,6
	*AIPE Algueirão	8,69	2,69	2,16	75,2	18,5	17,1	0,7
111102	- Algueirão-Mem Martins	6,08	2,64	2,16	75,8	18,7	15,5	0,5
1114	VILA FRANCA DE XIRA	11,07	2,55	2,10	74,6	17,2	15,8	0,9
	*AIPE Vialonga	15,55	2,60	2,19	78,1	17,8	16,7	0,7
111408	- Vialonga	35,91	2,69	2,26	75,4	20,2	11,5	1,2
1115	AMADORA	-0,18	2,37	1,99	64,6	14,8	17,4	0,7
	*AIPE Buraca	3,71	2,37	2,00	70,1	15,6	22,2	0,4
111503	- Buraca	1,46	2,60	2,24	59,4	16,2	13,0	0,4
	*AIPE Damaia	-3,58	2,27	1,88	66,3	13,8	19,4	0,5
111504	- Damaia	1,72	2,20	1,83	71,2	13,3	16,9	0,5
	*AIPE S.BRÁS	9,85	2,51	2,13	60,4	16,4	12,8	0,9
111510	- São Brás	26,72	2,67	2,31	75,1	18,4	16,3	0,5
Península de Setúbal		8,88	2,48	1,85	73,6	15,9	16,5	1,0
1511	SESIMBRA	30,92	2,55	1,53	78,4	17,4	14,6	0,6
	*AIPE Quinta do Conde	39,57	2,58	1,70	81,5	18,4	15,4	0,5
151103	- Quinta do Conde	53,38	2,57	2,04	83,3	19,9	14,1	0,3
1	CONTINENTE	1,75	2,57	1,78	73,2	14,8	16,2	1,9

INQUÉRITO SOBRE AS TUAS ATIVIDADES NA ESCOLA E NA ORQUESTRA GERAÇ...

11. Qual é a profissão da tua mãe?

Alunos com OG

12. Qual é a escolaridade da tua mãe? Andou na escola até ao:

- ☐ 4º ano
 ☐ 10º, 10º ou 12º ano
☐ 5º ou 6º ano
 ☐ Universidade
☐ 7º, 8º ou 9º ano
 ☐ não sei

***13. Costumas tomar o pequeno-almoço antes de ires para a escola?**

- ☐ Não
 ☐ Sim

14. Com quem costumas jantar?

- ☐ Mãe
 ☐ Pai
 ☐ Irmãos
 ☐ Irmãs

Outras pessoas, quem?

***15. Em casa, costumam ajudar-te nos trabalhos de casa?**

- ☐ Sempre
 ☐ Às vezes
 ☐ Não

***16. A escola para ti é: (escolhe 2 respostas)**

- ☐ aprender
 ☐ aborrecida
 ☐ difícil
☐ estudar
 ☐ divertida
 ☐ perigosa
☐ trabalhar
 ☐ estar com os amigos
 ☐ brincar

A PARTIR DE AGORA VAMOS FALAR DA ORQUESTRA GERAÇÃO - OG



***17. Há quanto tempo estás na OG?**

- ☐ Entraste este ano (2011/12)
 ☐ Há 4 anos (2008/09)
☐ No ano passado (2010/11)
 ☐ Há 5 anos (2007/08)
☐ Há 3 anos (2009/10)

Alunos com OG

*18. Porque é que foste para a OG? (escolhe 1 ou 2 hipóteses)

- ☐ Tinhas amigos na OG
☐ A tua família gosta
☐ Gostas muito de música
☐ Tens jeito para a música
☐ Querias experimentar uma coisa nova
☐ Querias tocar um instrumento
☐ Querias ocupar o tempo livre
☐ Quando fores adulto queres ser músico
☐ Outro motivo, qual?

19. Que instrumento tocas?

20. Gostavas de tocar outro instrumento?

- ☐ Não
☐ Sim

Se respondeste sim, que outro instrumento gostavas de tocar?

*21. Quando tens OG:

- ☐ Nunca faltas ☐ Faltas algumas vezes ☐ Faltas muitas vezes

*22. Estar na OG é: (escolhe 2 palavras)

- | | | |
|---|------------------------------------|-------------------------------------|
| ☐ Responsabilidade | ☐ Companhia | ☐ Amizade |
| ☐ Festa | ☐ Uma seca | ☐ Futuro |
| ☐ Bom | ☐ Sonho | ☐ Espetáculo |
| ☐ Brincadeira | ☐ Liberdade | ☐ Obrigação |

*23. Desde que estás na OG tens:

- ☐ Mais amigos ☐ Menos amigos ☐ Os mesmos amigos

*24. Desde que estás na OG os teus resultados escolares:

- ☐ São melhores ☐ São piores ☐ Estão na mesma

Se estão melhores, a que disciplina melhoraste mais?

Alunos com OG

25. A tua família acompanha as tuas atividades na OG?

- ☐ Sempre
 ☐ Quase sempre
 ☐ Às vezes
 ☐ Raramente
 ☐ Nunca

26. A tua família acha que a tua atividade na OG é:

- ☐ Muito importante
 ☐ Importante
 ☐ Uma perda de tempo

27. O que gostas mais na OG é:

28. O que gostas menos na OG é:

*29. Gostavas de ter uma profissão ligada à música?

- ☐ Não
 ☐ Sim

Se respondeste sim, em que profissão estás a pensar?

*30. Desde que entraste na OG :

	Sim	Não	Na mesma
Portas-te melhor	☐	☐	☐
Estás com mais atenção nas aulas	☐	☐	☐
Os teus professores da escola ralham-te menos	☐	☐	☐
Os teus professores da escola dão-te os parabéns mais vezes	☐	☐	☐
Os teus pais ralham-te menos	☐	☐	☐
Os teus pais dão-te mais vezes os parabéns	☐	☐	☐
Tens menos tempo para brincar	☐	☐	☐

*31. Como te sentes quando tocas o teu instrumento?

- ☐ Assim assim
 ☐ Bem
 ☐ Muito bem

*32. Desde que começaste a tocar, como evoluíste?

- ☐ Quase nada
 ☐ Pouco
 ☐ Muito
 ☐ Multíssimo

*33. Desde que estás na OG sentes-te mais:

	Sim	Não	Igual
Feliz	☐	☐	☐
Orgulhoso	☐	☐	☐
Importante	☐	☐	☐
Cumpridor	☐	☐	☐

Alunos com OG***34. Tens outras atividades para além da OG?**☐

Não

☐

Sim

Se tens outras atividades, quais são?

***35. Deixaste outras atividades quando entraste para a OG?**☐

Não

☐

Sim

Se respondeste sim, que atividades abandonaste?

***36. De todas as atividades que tens, qual é a que gostas mais?**

Alunos sem OG

INQUÉRITO SOBRE AS TUAS ATIVIDADES

TU, A ESCOLA E OUTRAS ATIVIDADES

***1. Qual é a tua escola?**

***2. Em que ano escolar estás matriculado?**

☐

1º

☐

2º

☐

3º

☐

4º

☐

5º

☐

6º

☐

7º

☐

8º

☐

9º

☐

Outro, qual?

***3. Já repetiste algum ano?**

☐

Não

☐

Sim

***4. Na avaliação do final do 2º período tiveste algum insuficiente ou nota negativa?**

☐

Não

☐

Sim

***5. A tua idade é:**

***6. És:**

☐

Rapariga

☐

Rapaz

7. Com quem vives em tua casa?

☐

Mãe

☐

Pai

☐

Irmãos

☐

Irmãs

☐

Outras pessoas, quem? (por exemplo, avós, tios, primos, amigos, etc.)

***8. Onde moras (onde vives, qual é o teu bairro)?**

***9. Onde nasceste?**

Concelho/cidade

País

10. Em que país nasceu a tua mãe?

11. Qual é a profissão da tua mãe?

Alunos sem OG**12. Qual é a escolaridade da tua mãe? Andou na escola até ao:**☐ 4º ano☐ 10º, 10º ou 12º ano☐ 5º ou 6º ano☐ Universidade☐ 7º, 8º ou 9º ano☐ não sei***13. Costumas tomar o pequeno-almoço antes de ires para a escola?**☐ Não☐ Sim**14. Com quem costumas jantar?**☐ Mãe☐ Pai☐ Irmãos☐ Irmãs

Outras pessoas, quem?

15. Em casa, costumam ajudar-te nos trabalhos de casa?**☐ Sempre☐ Às vezes☐ Não16. A escola para ti é:**☐ aprender☐ aborrecida☐ difícil☐ estudar☐ divertida☐ perigosa☐ trabalhar☐ estar com os amigos☐ brincar***17. Tens alguma atividade para além das aulas?**☐ Não☐ Sim

Se tens várias atividades, qual é a mais importante para ti?

Alunos sem OG

A PARTIR DE AGORA RESPONDE SÓ EM RELAÇÃO À TUA ATIVIDADE MAIS IMPORTANTE

PASSAMOS A CHAMAR-LHE - ATIVIDADE +++



***18. Há quanto tempo praticas a atividade +++?**

- ☐ Entraste este ano (2011/12) ☐ Há 4 anos (2008/09)
- ☐ No ano passado (2010/11) ☐ Há 5 anos ou mais (2007/08 ou antes)
- ☐ Há 3 anos (2009/10)

***19. Porque é que começaste com a atividade +++? (escolhe 1 ou 2 hipóteses)**

- ☐ Tinhas amigos na atividade +++
- ☐ A tua família gosta
- ☐ Gostas muito da atividade +++
- ☐ Querias experimentar uma coisa nova
- ☐ Querias ocupar o tempo livre
- ☐ Queres fazer da atividade +++ a tua profissão
- ☐ Outro motivo, qual?

***20. Quando tens a atividade +++ :**

- ☐ Nunca faltas ☐ Faltas algumas vezes ☐ Faltas muitas vezes

Alunos sem OG***21. Estar na atividade +++ é: (escolhe 2 palavras)**

- | | | |
|---|------------------------------------|-------------------------------------|
| ☐ Responsabilidade | ☐ Companhia | ☐ Amizade |
| ☐ Festa | ☐ Uma seca | ☐ Futuro |
| ☐ Bom | ☐ Sonho | ☐ Espetáculo |
| ☐ Brincadeira | ☐ Liberdade | ☐ Obrigação |

***22. Desde que estás na atividade +++ tens:**

- ☐ Mais amigos
 ☐ Menos amigos
 ☐ Os mesmos amigos

***23. Desde que estás na atividade +++ os teus resultados escolares:**

- ☐ São melhores
 ☐ São piores
 ☐ Estão na mesma

Se estão melhores, a que disciplina melhoraste mais?

24. A tua família acompanha as tuas atividades?

- ☐ Sempre
 ☐ Quase sempre
 ☐ Às vezes
 ☐ Raramente
 ☐ Nunca

25. A tua família acha que a tua atividade +++ é:

- ☐ Muito importante
 ☐ Importante
 ☐ Uma perda de tempo

26. O que gostas mais na atividade +++ é:

27. O que gostas menos na atividade +++ é:

***28. Gostavas de ter uma profissão ligada à atividade +++?**

- ☐ Não
 ☐ Sim

Se respondeste sim, em que profissão estás a pensar?

***29. Desde que entraste para a atividade +++ :**

	Sim	Não	Na mesma
Portas-te melhor	☐	☐	☐
Estás com mais atenção nas aulas	☐	☐	☐
Os teus professores da escola ralham-te menos	☐	☐	☐
Os teus professores da escola dão-te os parabéns mais vezes	☐	☐	☐
Os teus pais ralham-te menos	☐	☐	☐
Os teus pais dão-te mais vezes os parabéns	☐	☐	☐
Tens menos tempo para brincar	☐	☐	☐

Alunos sem OG

***30. Como te sentes quando praticas a atividade +++ ?**

☐ Assim assim

☐ Bem

☐ Muito bem

***31. Desde que começaste a praticar a atividade +++, como evoluíste?**

☐ Quase nada

☐ Pouco

☐ Muito

☐ Muitíssimo

***32. Desde que estás na atividade +++ sentes-te mais:**

	Sim	Não	Igual
Feliz	☐	☐	☐
Orgulhoso	☐	☐	☐
Importante	☐	☐	☐
Cumpridor	☐	☐	☐

***33. Tens outras atividades para além da atividade +++?**

☐ Não

☐ Sim

Se tens outras atividades, quais são?

***34. Na tua escola há a Orquestra Geração. Sabias?**

☐ Não

☐ Sim

***35. Gostavas de pertencer à Orquestra Geração?**

☐ Não

☐ Sim

Se respondeste sim, porque não pertences à Orquestra Geração da tua escola?

ANEXO 6 - Inquéritos às famílias das crianças com OG

ORQUESTRA GERAÇÃO - INQUÉRITO ÀS FAMÍLIAS

Este inquérito pretende ajudar a perceber a importância da **Orquestra Geração (OG)** para todos os que nela participam. Agradecemos que responda ao breve questionário com base na sua experiência de contacto com a OG.

**TODAS AS QUESTÕES DIZEM RESPEITO À PARTICIPAÇÃO DAS SUAS CRIANÇAS OU JOVENS NA OG
ASSINALE COM X A SUA OPÇÃO DE RESPOSTA OU RESPONDA NO ESPAÇO DISPONÍVEL**

A. PENSANDO NA SUA CRIANÇA OU JOVEM... DESDE QUE PARTICIPA NA OG, A SUA CRIANÇA:

- | | |
|---|--|
| 1. Está mais feliz... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 2. Está mais confiante... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 3. Está mais atenta e concentrada... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 4. Tem mais projetos para o futuro... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 5. Porta-se melhor em casa... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 6. Tem mais respeito pelos outros... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 7. Fez novos amigos... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 8. Tem melhores resultados na escola... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |

B. PENSANDO EM SI E NA SUA FAMÍLIA...

DESDE QUE A SUA CRIANÇA PARTICIPA NA OG:

- | | |
|--|--|
| 1. Fazemos mais atividades em conjunto... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 2. Os membros da família dão-se melhor... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 3. Sinto-me mais confiante como mãe/pai... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 4. Eu fiz novos conhecimentos... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 5. Participo mais em atividades da escola... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 6. Estou mais tempo com a minha criança... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 7. Tenho mais esperança no futuro... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |
| 8. Interesse-me mais por música... | ☐ Sim ☐ Não ☐ Igual |

C. PENSANDO NA OG NO SEU BAIRRO...

1. Costuma levar ou trazer a sua criança às atividades da OG? ☐ Sim ☐ Não
1. Os seus vizinhos conhecem a OG? ☐ Sim ☐ Não
2. Algum dos seus vizinhos já foi a um concerto da OG? ☐ Sim ☐ Não
3. Gostava que a OG fizesse um concerto no seu bairro? ☐ Sim ☐ Não
4. Algum dos seus vizinhos lhe pediu informações sobre a OG? ☐ Sim ☐ Não

CONTINUA

5. A OG trouxe alguma coisa de novo ao bairro onde vive?

D. PENSANDO NA OG EM GERAL...

1. O que é para si mais importante na OG?

2. O que acha que deveria mudar no funcionamento da OG?

3. Se tivesse oportunidade de falar com os responsáveis da Orquestra Geração , o que lhes dizia?

E. DADOS PESSOAIS

1. Mulher ☐ Homem ☐

2. Idade ☐-16-19 ☐-20-24 ☐-25-39 ☐-40-49 ☐-50-65 ☐ >65

3. Relação de parentesco com a criança que está na OG?

☐ mãe ☐ pai ☐ avó/avô ☐ madrastra/padrasto ☐ irmã/irmão ☐ tia/tio
☐ tutor/mediador ☐ outro

4. Residência. 3.1. Bairro: _____ 3.2. Freguesia: _____

5. Local de nascimento. 4.1. Concelho: _____ 4.2. País: _____

6. Nível de Escolaridade: ☐ 1º ciclo ☐ 2º ciclo ☐ 3º ciclo (9ºano) ☐ Ensino secundário (12ºano)
☐ curso profissional ☐ curso superior (universidade)

7. Atividade: ☐ empregado ☐ desempregado ☐ Trabalhador estudante ☐ reformado

☐ doméstica ☐ estudante

8. Profissão: _____

9. Quantas crianças e jovens até aos 18 anos que vivem em casa? _____

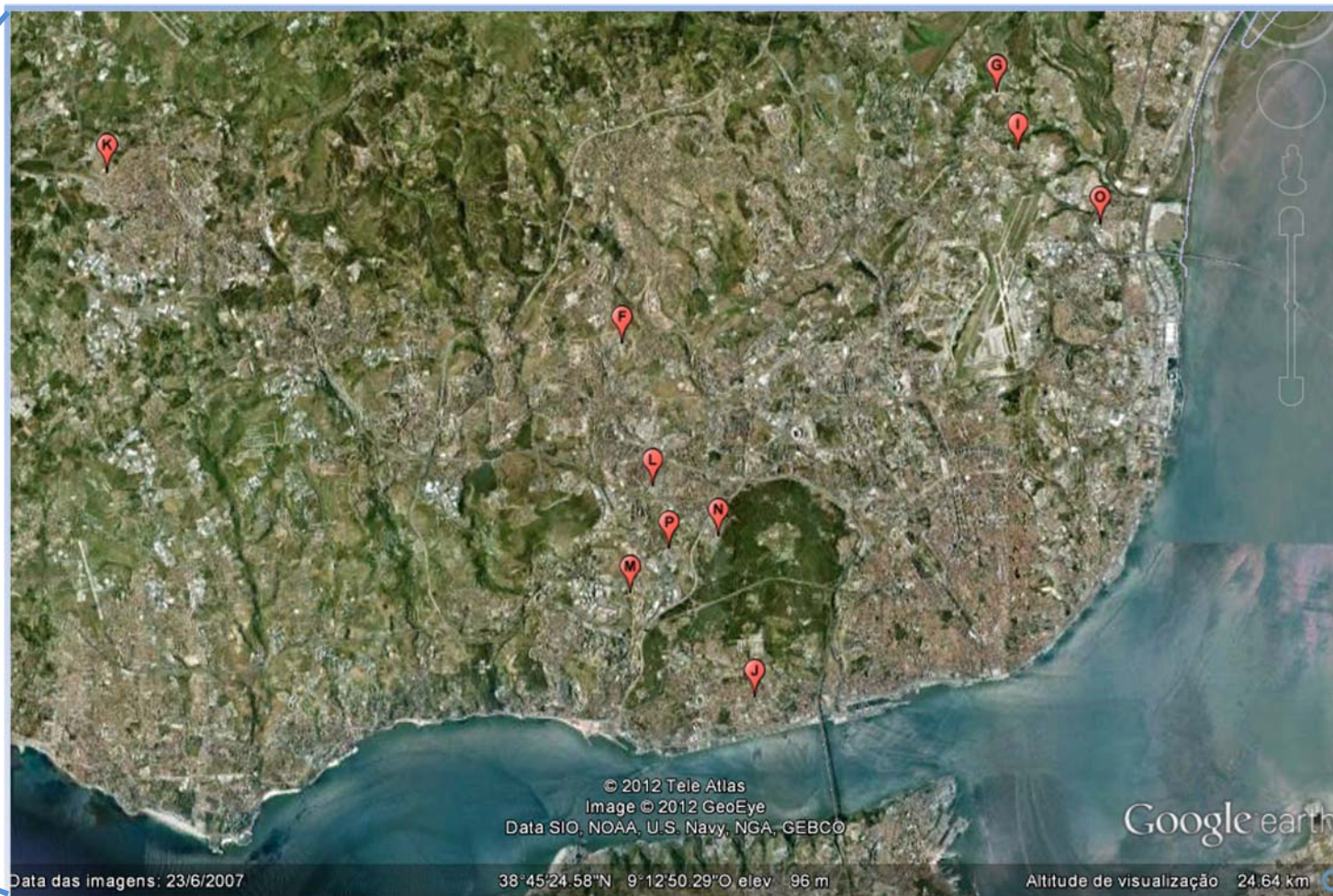
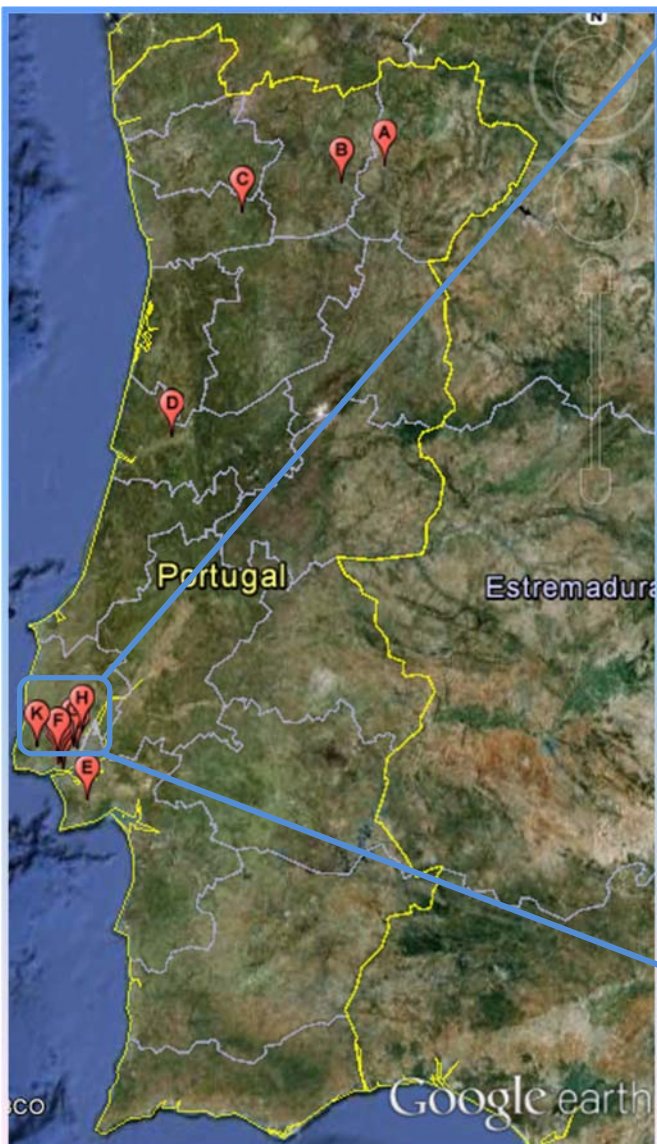
10. Agregado familiar: ☐ casal com filhos ☐ mãe só com filhos ☐ pai só com filhos ☐ avós só com netos
☐ pais, avós e netos ☐ outros casos

FIM

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

ANEXO 7 – Os territórios da OG: fichas de caracterização das escolas

(ficheiro autónomo)



A- Agrupamento de Escolas Luciano Cordeiro e Artemir
 B- Agrupamento Vertical de Escolas de Murça
 C- Agrupamento de Escolas Amadeo Souza Cardoso e Centro Cultural de Amarante
 D- Agrupamento de Escolas de São Silvestre e Conservatório de Musica de Coimbra
 E- Agrupamento de Escolas da Boa Água
 F- Agrupamento de Escolas Miguel Torga
 G- Agrupamento de Escolas da Apelação
 H- Agrupamento de Escolas de Vialonga

I- Agrupamento de Escolas de Camarate - Dom Nuno Alvares Pereira
 J- Agrupamento de Escolas Francisco Arruda
 K- Agrupamento de Escolas Mestre Domingos Saraiva
 L- Agrupamento de Escolas da Damaia
 M- Agrupamento de Escolas Carnaxide-Portela
 N- Agrupamento de Escolas Pedro Santarém
 O- Agrupamento de Escolas Sacavém e Prior Velho
 P- Agrupamento Vertical Almeida Garrett

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas Luciano Cordeiro
- ✓ Local das aulas da OG: (A) Artemir - Associação de Ensino Profissional e Artístico de Mirandela



- ✓ Localização: - Concelho: Mirandela
 - Freguesia: Mirandela
 - Rua: Coronel Sarmento Pimentel
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2010/2011
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 39
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Luciano Cordeiro (escola sede)
 - Jardins de Infância: 10
 - Escolas do 1º Ciclo: 14
- ✓ Número de alunos do agrupamento:
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano:
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário:
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 11 852
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 6,60%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 15,7%

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento Vertical de Escolas de Murça
- ✓ Local das aulas da OG: (B) Escola Básica do 2º e 3º Ciclo/Secundária de Murça



- ✓ Localização: - Concelho: Murça
 - Freguesia: Murça
 - Rua: Frei Diogo
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2011/2012
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 35
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica e Secundária de Murça (escola sede)
 - Centro Escolar de Murça
 - Jardim de Infância de Murça
- ✓ Número de alunos do agrupamento:
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano:
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário:
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 2 136
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011:
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: ...

✓ **Ficha de Caracterização das Escolas**

- Agrupamento de Escolas Amadeo Souza Cardoso / Centro Cultural de Amarante
- ✓ Local das aulas da OG: (C) Escola Básica do 2º e 3º Amadeo Souza Cardoso



- ✓ Localização: - Concelho: Amarante
 - Freguesia: Telões ; Rua/Bairro: Lugar do Carvalho
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2009/2010
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 38
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Amadeo Souza-Cardoso (escola sede)
 - Escolas do 1º ciclo: 15
 - Jardins de Infância: 10
 - Escolas do 1º ciclo/Jardim de Infância: 4
- ✓ Número de alunos do agrupamento:
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano:
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário:
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 4 232
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: -6,64%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 16,8%

Ficha de Caracterização das Escolas

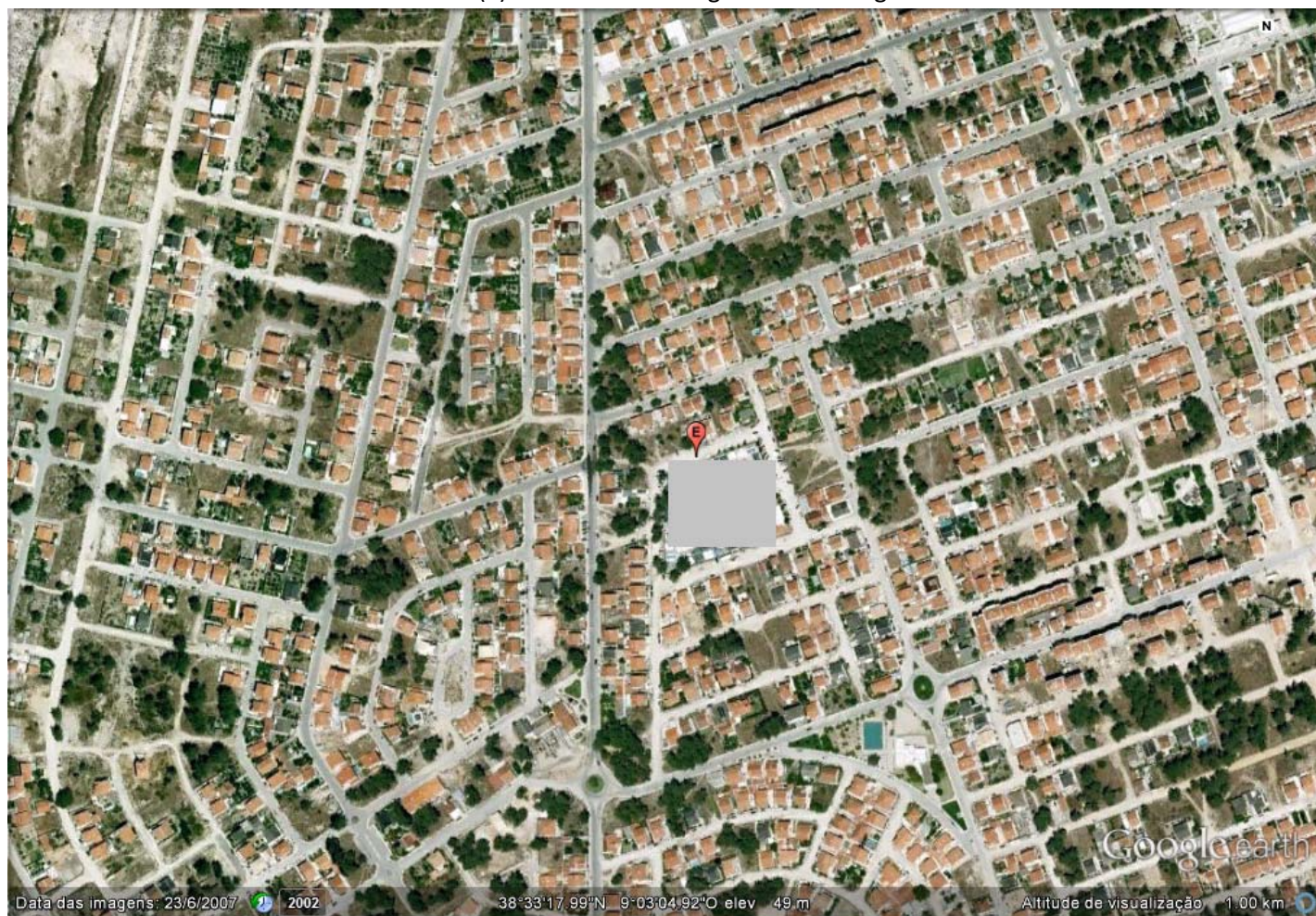
- Agrupamento de Escolas de São Silvestre
- ✓ Local das aulas da OG: (D) Escola Básica Nº 2 de São Silvestre



- ✓ Localização: - Concelho: Coimbra
 - Freguesia: São Silvestre
 - Rua: dos Barreiros
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2010/2011
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 41
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Nº 2 de São Silvestre (escola sede)
 - Escolas do 1º ciclo: 9
 - Jardins de Infância: 6
- ✓ Número de alunos do agrupamento:
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano:
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário:
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 3 122
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 1,33%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 14,8

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas da Boa Água
- ✓ Local das aulas da OG: (E) Escola Básica Integrada da Boa Água



- ✓ Localização: - Concelho: Sesimbra
 - Freguesia: Quinta do Conde
 - Rua: Serra de Monchique
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2009/2010
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 47
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Integrada da Boa Água (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo Nº 2 da Quinta do Conde
 - Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância do Pinhal do General
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 774
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 87,3%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 28%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 25 606
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 53,38%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 19,9

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas Miguel Torga
- ✓ Local das aulas da OG: (F) Escola Básica do 2º e 3º ciclo de Miguel Torga



- ✓ Localização: - Concelho: Amadora
 - Freguesia: Casal de São Brás, Praceta: Padre Álvaro Proença
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2007/2008
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 94
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo de Miguel Torga (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo Artur Martinho Simões
 - Escola Básica do 1º ciclo da Boba
 - Jardim de Infância de São Brás
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 772
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 67,5%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 62,7%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 26 263
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 26,72%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 18,4%

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas da Apelação
- ✓ Local das aulas da OG: (G) Escola Básica Integrada da Apelação



- ✓ Localização: - Concelho: Loures
 - Freguesia: Apelação
 - Rua: das Escolas
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2008/2009
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 47
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Integrada da Apelação (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo e Jardim de Infância Nº 1 da Apelação
 - Escola Básica do 1º ciclo e Jardim de Infância Nº 2 da Apelação:
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 429
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 46,9%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 48,5%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 5 647
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: -8,01%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 18.6

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas de Vialonga
- ✓ Local das aulas da OG: (H) Escola Básica do 2º e 3º ciclo de Vialonga



- ✓ Localização: - Concelho: Vila Franca de Xira
 - Freguesia: Vialonga
 - Rua: Almirante Gago Coutinho
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2007/2008
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 187
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo de Vialonga (escola sede)
 - Jardins de Infância: 3
 - Escola Básica do 1º ciclo: 6
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 2215
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 80,8%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 36,9%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 21033
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 35,91%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 20,

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas de Camarate-D. Nuno Alvares Pereira
- ✓ Local das aulas da OG: (I) Escola Básica do 2º e 3º ciclo Mário de Sá Carneiro



- ✓ Localização: - Concelho: Loures
 - Freguesia: Camarate
 - Rua: Eduardo Augusto Pinto
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2008/2009
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 41
- ✓ Composição do agrupamento: - Básica do 2º e 3º ciclo Mário de Sá Carneiro (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância: 2
 - Escola Básica do 1º ciclo: 5
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 1029
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 64,1%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 51%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 19 789
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: -5,98%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 16

✓ **Ficha de Caracterização das Escolas**

- Agrupamento de Escolas Francisco Arruda
- ✓ Local das aulas da OG: (J) Escola Básica do 1º ciclo Alexandre Herculano



- ✓ Localização: - Concelho: Lisboa
 - Freguesia: Ajuda
 - Rua: Nova do Calhariz
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2010/2011
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 46
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo Francisco Arruda (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo: 5
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 1347 (2009/10)
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 87,5%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 58,9%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 15 584
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: -13,23%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 11,8

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas Mestre Domingos Saraiva
- ✓ Local das aulas da OG: (K) Escola Básica do 2º e 3º ciclo Mestre Domingos Saraiva



- ✓ Localização: - Concelho: Sintra
 - Freguesia: Algueirão-Mem Martins
 - Rua: Dr. Coutinho Pais
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2009/2010
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 55
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo Mestre Domingos Saraiva (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo/jardim de Infância Casal da Cavaleira
 - Escola Básica do 1º ciclo do Algueirão
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 1529
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 88,0%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 51,9%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 66 250
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 6,08%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 18,7%

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas da Damaia
- ✓ Local das aulas da OG: (L) Escola Básica do 2º e 3º ciclo Professor Pedro D'Orey da Cunha



- ✓ Localização: - Concelho: Amadora
 - Freguesia: Damaia, Rua: Bernardino Machado
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2011/2012
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 44
- ✓ Composição do agrupamento: - E.B. do 2º e 3º ciclo Professor Pedro D'Orey da Cunha (escola sede)
 - Jardim de Infância: 1
 - Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância: 3
 - Escola Básica do 1º ciclo: 1
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 785
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 70,6%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 48,5%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 20 894
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 1,72%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 13,3%

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas Carnaxide Portela
- ✓ Local das aulas da OG: (M) Escola Básica do 1º ciclo Amélia Vieira Luís



- ✓ Localização: - Concelho: Oeiras
 - Freguesia: Carnaxide
 - Largo: 7 de Junho de 1759 - Portela de Carnaxide
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2009/2010
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 30
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica Integrada Sophia de Mello Breyner (escola sede)
 - Jardim de Infância Tomás Ribeiro
 - Escola Básica do 1º ciclo Amélia Vieira Luís
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 795 (2009/10)
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 70,6%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 66,5%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 25 911
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 21,55%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 18,1

✓ Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento de Escolas Pedro Santarém
- ✓ Local das aulas da OG: (N) Escola Básica do 1º Ciclo e Jardim de Infância Arquiteto Ribeiro Telles



- ✓ Localização: - Concelho: Lisboa
 - Freguesia: Benfica; Bairro: da Boavista
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2010/2011
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 30
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo Pedro Santarém (escola sede)
 - Jardins de Infância: 2
 - Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância: 1
 - Escola Básica do 1º ciclo: 2
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 1665 (2009/10)
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 65,7%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 68,6%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 36 821
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: -11,65%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 11,0%

✓ **Ficha de Caracterização das Escolas**

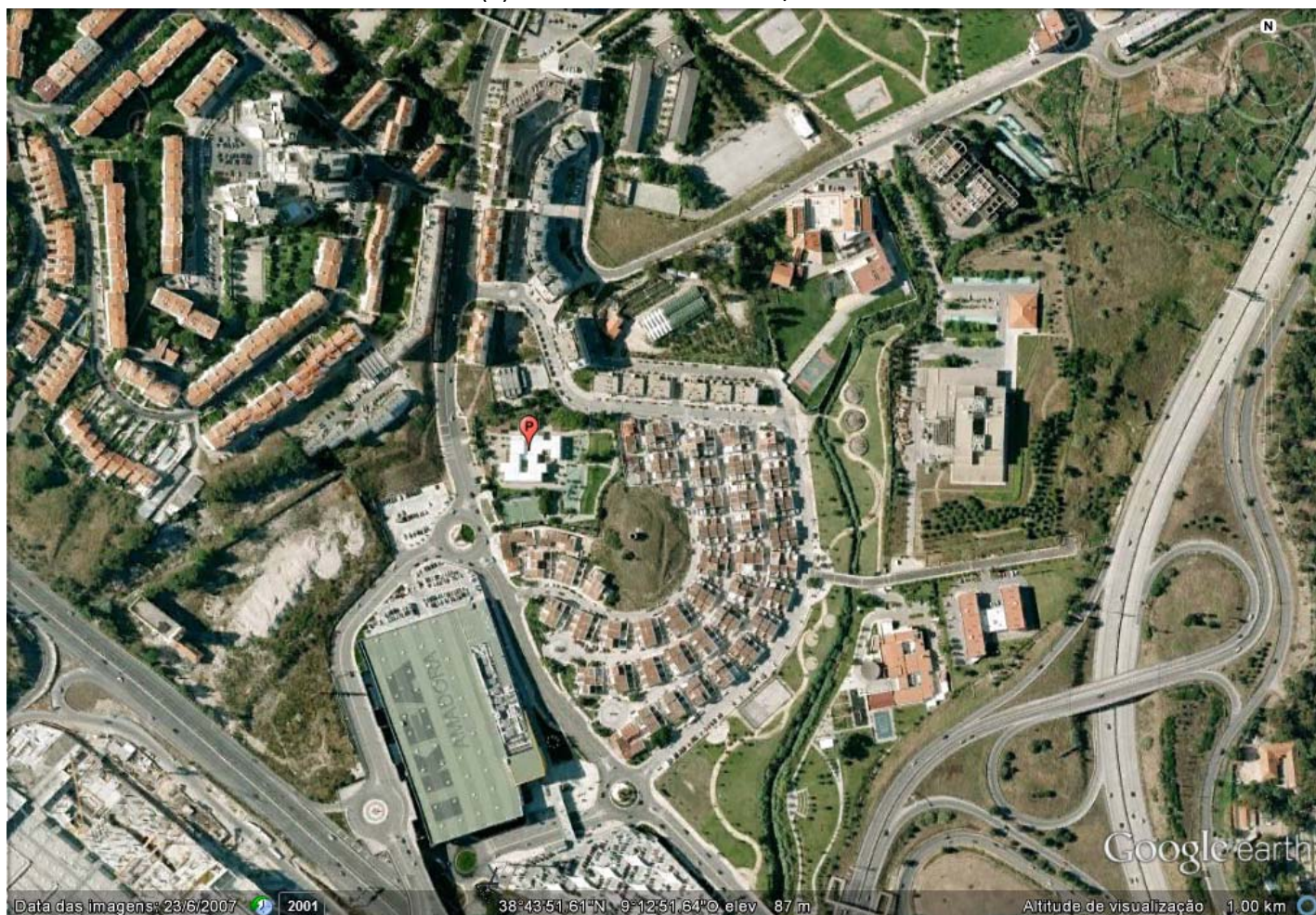
- Agrupamento de Escolas de Sacavém e Prior Velho
- ✓ Local das aulas da OG: (O) Escola Básica do 2º e 3º ciclo Bartolomeu Dias



- ✓ Localização: - Concelho: Loures
 - Freguesia: Sacavém; Rua: Heróis do Ultramar
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2008/2009
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 41
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Secundária de Sacavém (escola sede)
 - Jardins de Infância: 4
 - Escola Básica do 1º ciclo: 4
 - Escola Básica do 2º e 3º ciclo Bartolomeu Dias
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 659
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 62,1%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 53%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 18 469
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 4,98%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 15,9%

Ficha de Caracterização das Escolas

- Agrupamento Vertical Almeida Garrett
- ✓ Local das aulas da OG: (P) Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância do Alto do Moinho



- ✓ Localização: - Concelho: Amadora
 - Freguesia: Buraca
 - Bairro: Alto do Moinho/Zambujal
- ✓ Ano de início da Orquestra Geração: Ano Letivo 2009/2010
- ✓ Número de alunos na Orquestra Geração em 2011/2012: 64
- ✓ Composição do agrupamento: - Escola Básica do 2º e 3º ciclo Almeida Garrett (escola sede)
 - Escola Básica do 1º ciclo/Jardim de Infância: 3
- ✓ Número de alunos do agrupamento: 245 (2009/10)
- ✓ Percentagem de alunos que transitaram de ano: 73,9%
- ✓ Percentagem de mães de alunos com habilitação inferior ao ensino secundário: 71,2%
- ✓ População residente da freguesia 2011 (dados provisórios): 16 081
- ✓ Variação da população da freguesia 2001/2011: 1,46%
- ✓ Percentagem da população da freguesia com menos de 15 anos: 16,2%